

o diário íntimo de linda lovelace

o diário íntimo
de
Linda Lovelace

Composto e impresso
E. P. S. -.Gazeta do Sul.
Montijo

Título do original norte-americano

"THE INTIMATE DIARY Of LINDA LOVELACE"

Tradução
de
FERNANDO PASSOS

Quanto a mim, a única palavra realmente
obscena é matar. Se outras palavras,
que encontrarás neste livro te ofendem,
pára já aqui. Vai comprar um exemplar do
"Reader's Digest" e diverte-te.

O VAIVÉM DA VIDA...

- O meu diário descreve o nascimento de uma
pessoa, o seu pleno desenvolvimento. Demorei muito
tempo a desenvolver-me. Toda a minha vida tenho
tentado libertar-me. Estou finalmente a consegui-lo.

- As pessoas que controlam os meios de comunicação presumem que a mentalidade deste
país é baixa.

Mas eu dou às pessoas mais crédito. Por que é que não
se dá às pessoas uma possibilidade de elas mostrarem
que realmente apreciam bons programas? E refiro-me
à verdade. A verdade sobre a vida. O que eu faço
é apenas a verdade.

I Se uma mulher aparecer nua no Wilshire Boulevard, a polícia prende-a. Mas, se a
mesma mulher for
modelada em bronze e colocada num museu, as pessoas
olharão para ela, considerarão que se trata de arte
e nem um polícia intervirá.

- Nós banimos o amor dos filmes. Mas se uma
personagem na tela ficar com os intestinos à mostra,



de modo que todos vejam, ou se apanhar um pontapé nos tomates, isso está bem.

É UMA VIDA DE "ESTRELA"..

Tomo a minha vida nas mãos ao escrever este livro. Isto poderá parecer uma maneira dramática de começar um livro ou mesmo uma anedota, mas é a verdade. Se me partirem os braços ou se aparecer morta em qualquer fosso, se me lançarem ácido ao rosto ou se for abatida a tiro, quero isso preto no branco: tenho uma

carta guardada numa caixa de depósito bancária indicando o nome do homem que o terá feito.

Mas, de uma vez por todas, tenho de me libertar. Talvez se contar toda a história, a verdadeira história, possa finalmente arrancá-la do meu peito e do meu corpo, e talvez possa esquecê-la para sempre. Fui ameaçada por um homem que está muito doente. É um homem cheio de violência. Ameaçou de morte o meu brilhante advogado, David Rudich; o meu empresário, Lee Windler; o homem da minha vida, David Winters; a minha secretária Dolores e sua filha; dois escritores, Norman Sachs e Mel Mandel; e, evidentemente, a mim também. Algumas destas pessoas foram à polícia e ao gabinete do procurador distrital, e se algum "acidente" acontecer ou se de facto for cometido um crime, as suspeitas recairão sobre esse homem doente.

Não se trata de um louco de olhar desvairado que ande por aí a gritar ameaças. Ele tem uma espingarda semi-automática "M-16". Mas ainda ninguém lha tirou. Tem uma pistola automática "Walther PPK".45. Mas também ainda ninguém lha tirou.

As vezes penso que irei viver para um país diferente, para que nunca mais saibam de mim. Mas isso equivaleria a desistir da minha vida, de outra maneira, e também não o farei. Sou agora uma "estrela". Tenho uma boa vida, uma vida que é realmente minha. Por isso, não sairei daqui. Não é que não exista uma verdadeira lei neste país. Mas é uma terra em que é difícil conseguir justiça. Não admira que muitas "estrelas" se voltem

para as chamadas "famílias" (I), (I), Referência às organizações da "Mafia". (N. T.) onde um aperto de mão é uma promessa que tem o seu valor. Aí pode conseguir-se protecção, dizem as pessoas. Onde estão as autoridades deste país? Olhem para a Casa Branca; devia ser pintada de negro.

Alguém me contou em tempos que na cidade de Nova York uma mulher foi assassinada enquanto trinta e oito pessoas observavam a cena e nada faziam para a ajudar. Ninguém chamou a polícia, nem mesmo do interior dos seus próprios apartamentos. Talvez as testemunhas pensassem que isso de pouco valeria. Talvez pensassem que a seguir seria a vez delas... E aqui estou eu, o símbolo sexual da década de 70, a mulher que realmente acredita em dar amor e em gozar, e que é "realmente livre". A verdade é que houve uma altura em que não me deixavam ir comprar sozinha um "hamburger". A dona de casa média nos subúrbios, às voltas com o seu aspirador de pó, tem mais liberdade do que eu tinha.

Toda a minha vida procurei orientar a minha mentalidade. A nossa vida é apenas aquilo que nós decidimos

que ela será. Mas, se nos ensinarem que é feio o facto de nos virmos, que devemos evitá-lo, ou que é sujo fazer amor com a boca, teremos de lutar.

E agora estou a lutar para me tornar realmente livre. Custe o que custar, vou ser livre. Livre em todos os sentidos.

Eu era apenas uma pessoa vulgar mas, antes de ter

compreendido o que acontecera, estava transformada numa "estrela", num nome que toda a gente conhecia.

Um nome que fazia as pessoas sorrir. Durante muito tempo não compreendi isso. Parecia uma coisa agradável, mas comecei a pensar qual seria a grande piada. Seria por causa daquilo que Fiz em "Garganta Funda"?

Pensei no caso e, gradualmente, comecei a compreender o motivo por que as pessoas sorriam quando se falava no meu nome. Era porque as pessoas compartilhavam

um segredo agradável que as deixava um tanto embaraçadas. Era como se dissessem: "Nós sabemos como

somos, bem no nosso íntimo, e aquilo que realmente queremos, mas nunca devemos mostrá-lo não é?"

As pessoas andam pela vida ostentando uma certa face, umas certas roupas e uma certa atitude, mas não é isso o que elas realmente são. Por baixo de tudo isso, somos basicamente o mesmo. Todos nós queremos as mesmas coisas, mas ou estamos demasiado assustados para o dizer ou demasiado envergonhados para

o mostrar. A primeira vez que vi Marlon Brando num filme, ainda era eu pequena, as pessoas que estavam no cinema riam, quando o viam. Mas ele não estava a fazer nada que fosse engraçado. No entanto as pessoas

reconheciam uma parte de si próprias quando o observavam. E, de certo modo, sucede o mesmo quando se fala no meu nome.

Creio que à maior parte das pessoas da classe média agrada a ideia de serem acariciadas sexualmente com a boca ou de acariciarem alguém desse modo, mas trata-se de uma daquelas coisas de que não falam. Por isso, quando se aborda o assunto, sorriem. E riem, mas é um riso bom, um riso feliz, apesar de se sentirem embaraçadas.

Todas as reacções dependem do local em que nos encontramos ou do que estamos a fazer. Se uma mulher aparecer nua no Wilshire Boulevard, a polícia prende-a. Mas, se a mesma mulher for modelada em bronze e colocada num museu, as pessoas olharão para ela, considerarão que se trata de arte, e nem um polícia intervirá. E não somos autorizados a tocar-lhe. Quero compreender melhor as reacções das pessoas perante mim e também as minhas reacções para com elas.

Quando participava numa peça teatral, recentemente em Filadélfia, recebi uma notificação. Não foi a primeira vez que me notificaram para comparecer num tribunal em que se fazia o julgamento de um caso de obscenidade.

Mas nunca sou chamada a depor pela defesa. Sou chamada a depor pelo Governo, pela acusação. O que me

perguntam é: O filme "Garganta Funda" foi feito na Florida? E foi transportado através de fronteiras estaduais? Ao princípio, não compreendia o motivo por que precisavam de mim para provar isso. Qualquer pessoa envolvida na produção do filme poderia ter deposto sob juramento quanto àquele ponto; qualquer pessoa nessas condições teria livremente confessado aquilo. Porquê eu?

Por que me faziam ir até Tucson, no Arizona; para ser testemunha pelo Governo? Tive tempo de sobra

para pensar no caso no Kentucky e no Arizona, depois de lá estar. Era por causa da publicidade. A publicidade para o Governo era formidável. Eu aparecia

nas primeiras páginas dos jornais daquelas cidades, só porque lá estava.

A coisa mais comerciável neste país é um nome bastante conhecido. O meu nome pode ajudar a vender sapatos ou ajudar a fazer publicidade de qualquer negócio de artigos pornográficos. Por isso, preciso de ter muito cuidado. Aprendi isto à minha custa. Mas depois voltarei ao assunto.

Voltando à notificação em Filadélfia, fiquei preocupada. Pensei que iam entregar-me a notificação quando

eu estivesse no palco, só para transformar a coisa num grande espectáculo: Mas afinal o tipo que foi notificar-me era um velhote simpático. Aproximou-se de mim durante uma pausa nos ensaios e disse:

- Desculpe... - É Linda Lovelace?

Quando lhe disse que sim, entregou-me a notificação, um pedaço de papel e uma caneta esferográfica. Eu disse-lhe que, se tivesse de assinar alguma coisa, teria primeiro de falar sobre o assunto com o meu advogado. O velhote sorriu e disse:

-Apenas quero o seu autógrafo para a minha sobrinha, Linda...

Olhei para ele. Usava uma camisa às riscas, uma gravata levemente de lado, calças muito largas, um chapéu velho, e óculos sem aro. Pensei para comigo: este tipo deve ter trabalhado toda a vida num emprego que detesta, e deve ter os seus sonhos secretos. E agora conhece-me, o que o leva a pensar em si próprio de um modo... excitante. Vejo isso nos seus olhos, e, só para me divertir, talvez eu fosse capaz de lhe proporcionar a maior emoção da sua vida.

Assinei o meu nome com um pequeno coração por cima do "i", como sempre faço, e fiquei a vê-lo afastar-se. Eu tinha a notificação judicial e ele tinha o seu

autógrafo. Eu não ficara a ganhar na troca, pensei, mas ao menos ele foi satisfeito.

Para mim, são estranhas as reacções das pessoas. Recentemente, estive presente numa reunião efectuada numa famosa companhia de discos. Estávamos sentados na sala de conferências: vice-presidentes, gerentes de vendas e produtores de discos encontravam-se sentados em volta da mesa. Estavam todos com um ar muito "comercial" e empertigados. Creio que também estavam um tanto nervosos porque sabiam que o presidente da companhia, um homem muito célebre, estava para chegar a todo o momento a fim de participar na conferência. Eu disse então:

- Vocês não sorriem bastante... Não vos agradam os vossos empregos? Por que é que não sorriem?

Um dos directores, tipo ainda novo, fixou os olhos em mim e respondeu:

-Estamos aqui para tratar de negócios. Não viemos aqui para estar com brincadeiras.

Respondi-lhe:

- Mas ninguém sequer deseja o meu autógrafo...

Então o tipo disse:

- Estamos habituados a ter aqui "estrelas". Temos uma lista completa... Vamos antes falar sobre o negócio que se vai fazer.

Nesse mesmo momento o presidente entrou, e todos se sentaram um pouco mais empertigados nas suas cadeiras. Caminhou directamente para mim, de mão estendida:

- Olá, Linda! Prazer em vê-la. Mas, mesmo antes de começar a falar em negócios consigo, há uma coisa importante a resolver: Se eu não conseguir o seu autógrafo e não o levar hoje comigo para casa, a minha mulher mata-me!

- Não me pareceu que estes senhores se deixassem impressionar por celebridades - respondi, olhando para o tipo mais novo.

- Tolice! - disse o presidente. - Quem se esquece de que temos de vender aos "fans", às pessoas que se deixam impressionar por nomes célebres, está aqui a mais.

Voltei a olhar para o jovem director, que mais parecia querer enfiar-se pela cadeira abaixo ou pela janela fora, mas não disse nada. Apenas sorri. E fiquei a saber por que motivo o outro tipo é que era o presidente da companhia...

Desde que me tornei num "nome", tenho assistido às reacções de funcionários que me notificam judicialmente e de presidentes de companhias de discos, e

conhecido pessoas em todo o país. Conheci pessoalmente

"estrelas" que foram os meus ídolos quando eu era

pequena - Elvis Presley, Warren Beatty, Hugh Hefner,

Ann-Margret e Frank Sinatra - e tenho andado a

escrever um diário. Vou tomando os meus apontamentos em aviões e comboios e automóveis e clubes

nocturnos. Nunca pensei vir um dia realmente a deixar

alguém publicar estes apontamentos privados, que eram

só meus, mas agora vou fazê-lo. Em alguns casos a verdade irá magoar, mas, se as coisas são assim mesmo,

não mentirei. Vou escrever tudo aquilo de que me

recordo e a seguir fazer uma gravação de tudo, tal como

aconteceu. Sem aldrabices. A história franca sobre os

hábitos sexuais de algumas pessoas, as ideias bizarras

que certas pessoas têm acerca do sexo, e as coisas

doentias, estranhas, que elas obrigam os outros a fazer

apenas para se satisfazerem.

Não me interpretem mal. Creio que tudo o que

torne duas pessoas felizes está certo - desde que não vá

ferir qualquer delas ou outra pessoa. A violência é a única obscenidade, em minha opinião. Preferia que um filho meu visse duas pessoas a fazer amor do que um filme de James Bond ou de John Wayne.

Nós banimos o amor dos filmes. Mas se uma personagem na tela ficar com os intestinos à mostra, de modo que todos vejam, ou se apanhar um pontapé nos tomates, isso está bem. Creio que foi uma das jornalistas do semanário "Newsweek" que disse que o filme "O Exorcista" fez que "Garganta Funda" parecesse

um divertimento "limpo". E ela tinha razão.

Por que motivo não se diz a verdade neste país? Tenho ouvido intelectuais afirmar que é por termos uma História puritana. Não acredito. A moral puritana data de há muito tempo. As pessoas não têm de ficar agarradas para sempre a ideias ultrapassadas. Podem lutar contra isso. Por que não? Ainda há leis, em mais de quarenta Estados, que dizem que as pessoas não devem fazer amor oral umas com as outras. Mas todas as noites, em cada um desses Estados, as pessoas fazem amor oral umas com as outras, gozando os seus corpos por trás de portas fechadas. Mas depois levantam-se, vão para os seus empregos e fazem crer que nada aconteceu. É tempo de acabar com essa hipocrisia.

Creio que muitas pessoas que se encontram no poder são frustradas. Penso que é por esse motivo, antes de qualquer outro, que elas querem o poder. Achar que Nixon tem o aspecto de alguma vez ter acariciado sexualmente uma mulher com a boca? Se o tivesse feito, ou se pudesse fazê-lo, aposto que o país seria diferente. Seria excelente se ele anunciasse pela Televisão:

- Olá, amigos! Ouçam isto: Na próxima quinta-feira é dia de sexo. Vou ficar em casa todo o dia, e não trabalho. O vosso Presidente vai passar o dia a gozar!

E é possível que, em vez de se zangarem, muitas pessoas comessem a fazer a mesma coisa - refiro-me às pessoas do Congresso. Fui ver no dicionário a palavra "congresso". Sabem o que significa? Significa uma reunião, e também significa foder. Mas que surpresa, hem? Vamos todos fazer um pouco mais de congressos no nosso país, é o que vos digo.

Portanto, vou juntar todas as minhas recordações. E vou dizer a verdade acerca das pessoas que conheci, acerca de pessoas que ocupam posições elevadas, e

acerca do meu ex-marido. E ninguém poderá alterar a minha história. O editor poderá melhorar a gramática e a estrutura das frases, mas ela será minha, será da Linda Lovelace. Ninguém voltará a meter ideias na minha cabeça ou palavras na minha boca. O que eu digo e o que eu faço são coisas estritamente minhas. Eu não sou propriedade de ninguém. Sou eu mesma. O meu diário e as minhas fitas gravadas descrevem o nascimento de uma pessoa, o seu pleno desenvolvimento. Demorei muito tempo a desenvolver-me.

Toda a minha vida tenho tentado libertar-me. Estou finalmente a consegui-lo.

Quando frequentava a escola católica, as irmãs de caridade diziam-me que, se uma rapariga usasse sapatos de cabedal negro genuíno, eles reflectiriam as suas cuecas como um espelho, e os rapazes vê-las-iam. Por isso, as raparigas não deviam usar sapatos de cabedal negro genuíno. Não sei se o fabricante de calçado de que faço a publicidade faz sapatos de cabedal negro genuíno. Espero que sim. Também me foi dito que nunca deveria aceitar rosas de um homem, pois elas poderiam excitar-me sexualmente. Por isso as freiras

disseram-me que eu devia deitá-las fora, se alguma vez me fossem oferecidas, a não ser que quisesse ser uma menina má e ir para o inferno eternamente. Acham que isto poderia ter sucedido no Século XX? Não? Pois então acreditem que sucedeu. E continua a suceder.

E a escola católica que frequentei não era no Mississipi: era em Yonkers, Nova York.

Mas, mesmo quando eu era muito nova, não conseguiam enganar-me. Quando olhava para uma flor, eu

sabia que ela era algo muito belo. Vejam como uma flor é feita: não creio que haja seja o que for, feito pelo Homem, tão belo como uma flor.

Por isso fiz à irmã de caridade uma pergunta. E, evidentemente, a sua resposta não me satisfez completamente. Por isso fiz outra pergunta, e mais outra.

E, assim, comecei a pensar cada vez mais. Mas isso teve uma interrupção.

Apareceu Chuck, e tomou conta da minha vida.

Comecei então a saber quem ele era e, durante o resto dos meus dias e das minhas noites com ele, fiz planos e projectos - e até rezei - para de qualquer modo

fugir dele. Eu era jovem e ingénua. Nada mais sabia fazer. Tinha instintos saudáveis, bons, e um grande desejo de aprender. Mas Chuck não queria que eu

aprendesse. Sei agora que ele me utilizou para se vingar de algumas mulheres. Chuck estava sempre a dizer-me que eu era estúpida. Disse-me tantas vezes que eu era estúpida que comecei a acreditar nele. Algumas vezes, tentei fugir-lhe. Mas ele apanhava-me sempre, arrastava-me para casa e enchia-me de porrada.

Se repararam nas marcas negras e azuis que se vêem no meu corpo no filme "Garganta Funda", talvez tivessem ficado a pensar em como teriam sido provocadas. Eu vou dizer-lhes. Foi o meu marido. Pequenas recordações, lembranças de que era ele o senhor e eu a escrava. Desde o dia em que o conheci, nunca fiz nada, nunca disse nada nem fui fosse onde fosse sem ter sido por ideia dele. Isso talvez estivesse bem, se eu tivesse estado de acordo. Independentemente dos resultados ou do que fizéssemos entre nós ou a outras pessoas, tudo teria estado bem se me tivesse sido dada a possibilidade de ter uma opinião sobre o assunto. Mas eu fazia coisas terríveis que não queria fazer. Não o filme "Garganta Funda", porém coisas que talvez outras pessoas apreciem - mas não eu: É certo que aquilo podia ser bom para outras pessoas: viver e deixar viver sem censura - porém sem a imposição pela força. Não acredito que seja correcto forçar alguém a fazer uma coisa contra a sua vontade.

Não me interpretem mal. Gostei de fazer o que fiz no filme "Garganta Funda". O que eu detestava era o que acontecia sexualmente com Chuck.

Certa vez tentei esconder-me em casa dos meus pais, e pensei que ali estaria protegida. Mas Chuck apareceu lá e ameaçou os meus pais de morte, se eu não fosse imediatamente com ele.

Creio que há muitas mulheres que ficam com um homem por medo. Medo de não terem dinheiro com

que comer. Medo de não conseguirem arranjar emprego e mantê-lo, se ficarem sozinhas na vida. Medo de que os filhos não tenham bastante que comer. Medo de ficarem sozinhas. Medo de que o seu homem lhes bata ou aos filhos. No meu caso, foi um pouco diferente. Eu vivi numa agonia de terror.

Mas agora a torneira abriu-se: vou deitar tudo cá para fora.

"AMAR, HONRAR E OBEDECER?"

O meu companheiro mais íntimo enquanto estive

casada foi... o meu vibrador. Durante todo o tempo que estive casada com Chuck - mais de um ano creio que ele me fodia uma vez por mês ou de seis em

seis semanas. Mesmo quanto tínhamos relações, não prestava para nada. Ao princípio, pensei que havia em mim algo que não estava bem. Creio que as mulheres pensam sempre, ao princípio, que o defeito é delas. Eu era tão palerma!

Mas agora sei sempre dizer como um homem é realmente. Se um tipo for muito inseguro ou retraído, podemos apostar, naturalmente, que ele não gosta lá muito de foder. Se já repararam nesses tipos elegantes que por aí há, e que estão sempre a ajeitar o cabelo,

sempre a perguntar-nos: "Foi bom? Foi bom? Vieste-te?", é melhor esquecê-lo - pois é demasiado inibido

ou inseguro acerca de si mesmo para poder entregar-se todo, ser feliz e não se ralar.

A personalidade de Chuck era ainda pior - muito pior. Eu nunca podia prestar atenção a mim própria. Ele ficava furioso se eu me demorasse um pouco mais na banheira. Se ele estivesse a ver televisão, eu tinha de estar sentada mesmo ao lado dele. Se eu tinha de limpar a casa, ele ficava furioso, a não ser que eu a limpasse logo de manhã, antes de ele se levantar, ou então depois de ele adormecer. Porquê? Aquilo não era amor. Chuck na verdade não sabia o significado dessa palavra e nunca a utilizou. Mas tinha receio de que, se eu comesse a fazer coisas sozinha - qualquer coisa, mesmo limpar a casa -, poderia começar

a pensar por mim própria. O pior dos seus receios era que, se eu um dia comesse a compreender as coisas, a sua "propriedade" lhe fugiria de entre as mãos como areia. Ou talvez eu voltasse a fugir. Ele tinha de me manter sempre com medo. Eu nunca conseguia sair sozinha. Chuck sabia que, se eu algum dia saísse do seu controle um pouco que fosse, poderia mesmo afastar-me e começar a ser feliz. Ele não queria correr qualquer risco.

Chuck é também um daqueles tipos que se senta na parte da frente do automóvel com um dos seus amigos, enquanto as mulheres se sentam atrás. Chock pensa que os homens devem dominar as mulheres porque nenhuma mulher tem mentalidade própria. Trata-se de algo que ele não pode mesmo compreender. Se uma mulher diz alguma coisa, ele pensa que foi um homem que lhe pôs as palavras na boca e as ideias

na cabeça.

Certa vez, ele, minha irmã Jean e eu fomos à praia com um amigo dele. Como ela é casada, ele tentava de vez em quando conseguir tirar uma fotografia com prometedora da Jean com o outro tipo. Ele sabia que eu e a Jean nos entendíamos muito bem e pensou que seria melhor ter algum elemento contra ela que pudesse utilizar mais tarde, no caso de ela começar a encorajar-me no sentido de eu me revoltar contra ele. E penava desse modo só porque eu parecia feliz e independente, sempre que estava com a minha irmã.

A Jean era inteligente. Bastava-lhe entrar na minha casa para ver como eu era infeliz. Sabia, pelo meu silêncio e pelos meus receios, que se passava algo muito errado, mas creio que ela nunca soube até que ponto eu era prisioneira. Chuck nunca me deixou ter amigas. Por vezes eu ficava tão feliz por ver a Jean que me sentia tomada de forte emoção e começava a chorar. Era tão nova, tão cheia de medo, tão estúpida! Agora sinto-me satisfeita por ser uma pessoa pública -porque não estou escondida algures, completamente à mercê dele.

Há uma série de motivos pelos quais uma mulher casa com um homem. O motivo por que casei com Chuck não foi o luar, nem os violinos ou o amor: casei-me com ele porque me ameaçou de me dar porrada se não o fizesse. Quando recusei, lançou-me por terra e deu-me pontapés. E foi assim que me convenceu. Atirou-me para o carro e fomos para a Geórgia. A única satisfação que sentia era que ele iria para a cadeia, e eu então poderia fugir-lhe. Eu costumava olhar para a expressão de ódio que ele tinha nos olhos e ficava a pensar como é que ele tinha conseguido não ser preso. Ele andava às voltas, como se fosse uma bomba-relógio que pudesse explodir a todo o momento. Uma pessoa como ele devia ser... despoletada.

Não sei quantas pessoas haverá como Chuck, mas aposto que deve haver muitas - andando por aí à solta. Imagino quantas mulheres estão a ser forçadas a viver vidas que não querem viver.

Na verdade, não sei como este país funciona. Por exemplo, como é que um tipo como Chuck pode alistar-se nos Fuzileiros Navais, o que ele fez, segundo me disse, ou trabalhar como piloto numa companhia de aviação comercial, que também fez, segundo me disse, se é um diabético? Quando Chuk não come como deve ser ou se esquece de tomar a sua insulina, fica com tonturas e meio doido. Ele recorria a meios estranhos

e incríveis para passar nos exames médicos. Contou-me que pedia a outras pessoas que mijassem num frasco, por ele, e depois utilizava essa urina como sua nas análises. Disse-me que ia para a casa de banho com a urina de um amigo e depois despejava-a no frasco que os médicos lhe tinham entregue. Quando penso que inúmeros passageiros de um avião colocam as suas vidas nas mãos dele, sinto arrepios na pele. Se essas pessoas soubessem o que se passa; nunca entrariam sequer no avião.

Por vezes, quando fazia a limpeza da casa, encontrava estranhos documentos. Chuck disse-me que nunca fora casado, mas encontrei duas autorizações de casamento. Eu era, provavelmente, a sua terceira mulher.

Talvez fosse mesmo a sua oitava mulher - quem sabe? Penso que as outras devem ter fugido dele, tal como eu estava sempre com a esperança de fazer. Que eu soubesse, ele nunca pagara Qualquer pensão a uma ex-mulher. Deve haver muitas pessoas assim no país. Sei exactamente o que ele estaria a fazer-me se estivesse comigo agora no mesmo quarto. Só por estar a falar nisto tudo. Primeiro, seria espancada, deitada por terra e agredida a pontapé. Depois, ele sentar-se-ia por cima de mim e apertar-me-ia o pescoço até eu ficar quase sem fôlego, lutando para respirar um pouco. Bem, eu agora já não tenho medo. E nunca mais terei.

Quando vejo estes apontamentos no meu diário, fico a pensar para comigo que ninguém acreditará neles. As pessoas pensarão que tenho alucinações ou que estou a inventar tudo isto, mas o que digo é a verdade. Só alguém que tenha vivido ou viva com algo temível compreenderá o que quero dizer.

Por vezes, as coisas mais simples são excelentes. Uma mulher pode sentir-se feliz se um homem gostar realmente dela, a tomar nos seus braços, a beijar, e lhe disser que a ama.

As vezes íamos à Mansão Playboy. Quando não estava ninguém perto, Chuck levava-me para o "Jacuzzi" (I) (I) Piscina especial, ornamentada. (N: T.)

e fazia-me ficar por cima de um dos jactos de modo que a água me batesse no rabo. Depois, eu tinha de montar no "Jacuzzi", com o rabo contra o rosto dele. O resto do que se passava fazia-me ter vômitos. Era só assim que ele se entesava. Ghuck quase não conseguia entesar-se se não fosse assim. Como já disse, ele detestava foder. Mesmo quando

lhe acariciava o sexo com a boca, ele só se entesava parcialmente - e talvez já tenham ouvido dizer que não me falta talento no que se refere a acariciar sexos com a boca...

Uma vez, quando estava a fazer uma sessão de fotografias, o fotógrafo começou a falar com Chuck sobre

uma rapariga que conhecia e que era mesmo tarada, pois gostava de tudo e mais alguma coisa: Chuck não se importou em saber quem ela era, que aspecto tinha ou qualquer coisa: pediu o número do telefone dela, ligou para lá e combinou com ela para vir a nossa casa. Quando apareceu, vimos que era uma rapariga alta, gorda e feia, mas que tinha muita satisfação em fazer tudo o que ele queria - e eu tive de ficar a ver.

Não me importava que ele gostasse daquilo e que ela parecesse estar a gozar. Apenas não queria ser obrigada a ficar a ver. As pessoas podem foder à vontade, mas não comigo a observar. Se eu tivesse recusado ficar a ver, ele ter-me-ia dado uma carga de porrada. Talvez pareça que isto tem graça, mas podem crer que não tem.

Tornei-me numa "estrela" e, por esse motivo, tornei-me finalmente num vulgar ser humano. Chuck

estava sempre a dizer-me que eu era feia, que tinha um corpo horrível, que não tinha cabeça, que era imprestável e inútil. E, quando alguém passa os dias a dizer-nos coisas assim, nós acabamos por acreditar - se não em tudo, pelo menos em metade do que nos dizem. E essa metade é quanto basta para que nos sintamos inúteis, sem qualquer valor.

Ao princípio, não compreendi que ele tinha prazer com a minha dor, especialmente em cenas de lesbianismo. A dor excitava realmente Chuck. Conseguia ficar

meio entesado se visse uma mulher a magoar-me. Muitas vezes ele arranjava um falo postiço com duas cabeças, enterrando uma delas em mim e a outra na outra mulher.

Quanto mais aquilo me magoasse, tanto mais ele gozava com a cena. Mas aprendi como descontrair os músculos e assim conseguia enganá-lo. Costumava gemer, como se aquilo me doesse realmente, e assim conseguia acabar com a cena mais depressa. Pensava que, quanto mais depressa ele conseguisse ficar entesado, tanto mais depressa poderia vir-se, e tanto mais depressa aquilo chegaria ao fim.

Mais tarde, comecei a gostar de fazer amor com mulheres. Não de sofrer dores. Não havia maneira de Chuck compreender isso. Mas quando comecei a fazer amor com raparigas, foi porque tinha medo dos

seus espancamentos e das suas ameaças.

Lembro-me que costumava ter esperanças de que ele não conseguisse sair de um dos ataques diabéticos, que tinha pelo menos uma vez por mês. Por vezes, quando não comia adequadamente, a insulina provocava nele um coma diabético, do qual não saía senão um mês depois. Eu tinha esperanças de que isso viesse a suceder. Portanto, a melhor coisa que me sucedeu depois de me ter tornado numa "estrela" foi ter conseguido finalmente fugir do meu marido, se é que na verdade ele era meu marido. Foi uma coisa importante porque eu andava muito calada e assustada, e não acreditava de modo algum em mim própria. Chuck nunca me deixava ouvir música, pois sabia que, por qualquer estranha razão, eu ia buscar confiança à música. Começava a proceder de um modo um tanto arrogante.

E isso não lhe agradava. Dizia-me que fizesse determinada coisa, e eu não a fazia. Ele então dava início a uma grande discussão, que terminava como habitualmente, isto é, ele espancava-me. Uma vez, sangrei bastante da boca. Uma coisa que Chuck não podia tirar-me era a confiança, confiança em algo.

Para um tipo que se supõe livre e que estava sempre a falar sobre como as pessoas devem proceder sob o ponto de vista sexual, Chuck é uma trampa total, total. Chuck excitava-se com coisas bizarras - como, por exemplo, imaginar quantos tipos conseguiriam meter-me os dedos pelo traseiro quando eu usava uma saia curta. Obrigava-me a andar pela Mansão Playboy, em Chicago, para ver quantos mordomos e criados metiam os dedos em mim, ou coisa parecida. Costumava afirmar que, se Hefner ouvisse dizer que eu fazia aquilo, pensaria que eu era realmente formidável, que era mesmo uma

grande devassa. Assim, eu costumava inventar histórias para agradar a Chuck, mas uma vez ele foi investigar o que se passara, junto de um mordomo, e verificou que eu tinha mentido. Foi um mau dia para mim.

Quando finalmente conheci Hefner intimamente, verifiquei como Chuck estava totalmente enganado. Hefner

era um tipo formidável. Um tipo maravilhoso. Fazia algo que Chuck nunca poderia fazer: tratava-me como um ser humano.

Devem estar a pensar como é que consegui finalmente preparar tudo para fugir de Chuck. Quando

me tornei num nome famoso, Chuck compreendeu que poderia ganhar bastante dinheiro e ficou mais

decidido do que nunca a não deixar que eu me afastasse dele. Mas era muito difícil não me deixar contactar com outras pessoas. Toda a gente queria falar comigo. Ele tinha medo disso, que no entanto também lhe agradava.

Comecei outra vez a ser eu própria. Estava rodeada de pessoas que eram sensíveis e amáveis e que me tratavam como gente. Antes de ter conhecido Chuck, eu vivia uma existência descuidada e feliz. Tinha tentado descobrir a verdade acerca de mim própria e acerca de todos e de tudo o que tinha à minha volta. Compreendi finalmente que, sucedesse o que sucedesse, tinha de fugir de Chuck. Pensei nisso durante muito tempo, antes de finalmente ter decidido dar esse passo. Era melhor para mim morrer do que viver daquela maneira.

Ninguém pode na verdade dizer porquê ou como ou quando chega o momento em que uma pessoa decide finalmente fazer uma grande alteração na sua vida. Mas espero que qualquer pessoa que se sinta infeliz ou sozinha ou receosa decida fazer algo para modificar a situação, como eu fiz. A vida não tem de ser uma armadilha, nem sexualmente nem de qualquer outro modo. A felicidade está ao nosso alcance:

basta às pessoas estenderem as mãos para ela e não se preocuparem com as consequências. Talvez seja necessário ter uma coragem simples, emotiva, à moda antiga, para conseguir fazê-lo.

Como não tinha medo, dediquei-me ao sexo e descobri o que ele pode dar-nos. Coloquei o meu espírito acima da matéria, acima de toda a trampa que me haviam ensinado.

Ali estava eu, a "estrela" de um filme que rendera mais de quinze milhões de dólares. Uma pessoa cujo nome se tornara subitamente conhecido de milhões de pessoas em toda a América. Mas a verdade era que eu me sentia feia e pensava que a cicatriz que tinha no corpo em resultado de um acidente de automóvel me deformara totalmente, que não tinha personalidade, e que era má, egoísta, não merecendo sequer que me considerassem uma pessoa. Graças a Chuck.

Mas agora estou livre. E parte dessa liberdade devo-a a um dos homens mais notáveis que já conheci. Ele não é o meu homem - mas podia ter sido. Certamente quis sê-lo. E eu pensava que ele era formidável

- não o mais formidável de todos - mas formidável.

E ensinou-me bastante. Se Chuck tivesse sabido o que

se passava na minha cabeça quando me apresentou a esse homem, ter-me-ia liquidado ali mesmo, e também ao homem.

Mas Chuck só sabia o que estava a acontecer ao meu corpo.

O homem era e é, para mim, o maior artista do espectáculo do Século XX. Um cartucho de dinamite, um dos homens mais fenomenais que já conheci. Mas, antes de começar a falar sobre ele, deixem-me dizer uma última palavra ao meu ex-marido: Já não tenho qualquer ressentimento. Na verdade, desejo-te apenas aquilo que desejas para ti próprio - merda!

SR. DINAMITE

Eu tinha um admirador de que nem sequer conhecia a existência, mas que vira o meu filme mais de cinquenta vezes. Ele sempre fora um ídolo meu e, se eu tivesse sabido quanto ele ficara impressionado, eu também teria ficado impressionada. Mas só vim a saber o que se passava muito mais tarde. A primeira coisa que ouvi dizer foi que o Sr. Dinamite ia fazer um grande programa de televisão - no qual seria o apresentador e pedira à companhia cinematográfica que realizara o filme "Garganta Funda" que descobrisse o meu paradeiro. Queria que eu participasse no seu espectáculo.

Quando lhe disseram, entre outras coisas, que eu fora vítima de um acidente de viação, ficou a imaginar se eu estaria disposta a falar acerca do desastre. A companhia não sabia o meu endereço, pelo que o Sr. Dinamite entrou em contacto com Chuck e convidou-nos a irmos ao seu hotel para discutirmos o assunto.

Nunca esquecerei aquele primeiro momento em que entrei na "suíte" dele. Estavam várias pessoas à sua volta. Mais tarde vim a saber que uma dessas pessoas era o seu agente de segurança - que é uma maneira fina de dizer o seu guarda-costas-, outra era o seu empresário durante as digressões pelo país, e a outra a sua mulher.

Ele estava sentado, com uma bebida numa mão e um cigarro na outra, vestindo um par de calças simples, uma camisa e um colete.

Lembro-me de ter pensado

que ele era enorme. Maior do que eu imaginara. Não levei muito tempo a verificar quanta energia ele tinha, quanta música e gosto pela vida... Nunca estava parado. Estava sempre em movimento. Como um dínamo. Quis dizer: "É fantástico conhecê-lo ; sempre pensei que você era absolutamente sensacional; sou uma grande admiradora sua!", mas não disse nada, porque sabia

que Chuck não gostaria e mais tarde eu teria uma grande discussão com ele. Além disso, pensei, talvez seja estúpido dizer coisas assim. Muito "bota-de-elástico". Mas aprendi, depois disso, que a melhor coisa

que se pode dizer a alguém que é artista é que apreciamos o seu trabalho e o seu talento. Havia então muita coisa que eu não sabia...

E o Sr. Dinamite e Chuck começaram a falar sobre

o espectáculo. Chuck dissera que eu não deveria contar que sofrera um acidente de viação. Mais tarde disse-me que se as pessoas soubessem que eu tinha uma cicatriz no estômago; não quereriam nada comigo. Para ele, aquilo era uma coisa muito importante. Eu estava deformada. Na verdade, a cicatriz é bastante leve e não muito comprida.

Passado algum tempo, o Sr. Dinamite pôs a correr um filme-"cassette" de "West Side Story" e, à medida que corria, começou a entranhar-se cada vez mais no filme. Começou a acompanhar a música com pequenos passos de dança, e eu comecei a sentir-me intimamente doida só de ver toda aquela energia. Um a um, os que o rodeavam foram-se retirando. E, ao fim de uma hora mais ou menos, tinham-se retirado todos menos a mulher dele, Chuck e eu. Ele estava verdadeiramente absorvido pelo filme.

Ficou tudo decidido: Chuck iria buscar-me no dia seguinte, e eu participaria no grande espectáculo. O sr. Dinamite achou formidável eu estar disposta a falar sobre o meu acidente de viação, mas Chuck opusera-se a isso, pelo que nada havia a discutir.

Então Chuck começou a compreender que não se ia foder nem fazer nada parecido com isso - apenas música, e não fora por causa da música que ele fora ali. Vi no seu rosto como ficou desapontado. Eu estava realmente interessada em ver o nosso anfitrião dançar ao som da música do filme - mas Chuck disse que eram horas de irmos embora. O Sr. Dinamite parou e contou outra história. Ele era capaz de desempenhar todos os papéis, e era formidável observá-lo. Era um homem dinâmico, cheio de graça. Apenas com um sorriso e um piscar de olhos era capaz de me pôr a rir num instante. Aquilo não agradava a Chuck, e por isso nos retirámos.

No dia seguinte voltámos lá, após o que seguimos para o teatro. Eu já me encontrava devidamente vestida e pronta a entrar em cena. Na verdade, era excelente para mim que me vissem naquele género de espectáculo e sentia-me excitada ao pensar nisso. Mas, subitamente, a mulher do Sr. Dinamite apareceu à entrada da porta.

- Ouça, não sei como lhe dizer isto - começou -, mas os dirigentes do teatro recusaram-se a deixar que você entre no espectáculo. Disseram-nos que você não será autorizada a apresentar-se no palco.

Senti-me chocada.

- Isto é para fins de caridade, não é? Por que é que eles de repente se preocupam com a proveniência do dinheiro?

Ela foi muito simpática e disse que o Sr. Dinamite se encontrava demasiado embaraçado para nos dizer aquilo, mas que nada havia a fazer.

Caramba! pensei para comigo. Por que é que eles não verificam todas as pessoas que dão dinheiro, para ver se elas satisfazem os padrões de moralidade da comissão, enquanto uma criança qualquer morre por não ter bastante plasma ou outra coisa assim...?

Olhei para a minha imagem no espelho. As mulheres que faziam parte da comissão nunca me tinham visto.

Pensei se elas seriam mesmo capazes de me reconhecer. Tinha vestido uma conservadora saia castanha e uma blusa. Mas o meu nome era o bastante. Linda Lovelace quer ajudar pessoas doentes? Desculpe, mas o melhor é esquecer isso. Penso que elas só queriam uma certa espécie de artista. Lamento não ter chegado a falar com elas. Talvez tivessem gostado de mim. É o que sucede com a maior parte das pessoas que me conhecem. Dá a impressão de que elas esperam ver alguma puta dos seus 35 anos, de cabelo pintado de louro, um cigarro pendurado ao canto da boca, um copo de uísqui numa mão, e sabe Deus o quê na outra... Isso só revela o que a sociedade ensinou as pessoas a esperar. Para a maior parte das pessoas, o sexo é um crime, o sexo é mundo.

Seja como for, estava a começar a sentir-me mal, ali parada, e por isso retirámo-nos.

Mas no dia seguinte tivemos notícias dele. Telefonou-nos a convidar-nos para o jantar. Eu não sabia

se aquilo era por ele estar a sentir-se culpado por eu não ter participado no espectáculo ou se era por ele se ter divertido bastante a primeira vez que tenhamos estado juntos, ou ainda se era por qualquer outro motivo. Mas Chuck ficou excitado e, embora não me atrevesse a mostrá-lo, também eu fiquei.

Quando chegámos a casa dele, o Sr. Dinamite mostrou-se muito alegre e feliz, como se na véspera não tivesse acontecido nada desagradável. Olhei para ele, e os nossos olhares cruzaram-se: foi um olhar directo,

honesto. Ele disse:

- É verdade: fiz um donativo em seu nome ao espetáculo.

Logo desde o princípio, parecia que tenhamos gostado um do outro. e que nos compreendíamos:

Quando descemos a escada e entrámos no seu automóvel, a primeira coisa que ele fez foi pôr uma "cassette" a tocar. Aquilo agradou-me. Ele era incapaz de viver trinta minutos sem música. Para Chuck, toda a música era a mesma coisa: não tinha absolutamente qualquer significado. Para Chuck, Alolson era o mesmo que José Feliciano. Era mesmo incapaz de dizer qual a diferença.

Mas o Sr. Dinamite não podia ir fosse onde fosse se não tivesse música a tocar. E gostava de tudo. Ao princípio, pensei que era um tanto "bota-de-elástico" ele ouvir-se a si próprio: Mas depois, quando comecei a compreendê-lo, aquilo agradou-me ainda mais. Costumava ouvir-se a si mesmo, salientando o que cantara bem e o que não cantara bem. Para ele, era como que uma viagem a um passado alegre.

Costumava falar sobre a dicção de outro cantor e sobre a sua própria. Ouvia os seus velhos álbuns e dizia:

- Eh! Ouça isto!

Era como uma criança excitada que realmente adorasse a vida, o que me atraía imenso. Ele estava sempre a pensar, a estudar, a comparar, a desenvolver-se.

Quando chegámos ao restaurante, foi a mesma coisa. Ele dizia:

-Eh! Você vai gostar disto!

Quando escolheu o jantar, fê-lo com um sentimento de segurança. Sabia sempre o que queria. E o jantar naQuele pequeno restaurante italiano foi fantástico: camarão, bife, "ziti", "spaghetti" com molho especial e muitas outras pequenas coisas que eu nunca tinha provado.

O Sr. Dinamite pedia as coisas como um grande senhor, mas sempre com simpatia. Quando era Chuck a fazê-lo, procedia sempre como se eu fosse a mais inútil das pessoas, realmente incapaz de escolher qualquer coisa. Mas o Sr. Dinamite fazia-nos sentir que ele ficaria ainda mais satisfeito se nós também o estivéssemos. Você quer alguma coisa especial, Chuck?

- Dizia:

Chuck respondia, em tom solene:

- Não sei...

Então o Sr. Dinamite tomava conta das operações,
de maneira bastante firme. Acho isso simpático, num
homem.

Ele estava mesmo a agradar-me. Não tinha ainda
começado realmente a pensar nele sob o ponto de vista
sexual. Pensava apenas que ele tinha uma forte personalidade, pensava que ele nunca
deixava de me prestar
atenção, e pensava que ele fizera que a vida me parecesse
, uma grande aventura. Na verdade, não senti qualquer
reação da parte dele, nessa noite, antes de sairmos
do restaurante.

Não se manifestou de modo exuberante, mas subitamente compreendi que ele me tinha
retido um pouco,

deixando que todos os outros se afastassem. A mulher
dele fora avançando ao lado de Chuck, quando saíamos
do restaurante. Ele não disse nada, não fez nada, nem
"avançou" de qualquer maneira. Mas era aquela a
primeira vez que estávamos sozinhos, e notei qualquer
coisa no modo como me pegou no braço, pois tive uma
sensação muito especial... No entanto aquele momento
passou muito rapidamente. Quando chegámos à rua,
um grupo de pessoas do restaurante foi ter com ele
e começou a pedir-lhe o autógrafo. Algumas dessas
pessoas reconheceram-me e também me pediram o autógrafo. Senti-me feliz - e nem me
importei que mais

pessoas pedissem o autógrafo dele do que o meu.

Era formidável, nós os dois estarmos ali a assinar
autógrafos!

O automóvel deixou em casa o Sr. Dinamite e a
mulher, após o que me levou com Chuck ao nosso hotel.

Uma janela separava-nos do motorista, e Chuck começou a barafustar. Eu era uma
estúpida! Tinha falado

demais e rido demais! Tinha mesmo estragado tudo!

Mas eu sabia que não tinha sido assim. Sabia que
o Sr. Dinamite voltaria a telefonar. De certeza. Ele
não dissera nada, mas eu sabia que algo estava a nascer
entre nós dois...

Foi aquela a primeira vez que senti pena de Chuck.
Via como ele se sentia frustrado. Por um lado, queria
promover-me e ao Sr. Dinamite - seria um bom
negócio e poderia levar a sucederem coisas -, no entanto
receava que, se eu comesse a ter confiança em mim

própria, não poderia continuar a controlar-me. Foi essa,
talvez, a única vez em que ele acertou.

Pouco depois de ter passado aquela noite, os presentes começaram a chegar. Nunca
vinham com um

cartão ou uma carta, mas via-se que tinham sido escolhidos com afecto e pensando em mim. Uma pulseira de ouro, uma máquina fotográfica e, finalmente, um medalhão de ouro para usar ao pescoço - presente este que o Sr. Dinamite apenas oferecera a nove ou dez pessoas especiais. Tinha uma inscrição de duas palavras e estava assinado "Sr. Dinamite".

Um dia, finalmente, saímos todos juntos: o Sr. Dinamite, a mulher dele, Chuck e eu.

Ao princípio, Chuck não se importou quando o Sr. Dinamite e eu fomos juntos para uma sala separada. Não se importava que eu tivesse relações sexuais com outro homem. Só não queria que ninguém me metesse ideias na cabeça. Ele não se compenetrava de que eu tinha a minha própria mentalidade. Ninguém poderia nunca mais convencer-me a fazer algo que eu não quisesse fazer. Foi durante esse período que Chuck começou realmente a irritar-me. Procedia de uma maneira em frente do Sr. Dinamite e de outra quando nos encontrávamos sozinhos. Depois dizia coisas como:

-Esta noite não vou àquela casa de imigrantes.

Esquece isso!

Mas foi então que algo estranho começou a suceder. Chuck começou a ver que havia a possibilidade de fazer algo formidável com o Sr. Dinamite. Chuck começou a ver que o Sr. Dinamite talvez fosse, também, um tanto devasso... Na verdade, para o Sr. Dinamite o sexo era de certo modo uma tara, mas ele não a impunha a ninguém. Não era o género de pessoa capaz de forçar alguém a fazer algo contra sua vontade. E, para mim, isso representava toda a diferença do Mundo...

Creio que o que realmente fazia que o Sr. Dinamite me achasse excitante era a possibilidade de eu ser uma grande devassa. Ele não se cansava de ver o meu filme. Costumava dizer-me que se apaixonara por mim na tela. Eu achava isso um tanto "bota-de-elástico" e não acreditava nele. Mas, à medida que o tempo foi passando, comecei a ver que ele o dizia realmente a sério. Porém era demasiado cavalheiro para me forçar a fazer algo que eu não quisesse fazer.

Ele gostava realmente que lhe fizessem broche. Nos cerca de sete meses em que nos encontrámos, fiz-lhe broche muitas vezes. Apenas uma vez demos uma foda normal. É verdade, só uma vez - e ele foi formidável.

Ele vinha-se sempre. Uma vez vinha-se ao fim de dez minutos, outras ao fim de quinze, outras ao

fim de meia hora. Uma vez, não se veio senão ao fim de Quase duas horas. Chuck estava sempre a entrar no quarto, ficando cada vez mais furioso. Queria fazer cenas, queria causar dores às mulheres. Mas eu gostava do que estava a acontecer. Adorava aquilo. Adorava

ir àquela casa. O sr. Dinamite e eu íamos para um quarto e deixávamos Chuck com a mulher dele sentados

num sofá, conversando em calão. Ficávamos no quarto meia hora ou uma hora e, quando voltávamos, eles ainda ali estavam, ainda a conversar. Nós os dois costumávamos fazer troça deles, porque estavam sempre sentados exactamente como os tínhamos deixado.

Mas a mulher dele era uma pessoa muito simpática:

Muitas vezes fiquei a imaginar o que pensaria ela quando o sr. Dinamite e eu íamos para o outro quarto.

Ele também gostava dela, mas queixava-se de que não era sexualmente tarada. Por vezes dizia-me que era incrível que ela e eu fôssemos ambas pessoas tão simpáticas mas tão diferentes.

A mulher dele nunca ia para a cama com Chuck.

Não me pareceu que ela gostasse dele. E creio que ele também não deve ter feito pressão nesse sentido, porque a sua especialidade não era foder. Mas, quando o Sr. Dinamite saía do quarto, Chuck chamava-me de lado e dizia-me que tivesse calma com ele e começasse a fazer amor com a mulher.

E na verdade ela agradou-me. Por isso começámos as duas a fazer amor. Lambíamos-nos todas, uma à outra. E Chuck queria sempre estar no quarto, para ver.

Ficávamos todos no quarto. O Sr. Dinamite e eu passávamos a maior parte da noite juntos, seguidamente

a mulher dele e eu juntávamo-nos e, depois de eu os ter satisfeito a ambos, íamos embora - geralmente, cerca das seis da manhã.

Mas, quando recordo o que se passou, sinto que nós os três gostávamos realmente daquilo. Quando Chuck não estava mesmo presente, por ter saído, eu fazia minete à mulher e o Sr. Dinamite punha a boca entre as minhas pernas, para me fazer o mesmo, enquanto ela lhe fazia broche. E nós os três éramos

muito amigos e muito amorosos uns para os outros.

Então começou a haver uma mudança nas nossas relações. Eu nunca levava a sério o romance. O Sr. Dinamite dizia-me que me amava e que se apaixonara por mim na tela. Mas, quando continuou a falar-me de amor e a telefonar-me às escondidas, vi que aquilo começava a ser muito a sério.

Certa noite, estava ele numa poltrona, e eu estava sentada no chão, entre as pernas dele. Ele esfregava-me o pescoço, e então juntou a cabeça à minha. No escuro. Depois começou a murmurar-me ao ouvido quanto realmente me adorava, acrescentando não saber o que fazer... pois amava tanto a mulher. Mas também me amava, e por isso queria que estivéssemos todos sempre juntos. Então, de repente, verificámos que a mulher estava ali de pé, junto de nós, no escuro. Mesmo por cima de nós.

Não sei se ela ouviu tudo ou apenas parte da conversa, mas foi a primeira vez que a vi com uma expressão furiosa. E parecia estar mesmo furiosa. Depois, voltou-se subitamente e retirou-se da sala. Nós tínhamos as cabeças tão unidas e estava tão escuro na sala. que nem sequer a tínhamos visto. Nem sequer a tínhamos ouvido entrar. E não sabíamos o que fazer. Por isso,

ficámos na sala e lentamente voltámos a agarrar-nos um ao outro. Depois; comecei a fazer-lhe um broche. Mas ele não se veio e disse que queria que eu deixasse Chuck. Eu sabia que ele só pensava naquilo.

Costumava telefonar-me quando sabia que Chuck não estava, apenas para conversar comigo, e eu notava que os seus sentimentos estavam a tornar-se cada vez mais intensos e sérios.

Entretanto, Chuck pensava quando é que o Sr.

Dinamite começaria a trazer para ali as jovens devassas que conhecia. E costumava dizer-me:

-Afinal, eu trago para aqui a minha garota devassa. Quando é que ele traz as dele?...

Chuck queria mesmo entrar numa orgia louca, e tinha sempre a esperança de que o Sr. Dinamite viesse a fazer aquilo em que ele estava sempre a falar.

Uma vez o Sr. Dinamite apareceu com uma das suas garotas, mas ela não quis fazer mais nada, durante toda a noite, a não ser foder com o Sr. Dinamite. Não era aquela a ideia que Chuck tinha acerca de uma boa paródia. Esperava, ao menos, que houvesse entre a rapariga e eu uma cena em que nos fosse causada dor.

Mas Chuck estava mais bem disposto comigo. Sentia-se seguro. Pensava que o Sr. Dinamite era um devasso e que, mais tarde ou mais cedo, teriam início as suas verdadeiras orgias. O Sr. Dinamite não iria levar-me com ele, e em breve tudo iria ficar mesmo sensacional. Mas o que Chuck não sabia era que o Sr. Dinamite queria cada vez mais estar sozinho comigo.

Finalmente Chuck disse-me que apenas queria utilizar o Sr. Dynamite para fins comerciais e que, se eu voltasse a sair com ele, me daria uma sova.

Ocorreu-me então uma maneira de me afastar de Chuck. O Sr. Dynamite queria-me de verdade. Era um homem famoso. Tinha imensa influência. Certamente me protegeria, não deixando que nenhum mal me sucedesse. E, embora nunca mo tivesse dito directamente, eu sabia que tudo aquilo seria possível. Ele era um grande homem, um homem bom.

Só uma coisa me assustava. Ele era mesmo dynamite, mas alguém mais teria de acender o rastilho. O que quero dizer é que, apesar dele ser um homem capaz de orientar as coisas, desejava que a decisão final viesse de outra pessoa. Ele seria capaz de me mostrar o que poderia suceder, mas eu teria de o fazer por mim. Ele nunca viria directamente dizer que me queria perdidamente. Queria que o gesto final partisse de mim.

Costumava dizer-me ao ouvido que, se viesse um dia em que Chuck e eu nos separássemos, ele estaria à minha espera. Mas nunca diria:

-Vais ficar comigo, e não se fala mais nisso!

Eu estava sempre à espera de que o fizesse, mas ele nunca o fez. Para mim, seria um teste aos seus verdadeiros sentimentos. Mas ele esquivava-se sempre.

Parecia tão seguro de si próprio... No entanto, bem no íntimo, talvez não o estivesse. Eu devia ter reconhecido, logo desde o princípio, aquela faceta do

seu carácter. Por exemplo, ele não reagira quando me recusaram autorização para entrar no seu grande espectáculo. É verdade que nessa altura ele não me

conhecia, mas o que interessava era a ideia em si. Ele deveria ter definido a ideia de que não interessava quem queria ajudar as pessoas internadas no hospital, desde que ajudasse mesmo. De resto; eu não tinha feito nada de mal. Tinha sido contratada como actriz para desempenhar um papel num filme, e fora isso que eu fizera.

Ocorreu uma situação mais grave quando, certa vez, ele apresentou um espectáculo nocturno. Quis apresentar-me chamando-me do meio da assistência. Eu tencionava levantar-me e fazer apenas um aceno com a mão. Sem dizer uma palavra sequer.

Mas os dirigentes da rede de TV não deixaram que a minha imagem fosse transmitida. Fiquei mesmo furiosa. Não podia compreender aquilo. Já tinha assistido àquele

espectáculo e vira várias raparigas aparecer durante os primeiros cinco minutos, dirigirem-se à "estrela" e entregar-lhe determinado produto de que seria feita a publicidade. Por vezes, tratava-se de laranjas. Mas havia sempre uma observação que podia ser interpretada de duas maneiras, relativamente ao produto. Por exemplo, o artista podia pegar nas laranjas, olhar para a blusa da rapariga, e dizer:

- Devem ser estas as maiores e mais sumarentas laranjas que já vi...

Eu acho que este género de graça é muito vulgar. Por que não dizer logo, directamente, Que a rapariga tem boas mamas?

As pessoas que controlam os meios de comunicação presumem que a mentalidade deste país é baixa. Mas eu dou às pessoas mais crédito. Talvez os indivíduos que dirigem as redes de TV e de Rádio pensem que as pessoas são estúpidas e ingénuas - mas eu não penso. Se elas não fossem alimentadas com aquela espécie de porcarias em tantos programas, talvez gostassem mais da Televisão. Nunca ouvi ninguém dizer que gosta da maior parte dos programas da TV. Nem uma pessoa. Mas a mesma porcaria continua a sair do pequeno "écran" noite após noite, dia após dia - violência, assassinio, crime. Porque é que não se dá às pessoas uma possibilidade de elas mostrarem que realmente apreciam bons programas? Não me refiro apenas aos do género intelectual; refiro-me à verdade. À verdade sobre a vida. O que eu faço é apenas verdade.

Mas o Sr. Dynamite está para além disso. Conseguiu vencer o sistema, para chegar onde chegou, e não me parece que queira fazer mais ondas. Talvez dê grande valor à sua própria vida. Não o condeno por isso, mas essa atitude não me servia. Eu tenho de fazer perguntas e de esclarecer as coisas no meu espírito, antes de poder aceitá-las.

Seja como for, ele não era pessoa para abandonar o espectáculo por minha causa, naquela noite, provocando parangonas nos jornais do dia seguinte. Era pessoa para se adaptar à situação - e, assim, seguir em

frente. Isso para mim não serve.

Eu não queria ajudá-lo a ser forte. Queria, sim, alguém que me ajudasse a ser mais forte. Queria afastar-me de Chuck e precisava do Sr. Dynamite. Eu sei que ele estaria ali, mas também sabia que de modo algum ele tomaria uma atitude vindo ao meu encontro.

Teria de ser eu mesma a fazê-lo.

Quando era pequena, nunca pude encontrar um livro que mostrasse como nasce um bebê. Não me refiro às explicações. Disso havia muito: os pássaros e as abelhas, e todo esse lixo. A coisa era sempre contada de outra maneira, e nunca se relatava o acto em si.

Nunca consegui ver uma gravura mostrando um bebê a nascer. Se eu algum dia fosse a "estrela" de um espectáculo da Televisão, faria as coisas de maneira diferente. Mostraria aquilo na Televisão.

Mostraria a vida, a verdadeira vida, logo às primeiras horas da noite, para as crianças poderem vê-la, em vez de verem toda essa violência obscena. Mas quem o fará? Quem irá defender a vida e o amor? Talvez eu seja ingénua, mas creio que é possível uma mudança. Por que é que nenhum dos nossos livros ou programas mostra um bebê a nascer? Eu acho que se trata de uma das mais belas coisas da vida. Mas, tal como as coisas se passam agora, há demasiada confusão e ignorância entre as crianças. Para que havemos de juntar mais problemas às suas vidas? O menos que podemos fazer é tornar o sexo e o amor simples e fáceis de entender.

Penso que poderia ter sido feliz vivendo com o Sr. Dinamite e com a sua mulher. De resto, nós já estávamos praticamente a viver juntos. Eu em nada teria prejudicado a vida deles. Gosto de ambos; e acho graça ao facto de eles realmente precisarem um do outro. Podíamos ter sido felizes todos juntos.

Eu far-lhe-ia broche enquanto ela me faria minete, e teríamos gozado imenso juntos - trocando a combinação todas as noites. Talvez muitas pessoas pensem que isso não estaria certo, mas eu não penso. Sou a favor de tudo o que torne as pessoas felizes, desde que cada pessoa envolvida concorde. Todos devem satisfazer às suas necessidades.

Seria realmente excelente se três pessoas pudessem casar-se. Não digo legalmente. Não acredito nisso. Refiro-me a três pessoas vivendo juntas, compartilhando os corpos e os espíritos umas das outras. Acho que se trata da coisa mais natural do Mundo.

Ao princípio pensei que Chuck era uma pessoa aberta, mas enganei-me. Eu queria realmente explorar a vida. Estava farta dele, enjoada de ter de foder diante dele, farta dos seus espancamentos. Queria fingir. Mas como? Ele vigiava-me todos os momentos. E eu tinha demasiado medo para me arriscar a fugir. Mas depois voltarei a falar no assunto. Deixem-me acabar de falar do Sr. Dinamite. O que sucedeu depois

de eu ter fugido de Chuck é a chave de tudo o que se passou entre mim e o Sr. Dinamite.

Aconteceu em Las Vegas. David Winters e eu fomos lá para assistir à estreia de Ann-Margret. David tinha

em tempos dirigido e apresentado no palco um número em que ela tivera grande êxito, e eram bons amigos. David incluía motocicletas no número e fizera dela, verdadeiramente, uma "estrela" de clube noturno. Eu nunca a vira trabalhar, e estava ansiosa por ir ao espectáculo.

Quando nos encontrávamos na nossa mesa, esperando que Ann-Margret aparecesse, David estava

de costas para mim. Por cima do ombro dele, vi subitamente o Sr. Dinamite, que estava sentado numa

mesa muito perto da nossa. Quis cumprimentá-lo, mas nesse momento apareceu no palco Ann-Margret, e a ocasião perdeu-se para sempre.

Observar Ann-Margret era como observar uma parte da minha vida, quando era mais nova. Ela foi formidável. Para uma mulher da idade dela, creio que foi extraordinária. Demonstrou imensa energia e conduziu

muito bem o seu número. Tinha-a visto em filmes do Elvis quando eu era ainda criança, e realmente nunca sonhara que um dia viria a conhecê-la pessoalmente.

Depois do espectáculo fomos ao seu camarim é, quando nos preparávamos para entrar, a porta foi-nos fechada subitamente na cara. Não creio que ninguém tentasse impedir-nos de entrar, ou coisa parecida; apenas sucedeu que a porta se fechou naquele preciso momento.

Tentámos abrir a porta, mas alguém estava encostado a ela segundo me pareceu. Quando finalmente conseguimos abri-la, vimos alguém correr para outra sala. Ainda estávamos a tentar compreender o que se passara, pois aquilo incomodara e confundira não só David como a mim própria, quando o Sr. Dinamite se aproximou de nós. Olhou fixamente para mim, durante uns momentos, e depois olhou-me para o pescoço:

- Que sucedeu ao medalhão? Julgo que o deitaste fora, quando deitaste fora o resto da tua vida! -- disse em tom amargo, após o que se voltou, afastando-se

antes que eu tivesse uma oportunidade de explicar.

David e eu saímos então do camarim e fomos para uma "suite" em que decorria uma festa dada, vejam bem, pelo Sr. Dinamite. Eu nunca tinha visto o Sr. Dinamite bêbedo. Tinha-o visto beber bastante, mas na verdade nunca o tinha visto realmente "grosso". E olhou para mim com uma expressão que também nunca lhe vira.

Havia no seu olhar uma expressão que era simultaneamente triste e confusa, solitária e distante.

Naquele momento compreendi quanto gostava dele, quanto me preocupava com ele. Pude ver como ele estava magoado, o que me fez sofrer imenso. Compreendi então a importância que o medalhão tivera para ele. Não se tratava apenas de um berloque: era algo que ele oferecera apenas aos membros mais chegados da sua família. Não era algo que ele tivesse oferecido a qualquer mulher que lhe houvesse surgido ao caminho. O seu director de orquestra tinha um, bem como a mulher, o agente de segurança, o empresário - isto é, as pessoas que realmente lhe enchiam a vida.

Quis levantar-me, ir atrás dele e dizer-lhe qualquer

coisa. Sentia-me miserável. E a verdade era que eu geralmente usava o medalhão, mas este não ficava bem com o vestido Que levava naquela noite: Ainda hoje tenho o medalhão comigo.

Quando fugi de Chuck, creio Que o Sr. Dinamite esperava realmente que eu fosse viver com ele. Sempre se considerara o homem para quem eu iria a correr se algum dia abandonasse Chuck. E provavelmente eu tê-lo-ia feito, se não tivesse acontecido uma coisa.

Uma coisa Que me fez arrefecer.

Embora eu gostasse do Sr. Dinamite, e embora ele realmente também gostasse de mim e me respeitasse, era um tipo de género conformista. Penso que já tinham acabado as batalhas na vida dele. Ele não iria lutar por mim, por aquilo em que eu acreditava, ou coisas assim. Nem sequer tenho a certeza de que ele sabia na verdade em que é que acreditava. Ele tinha visto Quais eram as forças em presença e onde se encontravam, e creio que estava cansado de lutar. Já não procurava alcançar mais nada na vida.

Ele era, e é, um tipo fanático. Foi ele o primeiro homem verdadeiro depois que vivia com Chuck. Mas a sua força não era o género de força de que eu necessitava. Chuck era como um homem das cavernas que se limitava a derrubar tudo o que lhe aparecia ao caminho. Nunca seria capaz de respeitar um homem assim. O Sr. Dinamite era forte e gentil, mas as pessoas tinham sempre de correr para ele. Ele não era o género de homem que nos põe o casaco pelos ombros e nos diz: "Vou manter-te segura e aconchegada. Se tivermos de lutar juntos contra todo o Mundo, lutaremos. Não me importa quem saiba o que se passa entre nós. Nós vamos

procurar o que está certo e é natural. No sexo. Na Televisão. Em público. Tudo, todos, em toda a parte, tudo incluído".

Talvez pareça que eu esperava demasiado. Talvez pareça também "bota-de-elástico".

Mas as coisas podem acontecer, podem tornar-se em realidade. Por vezes encontramos a pessoa que está certa para nós. O Sr. Dynamite e eu éramos como dois pedaços de papel ao vento. Ele era arrastado por uma força, e eu por outra. Nenhum de nós tinha bastante controle sobre a sua vida.

Talvez ele se tivesse habituado à "boa vida". Talvez os automóveis de luxo, os pequenos e caros restaurantes italianos e as pessoas que o adoravam se tivessem tornado demasiado importantes para ele, de modo a não querer procurar nada mais na vida.

Mas quem sou eu para o culpar? Eu também não estava a ser eu própria. Chuck humilhara-me e assustara-me, e eu não me tinha realmente encontrado.

Mas eu sabia que acreditava em certas ideias e em certas maneiras de viver. Eu sabia Que podia ser feliz. Sabia que a coisa mais difícil na vida é ser honesto. Por exemplo, creio que a maior parte das pessoas se envergonham de confessar que gostariam de explorar todas as espécies de sexo. E por isso vão vivendo sem experimentar.

É demasiado assustador para elas, para sequer tentarem...

Mas se pudermos ao menos pôr de lado aquilo que

nos ensinaram - o que ouvimos todos os dias o que nos dizem sem cessar nas escolas e nas igrejas, e na Televisão-, talvez tenhamos uma possibilidade de nos aproximarmos da verdade acerca das coisas. Mas, por vezes, o que devia ser a coisa mais fácil do Mundo é a mais difícil.

Creio que, se ele tivesse tido a força bastante para me segurar a mão, eu teria ido com ele.

No dia seguinte, apareceu uma notícia na coluna social da jornalista Joyce Haber. Mas não era acerca do Sr. Dynamite e de mim. Também não era acerca de David e de mim. Era a notícia que vinha ao alto da coluna, e falava de Ann-Margret e de mim! Dizia que David e eu tenhamos aparecido com um fotógrafo na estreia de Ann-Margret com esperança de eu ser fotografada com ela - e que ela se recusara porque aquilo seria prejudicial para a sua carreira! Eu nem queria acreditar...

Durante os poucos momentos em que falei com Ann-Margret, ela pareceu-me uma pessoa simpática. Não creio que aquela história tenha sido preparada

por ela. Penso que deve ter sido arranjada por alguma pessoa mal informada, por trás dela. O meu nome significa publicidade - e as pessoas querem utilizá-lo, custe o que custar.

Mas, à medida que penso no caso, vou chegando à conclusão de que uma fotografia dela comigo seria provavelmente muito interessante. O símbolo sexual dos anos 50, ainda com bom aspecto, e o novo símbolo sexual dos anos 70, que a considerava um ídolo nos seus tempos do liceu. A menina bonitinha dos anos 50 e o símbolo sexual dos anos 70, que "não tem papas na língua".

E foi aquilo a única coisa que sucedeu naquela noite. Se o público soubesse o que se passa nos bastidores e quanta porcaria é constantemente escondida pelas pessoas na ribalta! Quase tudo o que o público lê é fornecido por meio de agentes de Imprensa, homens das relações públicas e comunicados da imprensa.

Ainda sou bastante nova. Por isso, será difícil que eles matem a minha natural atitude optimista para com a vida. Eu estava a começar a encarar tudo muito friamente e a imaginar quando viria a tragédia, quando algo modificou a minha vida.

Planeava fazer um número num clube nocturno. Chuck disse-me que havia uma possibilidade na Florida e que eu podia ganhar 17.500 dólares por semana durante duas semanas se me apresentasse num palco de Miami. Teria de cantar e dançar. Mas, na verdade, não estava preparada para isso. No entanto o Sr. Dinamite sugeriu que, por 500 dólares, um dos seus amigos poderia ajudar-me a preparar tudo.

Chuck disse que eu concordaria sem sequer me ter perguntado, embora houvesse muito pouco tempo para eu preparar um número. Não se esqueçam de que eu nunca estivera num palco - nem sequer na escola ou no liceu... E queria dar algo às pessoas em troca do seu dinheiro. Mas o dono do clube nocturno em Miami

já estava a vender bilhetes a entre cinco e dez dólares cada, e recebia diariamente telefonemas fazendo-lhe perguntas acerca da minha próxima apresentação. Eu não sabia que fazer. Parecia estar tudo fora das minhas possibilidades. Eu não passava de um "instrumento", que não valia a pena ouvir, e de que Chuck

estava a servir-se no momento. E a verdade é que o Sr.

Dynamite não era uma pessoa a quem eu pudesse recorrer.

O tipo que fora recomendado pelo Sr. Dinamite começou a trabalhar comigo. Eu era um desastre. Não podia acompanhar os métodos dele. O tipo mandava-me dançar em volta de um banco, mexendo os ombros com modos excitantes, como se o banco tivesse vida. Aquilo parecia ultrapassado. Mas ele esforçou-se bastante para me preparar. Creio que devia estar a fazer um favor ao Sr. Dinamite. Mais tarde, compreendi que 500 dólares eram muito pouco para um número completo, eram mesmo uma tolice... Quando queremos apresentar um bom número, há trajes, há cenários, há material original, há orquestrações, há cantores e há dançarinos e apoiar-nos. Na sua maior parte, os bons números custam mais de 40.000 dólares.

Por isso, começámos a procurar outra pessoa. Eu sentia-me desesperada. O tempo escoava-se cada vez mais depressa, e eu ainda nem sabia que canções iria apresentar.

Foi então que a minha secretária, Dolores, sugeriu uma pessoa que em tempos lhe dera lições de dança de "jazz". Era um tipo que em tempos tivera uma escola de dança. E fora uma das "estrelas" de "West Side Story". Era coreógrafo e director, considerado entre os melhores. Mas tudo me entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Nem sequer estava a ouvir.

Ela perguntou-me se eu queria que lhe telefonasse, e lembro-me de ter dito:

-Com certeza, telefone.

Nem sequer sabia de quem ou de quê ela estava a falar. Mas David Winters não foi a única pessoa a quem

Dolores telefonou. Ela também conhecia um tipo chamado Joe Cassini, que era igualmente bastante considerado na profissão.

No dia seguinte Joe Cassini apareceu no escritório. Trazia com ele um projector, com o qual nos mostrou um espectáculo de TV que fizera com Jennifer O'Neill e o princípio de um outro com Raquel Welch. Joe Cassini parecia bom tipo. Estava um tanto ansioso e eu fiquei a imaginar por que seria, uma vez que já tinha feito todos aqueles espectáculos. Foi apenas uma coincidência, mas só muito mais tarde vim a perceber:

David Winters tinha dirigido e produzido ambos os espectáculos, e Joe Cassini trabalhara com ele!

Cassini teve uma ideia acerca de um número "de alcova", no qual eu aparecia deitada numa cama, sem qualquer roupa no corpo. Por trás de mim haveria um espelho que mostraria ao público uma boa parte da minha pessoa. O facto de ter passado de um banco

para uma cama parecia-me um progresso, mas nunca

se pôs a questão de saber se eu era capaz de cantar ou dançar. E foi isso o que realmente me preocupou.

Eu tinha a impressão de que ninguém na verdade se importava se as pessoas na Florida não recebessem algo em troca do seu dinheiro. Era só receber o dinheiro e mais nada. Mas eu começava a pensar que poderia realmente ter uma carreira como artista de clubes nocturnos. A ideia fascinou-me, e sentia-me sempre pronta a tentar algo novo. Em minha opinião, é essa a única maneira de sabermos se gostamos de determinada coisa.

Quando Joe Cassini saiu, Chuck disse:

-Este serve. Vamos utilizá-lo. Sim, creio que é boa ideia...

Não me lembro se acenei com a cabeça se disse qualquer coisa.

Na tarde seguinte, David Winters foi ao escritório. Embora Dolores tivesse dito maravilhas dele a Chuck, não me dissera nada a mim. Também não teria tido importância se ela mo tivesse dito, porque não vou pelo que os outros dizem. Sou-sempre eu que tiro as minhas conclusões, especialmente se se trata de um homem.

Quando entrei no escritório, os meus olhos prenderam-se nos de David: Sei quanto esta afirmação pode

parecer estúpida. Mas a verdade é que num primeiro olhar podemos ficar a saber muito acerca de uma pessoa.

Por vezes, as pessoas não nos fixam directamente nos olhos. Talvez o façam por ser a primeira vez que falam connosco, ou por cima do nosso ombro... Talvez não tenham honestidade ou força para olharem directamente alguém nos olhos.

Com David foi diferente. Ele não disse uma única palavra. Apenas me olhou fixamente nos olhos. Depois, muito timidamente, ofereceu-me uma rosa. Vim a saber mais tarde que dava a toda a gente uma rosa: era a sua maneira de encarar a vida e lidar com ela.

Eu tinha sido tantas vezes humilhada por Chuck que já não acreditava em mim própria. Estava habituada a que ele me dissesse que eu era horrível, que ria demais para as pessoas, e que era estúpida. Estava a habituar-me a viver com a minha solidão.

Então David ordenou ao seu cão que se sentasse. O cão era um "grand danois" chamado "Arlequim".

Quando disse a "Arlequim" que se sentasse, notei que a sua voz era tranquila, forte e natural. Não

pretendia impressionar ninguém. Mas a força tremenda que existia nela deixou-me atónita. "Arlequim" tinha um olhar inteligente. Era um animal atento, sensível e forte - exactamente como o dono. Podemos saber muita coisa acerca de certas pessoas observando apenas o modo como se vestem, como se apresentam, e o que possuem (ou aquilo que as possui), mesmo antes de dizerem uma só palavra. Foi assim com David.

Dolores tinha um cãozinho chamado "Lollipop", que era uma minúscula bola de pelo. Era o cachorrinho mais giro do Mundo. "Arlequim" mostrou-se gentil e dado com "Lollipop", e este não tinha nenhum

medo dele! "Arlequim" parecia um jovem pônei a brincar com um minúsculo animal de brinquedo... Juntos, eram formidáveis. "Arlequim" era um cão fantástico, e eu sentia-me tremendamente impressionada pelo seu dono. Pouco depois David retirou-se.

Chuck e David tinham falado durante algum tempo sobre o número, e eu fiquei com a sensação de que David podia fazer fosse o que fosse, uma vez que decidisse fazê-lo.

Chuck disse-me:

- Bem, Cassini ou Winters? A mim não me faz diferença... Cassini, não?

Procurei manter-me calma. Não tinha feito nada de mal. E realmente não esperava fazê-lo. Eu sabia, como sempre soubera, que nunca mais podia ser feliz ou mesmo manter a minha vida tal como ela estava. Tinha de fazer qualquer coisa. Afastar-me de vez, se pudesse. mesmo que isso significasse que Chuck poderia matar-me, e aos meus pais, à minha irmã, ou ao meu sobrinho. Ou a alguém a quem eu tivesse amor.

Respondi com ar natural:

- Bom, parece-me que este tipo sabe mesmo o que faz. Acho que com ele podia aprender bastante...

No dia seguinte fomos a casa de David. Fiquei espantada, embora creia que não devesse ter ficado. Aquilo convenceu-me de que as minhas suposições do dia anterior haviam sido correctas: só uma pessoa de personalidade muito forte poderia viver naquela casa.

Os tectos eram muito altos, os mais altos que eu até então vira, com grandes vigas de lado a lado. Na verdade, parecia mais um velho castelo. a lareira era enorme, ocupando quase uma parede inteira. As cadeiras em frente da lareira tinham espaldares muito altos

e eram esculpidas em madeira muito pesada, com cabeças de leão em cima de todas elas. Havia antiguidades por todo o lado, provenientes de todo o Mundo. De terras onde David estivera. onde apresentara espectáculos com Raquel Welch, Arm-Margret, Jennifer O'Neill, a princesa Grace Kelly, Nancy Sinatra, Lucille Ball, ou as centenas de outras mulheres com quem já trabalhara. Mas a casa não era do género daquelas que temos de pagar para ver por dentro. Parecia confortável, como se pudéssemos estender um pé e apoiá-lo em algum móvel, se quiséssemos fazê-lo. Isso é uma coisa que me agrada.

"Arlequim" sentou-se obedientemente a um canto do tapete, enquanto nós discutíamos o número. Eu fora avisada por Chuck para não sorrir nem dizer nada, e por isso fiquei aí sentada a ouvir as explicações de David sobre o que se ia fazer.

Eu ia precisar de vestidos, de verdadeiras lições de dança, de rapazes e raparigas por trás de mim, e de vários materiais especiais. David tinha dois escritores a trabalhar para ele, já concebera todo o número e já falara com Joe Cassini para este se encarregar da parte coreográfica. David planearia cada uma das partes, e então os especialistas encarregados de cada parte

do número tornariam o plano em realidade. Mas o conceito geral e a direcção seriam dele. Logo no primeiro dia ele já tinha tudo planeado.

Ann-Margret e Tina Louise estavam em conversações com ele, nessa altura, no sentido de lhes preparar um número para Las Vegas, e eu esperava que ele fizesse o meu número e não o delas. Creio que foi a ideia louca de preparar um número para Linda Lovelace o que o atraiu. Ele disse-me mais tarde que lhe daria muito prazer poder levá-lo a cabo.

Enquanto David falava do número, eu olhava para ele. Tinha uma camisa de veludo verde que parecia do Século XVI, mas a verdade é que lhe ficava bem. As suas calças, de lã elástica, eram muito justas, mas davam a impressão de que tinham sido feitas para lhe permitir deslocar-se à vontade. O estilo era "boca de sino". Tudo nele parecia dizer: "Quero lá saber do que os outros pensam... Eu sou assim!"

Subitamente, parou no meio de uma frase:

- Um momento - disse.

Saiu da sala e, passado um instante, voltou com uma rosa na mão. Não se mostrou embaraçado na presença

de Chuck. Procedeu com tanta naturalidade como ao respirar. Encaminhou-se para mim e entregou-me a rosa:

- É para si.

À medida que os dias iam passando, eu dava cada vez mais lições de canto e de dança. Devia trabalhar umas dez horas por dia, e fazia-o sem esforço. Nunca tinha ouvido música nem dançado com Chuck, que nunca ouvia música no carro ou em qualquer outro local, porque para ele a música não passava de barulho. Mas eu gostava de me movimentar. Gostava de dançar. Porém sentia-me então como se tivesse os membros presos. Aos poucos, comecei a ganhar confiança. Mas Chuck estava a ficar cada dia mais furioso. E os ensaios que deveriam demorar dez horas passaram a acabar ao fim de três ou quatro. Ele ficava sentado na sala, observando-me a trabalhar com os escritores, com David ao piano. E via como ele ficava ressentido cada vez que eu sorria. Mas Mel Mandel e Norman Sachs, os escritores, adoravam música, o mesmo sucedendo com David. Todos nos divertíamos imenso, mas Chuck detestava aquilo.

Chuck começou então a fazer-me ameaças. Um dia viu-me pôr uma das rosas de David num copo com água. Eu queria que o sentimento vivesse o mais possível. Quando a rosa começou a murchar e mesmo assim eu fiquei com ela, pensei que Chuck ia ficar louco. Não era só o ciúme. Era algo mais que ele não compreendia. Oferecer a uma mulher flores, vestidos, ou prestar atenção às suas necessidades, era, para Chuck, uma estupidez romântica. Não creio que ele pensasse, que aquilo poderia alguma vez ser a sério. Para ele aquilo era para gente "bota-de-elástico", ultrapassada.

Chuck nunca procurara encontrar algo romântico em si mesmo. Talvez fosse por esse motivo que estava tão furioso connosco. Creio que aos poucos começou a odiar David, porque David vivia uma vida que ele

não podia compreender nem enfrentar. Chuck ter-se-ia sentido melhor se David e eu fizéssemos amor um com o outro. Isso, ele teria percebido.

Durante aquele período da minha vida, eu sorria bastante. Não podia evitá-lo. Era uma atitude que me arranjaría sarilhos com Chuck, mas eu nada podia fazer. Ténhamos estado a ensaiar "I Believe in Music, I Believe in Love" (1), (1) - "Acredito na Música, Acredito no Amor" - (N. T.) e costumava andar pela casa entoando a canção para mim própria e rindo abertamente. Era feliz, sentia-me bem.

UMA "ESTRELA" OCULTA

A vida podia ser boa. A vida podia ser maravilhosa. Naquele dia, pensei em Seth Riggs. Seth era o meu professor de música. Era um tipo sossegado, seguro do que fazia e aparentemente em paz consigo mesmo. Estava sempre calmo, por mais agitadas que as coisas se tornassem.

Tinha notado coisas estranhas na casa de Seth, cada vez que lá fora. Era uma linda casa nos subúrbios. Ele, a mulher e o filho pareciam muito felizes

embora eu não gostasse da casa para mim. Ele tinha a Bíblia sobre uma mesa, gravuras de Cristo por toda a casa, e crucifixos nas paredes. Via-se que era um tipo muito religioso. Aos domingos de manhã não podia dar-me lições de canto, porque era o dia em que ia à igreja. Eu respeitava essa sua decisão. Creio que era dali que vinha a sua paz de espírito. A sua religião trabalhava para ele, e ele não procurava impô-la a mais ninguém. As suas fortes convicções deram-me a força de que eu necessitava para defender as minhas próprias crenças.

É curioso que a minha liberdade tenha surgido num domingo, depois de Chuck me ter deixado, com muito mau modo, no local dos ensaios e se ter afastado no carro a alta velocidade. Tivemos discutido acerca dos meus ensaios, nesse dia. Ele voltou atrás, interrompeu os ensaios, e disse a David e a Joe que o número estava cancelado. David e Joe retiraram-se, dizendo:

-Quando tiverem resolvido os vossos problemas pessoais, telefonem.

A seguir Chuck e eu tivemos uma grande discussão. Pela primeira vez, disse-lhe Que queria que me deixassem em paz, sozinha, e creio que ele sentiu então a minha força, porque se retirou.

Eu queria ser livre. Por isso, fiz uma inspiração profunda, apanhei um táxi e fui hospedar-me num hotel.

A primeira pessoa a quem telefonei foi Chuck. Procurei levá-lo a compreender que tudo tinha acabado entre nós, mas de nada valeu. Ele gritou durante duas horas e dez minutos, afirmando que, se não lhe dissesse onde estava, ele me encontraria. Ouvi-o até ao fim porque, de certo modo, tinha pena dele.

Disse-me que tinha feito muito por mim. Mas a verdade é que tudo o que ele fizera por mim tinha

sido assustar-me. Tornei-me numa "estrela" porque as pessoas queriam ver-me, mesmo que Chuck dissesse que era ele o cérebro que me orientava. Merda! Se fosse assim, ele poderia tornar célebre qualquer pessoa. Eu é que tinha representado o meu papel. Ter uma "garganta funda" para acariciar um homem é apenas uma habilidade que qualquer pessoa pode fazer, desde que pratique. Teve origem na Dinastia Ming.

Mas as pessoas viam que eu sorria e que estava a gozar, que para mim o sexo não é uma coisa imunda, e por essa razão é que preferiam ver o meu pequeno filme pornográfico a ver quaisquer outros. Eu excitava-as porque existe nas pessoas algo que deseja que o sexo seja livre e feliz. A maior parte da minha correspondência provém de donas de casa muito honestas que invejam a minha liberdade. E, no fim, creio que foi isso o que Chuck pressentiu e detestou: o meu desejo de liberdade.

Dois dias depois telefonei ao Sr. Dinamite. Creio que, se ele tivesse dito: "Vem para aqui, o teu lugar é junto de mim", eu teria ido. Mas, em vez disso, a voz dele pareceu-me distante. Ele era muito sensível.

- Deves fazer aquilo que tiveres de fazer - disse-me.

Quando desliguei, senti-me muito infeliz. É que realmente gostava dele. E estava com medo. Cheia de medo de que, se Chuck descobrisse onde eu estava, me desse uma carga de porrada. E eu conhecia Chuck. Era homem para telefonar a todas as companhias de táxi da cidade para tentar saber que motorista me tinha levado e para onde. Decidi mudar de hotel. Não tinha nenhuma bagagem comigo. Paguei a conta e, com a cabeça tapada, por receio de ser reconhecida, saí para a rua. Aquele momento foi um dos mais infelizes da minha vida. Não sabia para onde ir nem o que me esperava.

Consultei uma lista telefónica e dirigi-me para uma pousada que ficava perto. O dinheiro estava a acabar-se-me, e o que tinha não chegava para um táxi. Quando

me sentei no quarto, comecei a pensar como iria pagar mas não era realmente isso o que mais me preocupava.

Sentia-me tremer, sentia-me cheia de medo. Subitamente, senti uma forte dor no olho direito e no queixo.

A dor era tão intensa que tive de me deitar. Talvez ela tivesse surgido por eu estar a passar por um período demasiado emotivo, mas a dor leve que eu costumava sentir nas cicatrizes resultantes do meu acidente de viação tornou-se subitamente também muito forte.

Duas noites mais tarde, telefonei para a casa em Malibu em que vivera com Chuck. Ninguém atendeu. Decidi arriscar-me. Fui lá, entrei com a minha chave, peguei na maior quantidade de roupas que me foi possível e em algum dinheiro que escondera no fundo de um armário, e saí rapidamente. Se Chuck lá estivesse, não sei o que eu teria feito. Ou se ele tivesse voltado naquele preciso momento, teria sido o meu fim. Ou, pelo menos, teria ido parar ao hospital.

Na manhã seguinte aluguei um pequeno apartamento. Os carros não paravam todo o dia na movimentada rua para onde dava a janela do quarto de cama. É uma pena que os carros sejam uma invenção tão barulhenta! Mas a casa era gira e, melhor que tudo, era minha. Eu era livre.

Fui ao apartamento de uma pessoa amiga telefonar. Não sei o que me levou a ligar para David. Eu não estava à espera de nada. Nem sabia qual seria a atitude dele, nem o que ele diria.

- Está, David? Aqui é a Linda...

- Onde está você? Que se passa? Anda toda a gente a procurá-la!

-Eu não volto. Mas quero que o meu número vá por diante.

- Irá por diante. Mas tem de me dizer onde está!

Hesitei. Então a sua voz veio através do fio suave, mas firme e muito decidida:

- Confie em mim, Linda.

Pedi a David que me indicasse o nome de um advogado, e ele recomendou-me um brilhante advogado

chamado David Rudich. Fui falar com este e disse-lhe que queria divorciar-me. Mostrei-lhe um contrato em que estava a minha assinatura e a de Chuck. Segundo o contrato, eu deveria receber apenas três por cento dos meus próprios rendimentos. Era um contrato por dez anos, com uma opção para mais dez anos. Disse a David Rudich que não me recordava de ter assinado aquele contrato de escravidão, muito embora ele tivesse a minha assinatura. O meu novo advogado informou-me de que, de qualquer maneira, assinado ou não, nenhum tribunal reconheceria o contrato como válido.

Passados alguns dias telefonei a David Winters.

Disse-lhe onde estava e pedi-lhe que fosse ter comigo. Apareceu ao fim de quinze minutos. Quando chegou, perguntei-lhe por que viera.

- Sou seu amigo - disse ele com simplicidade.

Durante alguns minutos falámos sobre as possibilidades de ir por diante com o meu número, após o que ele se retirou. Mas eu sabia que voltaria a vê-lo.

POR VEZES ACONTECEM COISAS BOAS NOS HOSPITAIS

Eu tinha falado com um advogado e tratado finalmente do divórcio. Nos dias que se seguiram senti-me

tão aliviada que mais parecia que uma enorme nuvem me fora tirada de cima da cabeça, e sentia-me também excitada e ansiosa quanto ao futuro. Então, um dia, fui a casa de David para lhe pedir que me levasse ao médico. A dor que sentia no rosto era quase insuportável, e eu não tinha carro.

No consultório médico tiveram de me anestesiarem por quatro vezes ao longo de três horas. Fizeram-me uma operação no próprio consultório, o que me deixou bastante surpreendida. Devia ter havido necessidade de me tratar imediatamente. Acordei várias vezes e senti a agulha sendo-me espetada na pele. Não sentia qualquer dor - apenas a agulha sendo espetada.

Finalmente recuperei os sentidos. David e a minha secretária, Dolores, levaram-me para um hospital. Não

sei de onde ela surgiu, mas sei que foi ela a melhor amiga que tenho no Mundo. Sendo assim, nem sequer me surpreendeu o facto de ela ali estar. Apenas me senti cheia de gratidão por ter junto de mim alguém como ela.

No hospital, dormi durante bastante tempo. Acordei às sete da manhã e, apesar de ali não estar, David tornou-me o dia feliz. Sentia-me feliz só de pensar nele.

É bom gostar de alguém. Decidi então que, mesmo que tivesse de correr atrás dele e lançar-me nos seus braços, havia de ter David. Queria-o de verdade.

Ele e Dolores telefonaram-me, o que me fez sentir-me verdadeiramente bem. Pedi a David que fosse

ver-me. Passados instantes, ele ali estava sentado ao meu lado, olhando-me com um olhar que nunca lhe vira antes. Que nunca vira em ninguém. Chuck construiu uma muralha à minha volta durante quase três

anos. Uma muralha que não me deixara ter consideração, bondade ou apenas, muito simplesmente, bons sentimentos para com alguém. Mas nessa manhã derrubei a muralha, quando fiz amor com David. Passou-se tudo de uma maneira tão completa, tão positiva, tão feliz, e tão natural!

- Feche a porta, David - murmurei quando ele entrou no quarto.

Bastou-lhe olhar para mim para ver o que eu queria.

- Você não está a sentir-se bem, Linda...

- Nunca mais me sentirei tão bem na vida...

disse-lhe, piscando levemente os olhos. Por um instante; ele ficou como se quisesse despedaçar-me. Eu podia ver que, embora ele não o dissesse, estava a pensar o mesmo que eu, estava a desejar o mesmo que eu. Levantou-se e fechou a porta.

- Não se fecha à chave - disse-me, quando voltou para junto de mim.

- Não me importo - respondi.

Subitamente sorrimos. Ao mesmo tempo. Não nos importávamos.

David afastou as roupas da cama. Eu tinha vestida uma camisa de noite de hospital, mas ele não perdeu tempo a tirar-ma: apenas a levantou, e foi como se uma represa tivesse rebentado. Subitamente senti-o arquejar, ao rubro e louco de desejo, mas perfeitamente controlado. Ele sabia o que estava a fazer, sem

dúvida. Apesar de eu ter os joelhos a tremer e o corpo a vacilar, senti naquele momento que ele era o homem mais experiente que eu até então conhecera. Beijou-me e acariciou-me com as mãos, como se o meu corpo fosse um tesouro. As suas carícias eram maravilhosas: parecia que ele estava a adorar cada centímetro do meu corpo...

Estendi a mão para ele. Peguei-lhe na peça. Era dura, enorme, latejante - uma ferramenta tremenda que eu queria bem dentro de mim... Ele olhava de vez em quando, sobre o ombro, em direcção à porta.

- Se a enfermeira vier aí - disse eu - pedimos-lhe que se junte a nós... Ele não respondeu.

Olhei-lhe para a peça. Latejava como uma broca pneumática. Meti-a entre as minhas pernas, apertei-a com força entre as coxas.

- Fode-me! Fode-me! - pedi-lhe. - Por favor...

Ele já não podia conter a sua paixão durante mais tempo. Com um impulso tremendo, enterrou dentro de mim aquele caralho enorme e lindo - aquela broca latejante sempre a enterrar-se, a enterrar-se, a escavar cada vez mais dentro de mim!

Senti uma pequena dor no sítio em que o médico me tratara, mas não me importei. Passei pela dor - e logo a seguir estava a voar em outro mundo...

No topo de uma montanha muito alta, viemo-nos juntos numa gigantesca explosão que foi o momento supremo de toda a minha vida. A minha cona ficou inundada com o leite dele, o que me deu uma sensação deliciosa. Ali estávamos, ligados, presos um ao outro,

respirando como se fôssemos uma só pessoa.

Ouvimos de repente ruído de passos no corredor!

Rapidamente, David puxou as calças para cima e sentou-se no seu lugar ao lado da cama, precisamente no momento em que a enfermeira entrava no quarto. Devíamos estar os dois vermelhos e com ar de culpa...

- Houve alguma coisa? - perguntou a enfermeira.

- Sim, mas já a resolvemos - disse eu.

David sorriu. Olhámo-nos, sabendo Que estávamos. no limiar de um novo mundo.

David não esperou que a enfermeira saísse. Enquanto ela me compunha o travesseiro, levantou-se

e saiu do quarto sem dizer palavra. Qualquer outra atitude teria quebrado o encanto que sentíamos.

Ele não dissera "Amo-te". Mas eu sabia que ele, gostava de mim-e bastante. Vi-o nos seus olhos nas suas mãos. E foi ele o único homem que tive receio de perder. Mas disse para comigo que não devia preocupar-me com o desejo de o reter. Isso não passaria de uma grande maçada!

Disse para comigo: Recompõe-te, rapariga, e não percas tempo a pensar no que ele vê em ti, ou porque o vê em ti... Gostas dele e respeitas as suas ideias e os seus sentimentos; por isso, respeita a opinião que ele tem de ti e limita-te a amá-lo em troca. É isso o que vês nos olhos dele.

Disse a mim própria que o faria feliz, porque, de repente, era apenas isso o que eu queria fazer. Assustava-me ao pensar em quanto eu queria que ele me amasse. O facto de ele sempre me ter tratado como uma senhora era como um sonho tornado em realidade. Até desejei que ele tivesse qualquer dificuldade, para poder ajudá-lo. Não era uma grande dificuldade, mas apenas algo que me permitisse provar-lhe quanto lhe queria.

Durante a semana seguinte voltou a doer-me o rosto. Mas tinha uns medicamentos que o médico me dera para as dores e que me ajudavam bastante. Costumava pôr creme no rosto. Quando começou a fazer comichão, pensei que já estava a sarar.

Em breve saí do hospital e voltei para o meu pequeno apartamento. David e eu começámos a encontrar-nos mais vezes. Cada dia nos aproximávamos mais um do outro. Eu só vivia para o amar. Só de pensar nele quase me vinha...

Uma noite telefonei-lhe. Ia a uma festa, e perguntei-lhe se podia ir com ele. Ficou encantado. Fui à

festa, onde conheci John Lennon, Alice Cooper e Barry Nillson. Fiquei realmente impressionada com John Lennon. Vemos o génio nos seus olhos. Mas fiquei mesmo desapontada com as mulheres: não havia uma única com a qual eu quisesse ir para a cama. Foi aquela a primeira vez que realmente saí de casa. Cada momento que passava junto de David me fazia sentir por ele um amor mais forte.

No dia seguinte David apareceu, o que me deixou muito satisfeita. Orgulhava-me tanto de estar com ele! Queria que toda a gente soubesse.

Mas no dia seguinte tive de cancelar a minha aula de representação, porque fiquei muito doente. Doía-me a cara e, além disso, tive um desarranjo intestinal.

David foi incrível. Ficou sempre ao meu lado, a tomar conta de mim. Adormeci e tive um sonho com uma senhora. Quando acordei e olhei para David, sorri.

Queria ir fazer um cruzeiro com David, a onde encontrarmos algo interessante.

Nessa noite; fizemos amor em frente à minha lareira, pela primeira vez. Podia ter-me sentado mesmo

em cima do lume e não teria ficado tão quente como ele me fazia sentir. Adorava acariciar-lhe o sexo com a boca e depois fazer-lhe a "garganta funda"...

Pela primeira vez, David disse-me que me amava. Soube que ele realmente disse aquilo com toda a sinceridade; pois sentia Que era assim. Era a verdade.

Eu sentia que ele começava a sentir por mim o mesmo que eu sentia por ele. Era como se ele fosse o Sol e eu a Terra - e como se ele estivesse a fazer-me florescer de novo.

Antes, eu pensava que era fria e que não era capaz de sentir. Creio que talvez muitas mulheres sintam o mesmo. Mas desejo-lhes Que lhes suceda o mesmo que a mim. O meu corpo passou do inverno para o verão.

Sentia-me mais feliz do que nunca. Era como se flutuasse no ar! E sabia que seria sempre assim entre nós

dois. Mas também sabia que o nosso romance não ia ser um caso simples, pois não podia haver lugar para ninguém mais. Com David isso não seria possível.

Nem por um só momento. Havia naquele momento algo entre nós Que nunca morreria. Podia talvez mudar, mas nunca morrer. Ficávamos juntos para sempre. Eu sentia e sabia que seria

assim, até ao fim. Queria provar a David o que sentia. Queria que ele soubesse que entre nós havia algo mais do que o sexo. Por isso, quando Deborah entrou na sala, durante uma festa a que fomos mais tarde nessa semana, e vi o olhar de David percorrê-la, soube o que devia fazer. A festa estava a ser maçadora. Mas

Deborah era a espécie de mulher capaz de dar vida a um ambiente morto. Tinha um corpo cheio, lindo,

sensual - e, quando andava, era como se ouvíssemos música nascendo do nada...

Inclinei-me para David:.

- É fantástica, não é?..

David olhou para mim com curiosidade.

- Vamos convidá-la a ir connosco - disse eu.

Há em David uma característica forte que causa uma espécie de ressentimento nos outros homens. Creio que é o facto de ele compreender a necessidade que as mulheres têm de amor. Na sua maior parte os homens não são capazes de pôr essa ideia em prática,

mesmo quando a compreendem. Há ocasiões em que um homem lida com uma mulher com verdadeira suavidade, num ambiente em que há luz de velas e bom

vinho, e a seguir leva-a para a cama e pronto - adeus, romance... É por isso que muitas mulheres resistem o mais tempo que lhes é possível. O período que antecede a ida para a cama é, frequentemente, o melhor e o que mais agrada às mulheres. É que nesse período elas sentem que têm poder sobre os homens e, ainda mais, sentem que são gente.

Mas no caso de David a sensação prolonga-se por que ele quer a suavidade, a música, e também o sentimento. Na sua maior parte, as mulheres pensam que perderam o homem depois de terem feito amor com ele. O homem regressa ao seu mundo de homem, que é uma merda, e não sabe que a mulher existe, exactamente como ele.

Mas David limitou-se a olhar para Deborah, que não conhecia, e disse:

- Venha connosco.

Foi uma ordem dada em voz suave, mas havia nela uma promessa que Deborah devia andar ansiosa por encontrar. Nós não sabíamos quem ela era nem como era a sua vida, mas dez minutos depois os três saíamos juntos dali.

Fomos para a casa de David. A casa de banho de David é mesmo uma casa em que se toma banho.

Geralmente as casas de banho são apenas pequenos compartimentos em que também há uma retrete, e as pessoas chamam-lhes casas de banho porque preferem não utilizar a palavra "retrete". Mas a casa de banho de David era uma sala inteira em que havia uma linda banheira de mármore onde cabiam à vontade quatro pessoas. Pusemos a água a correr, deitamos nela sais de banho e loções perfumadas, e despimo-nos.

Deborah era realmente linda! Tinha uma pele macia, aveludada, e pernas e seios fantásticos... Tinha o porte de uma deusa. Era a mulher mais maravilhosa que eu já tinha visto. Nem sequer a conhecia, no entanto ali estávamos juntas, em total intimidade.

David era realmente incrível. Creio que, quando disse a Deborah "venha connosco", não calculára como essas palavras haviam sido exactas...

Estávamos os três na banheira, apenas rindo, brincando com a água, ensaboando-nos uns aos outros é divertindo-nos imenso, quando a porta se abriu e uma loira chamada Sheila entrou. Vivia em casa de David.

Perguntei-lhe:

- Queres juntar-te a nós?

Não sei porquê, todos rimos á gargalhada.

- Gostava de me juntar a vocês - disse Sheila -- mas vou sair para um encontro marcado.

Voltámos todos a rir mais um pouco. Creio que estávamos todos cheios de desejo de fazer amor. Sheila saiu e voltou passados uns minutos.

- Foi um encontro rápido! - disse-lhe eu:

Ela sorriu.,

- Não, ele - está à espera. Apenas voltei para vos desejar que se divirtam:

E; de trás das costas, tirou uma rosa que devia ter colhido no jardim de David; após o que arrancou as pétalas uma a uma, atirando-as delicadamente para a banheira.

Depois, saiu.

Quando saímos do banho, vesti uma camisa de noite verde pálida, meias de seda e ligas. Depois pus a Deborah meias negras, uma combinação negra, ligas negras, um "soutien" negro e calcinhas negras com uma abertura precisamente no sítio do sexo - o que ela apreciou imenso: Ficou absolutamente fantástica. Todos nós concordámos em que as meias e as ligas eram realmente excitantes. A seda era tão macia... Meti a mão entre uma meia e a carne macia da coxa de Deborah. O que era excitante não era apenas o leve ruído provocado pelo roçar na seda, nem o suave estalar da liga - era, sim, toda uma nova e estranha sensação que David me revelou: Uma sensação que me fez recuar momentaneamente o pensamento para séculos atrás, quando as pessoas vestiam rendas e sedas, quando as roupas e os estilos eram tão lindos... Comecei a afastar as pernas de Deborah, puxando-as para os lados pelas ligas. Depois, comecei a fazer-lhe

um minete, enquanto David lhe beijava as mamas. Logo depois, ela começou a fazer broche a David. Deborah veio-se... Comecei então eu a fazer broche a David, cuja peça ficou muito, muito tesa. Meti-a dentro de Deborah, e eles começaram a foder os dois, muito lentamente; muito cheios de gozo: Baixei a cabeça, até ficar com ela no sítio onde os sexos dos dois se uniam. Lambi um e outro, para os provar. Tocava com a língua no caralho de David, quando ele o desencavava, e sentia no caralho dele o sabor do leite de Deborah:.. Era uma sensação tremenda. Então, sucedeu uma coisa maravilhosa. Fantástica. De tarar. Começámos todos a gritar, todos a vir-nos! Todos ao mesmo tempo, todos juntos. Todos os três. Foi um dos mais belos momentos da minha vida. Eu nunca me tinha vindo com Chuck. Tinha tido orgasmos com outros homens. Mas com David era capaz de ter três ou quatro orgásmos numa única foda. E naquele dia, nós os três a virmo-nos exactamente ao mesmo tempo foi uma coisa fantástica!

Passado algum tempo, Deborah retirou-se, e então David e eu fodemos um com o outro. Na maior parte das vezes, pensamos que determinado homem está a

foder-nos, ou que o levamos para a cama e que estamos a fodê-lo, mas eu e David fodemo-nos mesmo um ao

outro. É perfeito, pois há uma ligação total entre nós.

Quando penso no caralho dele, fico logo toda molhada e quente por dentro. E, quando o tenho na

boca, é o mesmo caralho, no entanto ainda é mais real. Mas, quando o tenho realmente dentro de mim, todo o meu corpo fica como que electrificado e a ferver.

Sinto o seu maravilhoso caralho sendo engolido pela minha vagina, e sinto-o a entrar e a sair de mim. De certo modo, eu na verdade nunca antes experimentara foder. Creio realmente que é a sensação mental e emocional que compartilhamos que torna o sexo físico

tão incrível. Amar David é uma coisa totalmente fantástica e faz-me sentir-me tão completa... Amo-te, David.

David existe em cada parte da minha pessoa. Nunca conheci um homem que não estivesse mais interessado em qualquer outra coisa do que na mulher com que por acaso está em determinado momento. Mas, com David, fico com a sensação de que para ele nada é mais importante do que eu. Ele sabe o que eu sou. Está interessado em tudo que me diz respeito porque

entrou na minha vida tal como eu entrei na dele. Nada nos separa.

Tenho a certeza de que voltaremos a estar com Deborah. E talvez venhamos a ter juntos todas as espécies de aventuras sexuais. Mas sei que nunca haveremos de nos separar. E, mesmo que essa coisa inconcebível viesse a acontecer, eu sentir-me-ia grata pelo tempo que passei junto dele. Estou viva. Sei, pela primeira vez, o que é ter um sonho transformado em realidade. Todos os dias são dias felizes. Não me importo se amanhã me tornar numa pessoa apagada, esquecida do público, desde que tenha David comigo.

A razão por que a maior parte das pessoas querem fama, dinheiro ou poder é porque pensam de si mesmas que nada valem. E por isso pensam que, se toda

a gente as reconhecer quando entrarem numa sala, serão amadas, terão necessidade delas. Mas isso não passa de um fraco substituto para o que realmente tem valor. Os aplausos são um grande substituto. O poder, no mundo comercial, é um substituto. Um director que trabalhe seis dias por semana e diz em casa à mulher que está farto do trabalho até aos olhos, geralmente está é farto de tédio até aos olhos. Se não fosse assim, ele viria para casa, para a foder e lhe fazer minete. Estaria sempre desejoso de estar com ela, se realmente gostasse dela.

Muitas vezes as pessoas casam-se, mas é tudo uma farsa. Uma cerimónia e um contrato não passam de merda, não são mais do que uma formalidade que dá cabo do juízo das pessoas. O casal compra uma casa ou tem um bebé (o que acho muito bem), poupa dinheiro para comprar mobílias e preocupa-se com os estudos dos filhos - e finalmente chega um dia em que não há mais ninguém na casa a não serem eles os

dois. Ficaram sem qualquer apoio, e têm de se enfrentar um ao outro, talvez pela primeira vez. E nunca

sequer se conhecem realmente um ao outro. Não admira que haja tantos divórcios.

Na sua maior parte, as pessoas não entram o bastante umas nas outras. Não procuram saber se a outra

pessoa se preocupa, ou se todas as suas relações são apenas uma questão de oportunidade ou conveniência accidental. Mas David entrou realmente na minha vida.

Ele sabe o que eu penso e sinto acerca de tudo. Está profundamente interessado no que eu tenho a dizer sobre as coisas. Isso faz que eu me sinta feliz. Faz-me pensar que ele não se interessa apenas pelo formato do meu cu. E David diz a verdade. Podemos discutir um

com o outro. Podemos quase chegar a "vias de facto". Mas tudo isso se passa abertamente. Sem merdas.

E estamos a viver em outro século. As rosas continuam a chegar. O sentimento mantém-se. Quando

vamos dar um passeio juntos e David olha a paisagem à sua volta, eu sinto o poder criador e as cores do seu espírito. Ele tem uma maneira especial de ver. E através dos olhos dele vejo coisas que nunca tinha visto. Onde quer que nós vamos, David diz-me coisas, mostra-me coisas, ensina-me coisas. Ele sente-se tão emocionado perante a beleza da vida!

Antes, nunca ninguém se importara com a minha dicção. A maneira como eu falava e o meu aspecto só estavam relacionados com o processo de me levar para a cama. Agora, David faz os seus comentários sobre tudo. E não por se preocupar com outras pessoas, mas sim porque se orgulha de mim... por mim.

E por ele próprio.

Desejo a todas as mulheres na Terra que tenham um David que seja seu. Se as mulheres que lerem isto vissem David, talvez dissessem: "Caramba, ela deve estar a brincar!" Mas a cegueira seria delas.

Outras mulheres talvez pensassem que o homem que descrevi é uma impossibilidade, e que eu sou apenas uma mulher que está apaixonada. Mas creio que sou realista. E objectiva. Até hoje, não posso ficar parada a olhar para ele. Corro para a porta, quando ele chega a casa. Mesmo que ele tenha saído apenas há dez minutos. Não o faço apenas pela piça dele. Mas para estar com ele. Para ouvir o que ele tem a dizer.

Se realmente existe um ser supremo, espero que ele dê a cada mulher o seu David. E todos os dias, nas mais pequenas coisas, haverá apenas alegria, beleza e encanto no Mundo.

Abençoo-te, David.

O REI DO SEXO

Não tinha passado muito tempo depois de o meu filme ter começado a ser conhecido quando recebi um telefonema de uma das mais célebres revistas da América. Queriam que eu fizesse uma sessão de nus fotográficos e, como eles eram especialistas nesse género de coisas, foi com prazer que aceitei. Eu sabia que milhares de raparigas dariam provavelmente tudo

para conseguir aparecer nas páginas da revista, pois

esta já tinha lançado inúmeras carreiras. Sentia-me excitada por eles me terem telefonado: não tinha sido eu a telefonar-lhes. Agradava-me a ideia de estar realmente a tornar-me célebre. Essa ideia emocionava-me, e ainda me emociona.

A sessão de fotografias não foi nada de especial. Não me pareceu Que as fotografias saíssem da banalidade, o que me deixou um tanto desapontada.

Queriam fotografias com o meu cabelo todo encaracolado, tal como no filme, e comecei a pensar se eles estavam a fazer negócio comigo ou era eu que estava a fazer negócio com eles.

Cerca de uma semana depois recebi uma chamada do editor da revista, o Rei do Sexo em pessoa. Não digo isto por sarcasmo, porque para mim o homem é realmente o Rei do Sexo. Ele governa um império, e conseguiu que o sexo se tornasse muito mais aceitável no nosso país. Na medida em que ele conseguiu tirar o assunto de trás de portas fechadas, acho que merece o nosso reconhecimento.

Pois o Rei convidou-me a ir à sua mansão, que mais se assemelha a um castelo, para ver um filme. Fiquei tremendamente excitada com a ideia de lá ir. Tinha ouvido falar tanto dele, do seu estilo de vida e das pessoas que o rodeavam, que fiquei deveras impaciente. Eu tinha tanta coisa a ver e a aprender... Sentia-me ansiosa por entrar naquele mundo.

A propriedade era realmente enorme. Olhei em volta, vendo a casa principal, a estufa, a casa dos convidados, a casa de banhos, o "Jacuzzi", o laranjal e a vinha, o campo de ténis, a casa a que se chamava sala de jogos e que, segundo vim a saber mais tarde, era a sala das orgias. Ainda levei algum tempo a reunir a coragem necessária para entrar. Continuei sempre a olhar em volta, pensando em como tudo aquilo era magnífico.

A casa principal era muito grande, vendo-se na sala diversas antiguidades e poltronas de couro, bem como outras de fantasia, cuidadosamente dispostas e de aspecto muito cómodo. Em outras salas havia um lago "Jacuzzi", uma instalação de sauna e vários jogos. Havia bastante couro em toda a casa, o que me impressionou como sendo bastante másculo: talvez ele tivesse sido colocado ali precisamente para criar essa impressão. Em parte o ambiente era acolhedor, amistoso e descontraído (o género de casa em que podemos pôr o pé em cima de qualquer coisa, se nos apetecer), e em parte parecia dizer-nos: "Olha, vê como sou

formidável e impressionante!"

Havia mordomos por todo o lado, bem como doze guardas de segurança. Onde quer que nos encontrássemos, bastava premir um botão e logo nos serviam, em poucos minutos, comida, música, bebidas. Aquilo era demais!

O "Jacuzzi" ficava por baixo de uma caverna artificial, e tinha capacidade para cerca de cem pessoas.

A caverna tinha claraboias de vidro tingido, um sistema de som, colchões para as pessoas se deitarem, diferentes controles de luzes, velas, música... Havia uma queda de água a correr ininterruptamente, por baixo da qual podíamos passar a nado para chegar à piscina, que era um enorme lago a toda a volta da caverna.

O terreno em volta da casa tinha belos animais em todo o lado. Não se sentia na propriedade qualquer intrusão da cidade. Era como um reino de magia em que todos fossem reis, e em que o prazer e o deleite eram as únicas preocupações dos seus habitantes.

Na casa principal havia pessoas sentadas no soalho, reclinadas em poltronas e deitadas nos amplos sofás: aguardavam o Rei do Sexo. Logo que ele chegou a casa, um dos seus empregados pôs-lhe uma "Pepsi-Cola" na mão. Ele é doido por "Pepsi-Cola". Claro

que podia ter tomado um licor flamejante ou um vinho antigo, mas o que quis foi a sua "Pepsi-Cola".

Enquanto atravessava a sala, pude ver como ele era uma pessoa bondosa e decente. Abraçava toda a gente, e via-se que o fazia com verdadeiro afecto, Embora houvesse ali muitas moças com belo aspecto, ele parecia ser um homem com preferência por jovens com tetas grandes: fazia sempre um trejeito especial quando uma moça de mamas grandes o envolvia com os braços. As moças davam a impressão de que ficariam transtornadas se a maquilhagem se estragasse ou

se o "bâton" ficasse borrado. Mas o Rei do Sexo parecia estar mesmo a divertir-se bastante. A sua conversa era viva, cheia de graça, e, apesar de as raparigas

parecerem peças decorativas, ele parecia sentir-se real mente à vontade no meio delas. Por vezes vamos ao

gabinete de um homem parece que o gabinete é demasiado grande para o homem, e que ele não será

capaz de trabalhar ali. Mas o Rei parecia descontraído no seu castelo.

Ele queria que toda a gente se divertisse. Sentir -se-ia insultado se uma pessoa não jogasse ténis, não

comesse, não utilizasse o "Jacuzzi" ou o sauna, ou não se divertisse nas máquinas de jogo.

Caminhava por ali como um tipo simpático que tivesse encontrado uma Disneylândia de sexo e que não precisasse de bilhetes. Podia entrar em todos os jogos que quisesse. Ele é uma das pessoas mais generosas que já conheci, sob mais do que um aspecto.

Quando se aproximou de mim, a primeira coisa que disse foi que gostara imenso do meu filme. Achei aquilo muito simpático da parte dele. Era evidente que ele queria que eu me sentisse ali como em minha casa - como se fosse possível sentirmo-nos em casa num lugar enorme como aquele... Disse-me que tinha passado o filme praticamente todas as noites e perguntou-se se eu sabia que Warren Beatty tinha ficado mesmo tarado ao vê-lo.

Acho que Warren Beatty é um actor fabuloso. Fiquei entusiasmada ao vê-lo em "Bonnie e Clyde". Por

isso, quando o Rei me disse aquilo, pensei que estava a brincar comigo. É que eu fizera o filme com uma

certa ironia (e não só), e, embora tivesse tido grande êxito, não me ocorreu que um belo actor como Warren Beatty fosse vê-lo, quanto mais que gostasse tanto dele. E não gostou apenas por causa do sexo. Mais tarde, Warren disse-me que havia no meu desempenho um certo estilo descontraído e natural, um estilo que, segundo me afirmou, raramente se via na tela. Como ele nada quis de mim, em nenhum sentido, creio que estava a ser sincero. Ele é um homem talentoso mas, mais importante ainda, é um homem cujo espírito está aberto a coisas novas e é por isso que eu acho que ele continuará a ser uma grande "estrela".

Mas então o Rei disse: "Por que não vamos para a biblioteca conversar?"

Fomos para a biblioteca, sentámo-nos e ficámos a conversar durante umas quatro horas. Falámos sobre milhentas coisas: onde eu tinha nascido, aquilo em que acreditava, o que queria fazer. Comecei a ver como o Rei era realmente um homem profundo. Estava interessado em mim como pessoa - via-se isso - e achei

tal facto excitante. Interrogava-me com naturalidade, num tom de voz suave, o que me fez querer

falar, e quando dei por mim estava a contar-lhe coisas que geralmente nunca diria a ninguém, muito menos

num primeiro encontro. Mas ele revelava uma certa timidez Que era muito acolhedora e atraente. Enquanto fumava o seu cachimbo, cada vez nos embrenhávamos mais na conversa.

Reparei Que ele tinha mais qualquer coisa no espírito. Creio que queria compreender qual o efeito que

eu teria no Mundo e como poderia adaptar-me, na minha insignificância, ao seu esquema. A medida que ele falava, comecei a compenetrar-me de que, quanto mais aceitável alguém como eu é para a sociedade, tanto melhor para a revista dele. E isso deixou-me realmente emocionada. Senti-me importante.

Eu não acredito na censura, e ele também não..

Se uma pessoa não quer comprar uma revista ou ver um filme pornográfico, ninguém a força a fazê-lo.

A censura mais eficaz parte da própria pessoa, quando chega a altura de decidir se deve ver ou não ver, comprar ou não comprar.

Se um tipo compra uma revista para ver uma rapariga com bonitas mamas e assim satisfazer-se sozinho,

isso é muito melhor do que saltar para cima de uma moça, à noite, num parque! Quanto mais tudo for feito às claras, tanto menos violações e crimes sexuais haverá.

E assim o Rei e eu vimos que estávamos de acordo quanto a uma série de coisas. No entanto, o que foi realmente interessante para mim foi nunca ter ficado com a sensação de que ele estava interessado no meu corpo. Por mim, estava bem - mas sentia curiosidade por saber como é que ele procedia para levar uma mulher para a cama.

Mais tarde vim a saber que ele não fazia nada disso. Isto é, o Rei não gosta de cortejar uma moça. Não gosta de perder tempo a convencê-la nem de participar

no jogo "Posso, ou não posso?"... Creio que na verdade ele nunca teve de fazer isso. Casou com a sua

namorada dos tempos do liceu, e creio Que não tem muita experiência no que se refere a levar mulheres para a cama.

Foi uma coisa que realmente me impressionou. Estava ali um tipo a fazer o que milhões de homens em todo o Mundo gostariam de fazer. Ele não tem necessidade de andar atrás de raparigas: basta-lhe dar um estalo com os dedos, e tem logo à disposição as que quiser. Acho que isso se tornará maçador ao fim de algum tempo. Sabe-se sempre com antecedência que vamos foder. Não há nenhum mistério: Mas não

me parece que o Rei venha algum dia a faltar-se disso. Creio que algumas pessoas dirão que ele é uma pessoa insegura. Mas não creio que seja esse o caso. Estabeleceu-se entre nós uma boa amizade - e eu continuei a ir ao castelo. Gostava mesmo dele, que sempre se mostrava muito simpático comigo.

Todas as histórias que se contam sobre a vida de loucura levada pelo Rei são uma trampa. Eu tinha ouvido contar que se passavam muitas loucuras no avião particular do Rei, e estava realmente ansiosa por fazer um voo nele. Já agora, queria voar de várias maneiras...

Mas, quando finalmente viajei no avião, não aconteceu nada de especial. O voo não era muito diferente

dos vulgares voos comerciais. É claro que as pessoas a bordo eram todas muito simpáticas, mas na maior parte do voo o que se fez foi jogar os dados, as cartas e o monopólio. Depois conversávamos e comíamos. E, a seguir, um pouco mais de dados. E é que estava com esperanças de ser fodida a 30 000 pés de altitude!...

Na mansão havia também festas de sexo supostamente escandalosas. Mais ou menos de semana a semana havia uma orgia. Mas essa orgia, de certo modo, parecia mais um piquenique. Os homens alinhavam-se de um dos lados do "Jacuzzi" e as raparigas do outro. Havia um certo recato e, na verdade, não se fodia muito.

Creio que na sua maior parte as raparigas que vão lá procuram um tipo que tenha bastante massa, um actor de cinema, ou qualquer outra coisa que nem mesmo elas podem explicar. Metade das raparigas ali presentes eram moças que tinham ido procurar trabalho na revista - para obter empregos, tirar fotografias, etc. E acabavam por ir parar ao castelo. Algumas delas são levadas por amigas, e assim por diante.

Mas na orgia nunca tomavam parte mais do que umas dez pessoas, e pouca coisa se fazia a não ser que o Rei estivesse presente. Quando ele chegava, todos se descontraíam ainda mais.

Na vez seguinte que fui ao "Jacuzzi", no castelo, o Rei estava lá. Os rapazes e as raparigas habituais estavam alinhados nos seus respectivos lugares. Havia naquilo algo que me pareceu demasiado forçado. Mas o Rei despiu-se, com toda a naturalidade e espalhou leite "Johnson" para bebés sobre a piça, as mãos, o

peito e as pernas. Então saltou para a água, rindo. Havia qualquer coisa, no prazer descontraído que ele tirava de coisas simples, que na verdade me excitava.

Era uma pessoa delicada, gentil, tímida. Mas era

basicamente honesto e feliz. Por vezes parecia solitário, como se realmente ninguém compreendesse o que ele estava a pensar ou a fazer. Como se tivesse a mente cheia de pensamentos. E tenho a certeza de que era assim. No entanto, tinha um prazer quase infantil com as coisas mais simples. Decidi então que queria foder com ele e fazer-lhe um bom broche.

Quando me encontrava no "Jacuzzi", ao lado de uma rapariga, o Rei disse-nos:

- Porque é que vocês as duas não começam?...

A rapariga era linda, e por isso não tive grande problema em excitar-me com ela. E fartei-me de gozar.

Comecei a fazer-lhe um minete, descrevendo pequenos círculos com a língua em volta do seu clitóris. O Rei começou a ficar excitado, só de ver. Pouco depois, senti uma língua acariciando-me também o clitóris. Caramba, o Rei sabia o que estava a fazer! Eu não disse nada; pois tinha a língua bastante ocupada, mas o que sei é que aquele foi um dos melhores minetes que já me fizeram! Ele fez realmente que a minha cona se sentisse bem. Sabia o que estava a fazer. Não havia nele qualquer incerteza. Não forçava nem magoava. Via-se que era um homem já bastante habituado a fazer aquilo..

Mesmo quando estava a começar a ficar doida, senti uma piça quente penetrando-me no cu. Por acaso eu tinha o cu mesmo voltado para ele, e creio que ele gostou de o comer, porque eu estava a sentir um gozo delicioso. Foi a melhor enrabada que já levei em dias da minha vida: estocadas fortes, regulares, cujo ritmo era cada vez mais intenso; até se tornar frenético.

A rapariga começou a gemer. Ao fim de um ou dois minutos explodiu, e ficou completamente sem fôlego: caiu desamparada no colchão que estava ao lado do "Jacuzzi", inanimada. Mas o Rei apenas tinha começado.

Era capaz de jurar que ele soltou um risinho quando me voltou ao contrário. Começou então a foder-me: foi uma foda boa, funda, lenta, que ao fim de quinze minutos já me tinha posto a arfar... Um tipo normal dá-nos cerca de 25 estocadas com a piça antes de se vir. Mas o Rei era um mestre. Aposto que ele deve ter-me dado mais de 250 sólidas estocadas antes de finalmente se ter largado. Não sei qual foi o número exacto, pois estava a gozar demasiado para poder contar. Viemo-nos os dois juntos, ao mesmo tempo. Foi uma sensação tremenda, mas foi essa a única vez em que nos viemos juntos. Talvez seja por ele ter demasiadas

preocupações. Um destes dias é possível que voltemos a vir-nos outra vez juntos. Cá por mim, não me importo!

Tinha ouvido dizer que ele utilizava aparelhos de todos os géneros que nos faziam sentirmo-nos bem -vibradores, caralhos postiços e outras coisas diabólicas - mas comigo nunca teve de usar qualquer dessas coisas. Ele tinha um dos melhores aparelhos

que eu já vira: mesmo entre as pernas.

Pondo de parte a questão sexual, eu gosto realmente do Rei como ser humano. Ele é realmente um grande homem. Não tem a mania de armar em bom. É apenas um ser humano franco, inteligente, que merece todo o êxito que tem conseguido. E só a ele mesmo o deve. Não nasceu numa família rica nem herdou muito dinheiro. Mas tem milhões. Lembro-me de em tempos ter ido à mansão de Hearst, em San Simeon, na Califórnia, e pensar que Hearst devia ser uma pessoa muito

pretenciosa. Desconheço o que ele sabia de arte, mas tinha especialistas que lhe traziam objectos de arte i de todo o Mundo.

Mas o Rei é diferente. Ele põe arte na sua revista, bem como na sua vida. E fá-lo com muito menos aparato.

Ele e eu somos muito parecidos. Ambos começá mos do nada, ambos na verdade adoramos o sexo.

Queremos arrancar as vendas que as pessoas têm nos olhos para lhes revelar a verdade acerca das suas necessidades, mostrando-as tais como elas são.

Evidentemente, ele é uma pessoa muito importante e tem um império de muitos milhões de dólares que se espalha por todo o Mundo, e eu sou apenas uma pessoa sozinha. Mas nós somos o futuro. E, quando penso no Rei e em mim, creio que o futuro não poderá ser muito mau. É que, apesar de todo o poder, de toda a força, de todas as grandes companhias Que se encontram à porta da frente dos Estados Unidos, mesmo

assim nós conseguimos entrar. Conseguimos chegar ao topo. Outras pessoas, que igualmente vieram do nada, continuam a consegui-lo. Por isso penso Que a sociedade mudará - para melhor.

Mas ainda temos de lutar. Há pessoas que sempre terão receio de dizer a verdade. Um dia, deixará de haver censores, e isso sucederá devido aos passos lentos, difíceis, que forem dados por pessoas como o Reim momento em que não era fácil dá-los.

EU E A HARVARD

Quando me deram a notícia, ri-me. A Harvard.
.E eu. Voltei a rir-me. Tinha sido eleita a actriz com mais coragem para explorar novos horizontes na arte cinematográfica.

Ao perguntar do que se tratava, vim a saber que aquilo não passava de uma brincadeira. Os prémios eram dados anualmente pelo "Harvard Lampoon" (I), (1) - "O Pasquim de Harvard" - (N. T.) um jornal de estudantes na Universidade de Harvard, às pessoas que eles consideravam as piores nos seus respectivos campos de actividade. O meu empresário na altura, Lee Winkler, disse-me que o meu prémio era um prémio especial, um grande negócio em termos de publicidade, e acrescentou que o acontecimento vinha geralmente referido em semanários e revistas. Perguntei se alguma "estrela" do cinema tinha comparecido pessoalmente para receber o prémio, ao que

ele sorriu e disse que não acreditava nisso. Decidi então ir eu.

Quando o meu empresário telefonou dizendo que eu iria receber pessoalmente o prémio, o pessoal do "Harvard Lampoon" fez os preparativos para um grande desfile em minha honra, o que me pareceu ser a coisa mais "intelectual" a fazer.

Estava ansiosa por aquilo, pois sempre tinha ouvido dizer que a Harvard era a principal instituição no campo do ensino no nosso país: Muitos dos futuros dirigentes de companhias e do Governo eram certamente estudantes de Harvard, e eu queria ver com os meus próprios olhos como eram realmente os estudantes.

Quando lá cheguei fui recebida por um grupo de rapazes que se mostraram muito simpáticos, muito cavalheiros. Mas podia ver, pela maneira como me olhavam, que eu realmente lhes agradava, o que me tornou optimista quanto ao futuro do país.

Fui formalmente recebida por uma comissão de quatro rapazes do "Harvard Lampoon". Foram eles as primeiras pessoas que eu conhecera que desejavam que eu fosse exactamente o que sou - uma jovem que, por sinal, é livre. Eles eram bastante mais calmos e mais compreensivos do que eu tinha esperado, com toda a naturalidade. Creio que ficámos todos um tanto surpreendidos com as atitudes uns dos outros.

O desfile foi muito alegre. Toda a gente se ria, gritava e cantava cheia de boa disposição. Era como se todos nós compartilhássemos um segredo que estávamos finalmente a revelar a todo o Mundo. O segredo do sexo. Havia ali uma multidão enorme, muito simpática. Soube mais tarde que havia na praça mais de

seis mil jovens, e pelo menos mais algumas centenas pendurados às janelas. Foi a maior reunião que eles tiveram e também a que lhes provocou maior excitação.

Finalmente parei nos degraus do Castelo do Pasquim, e as cerimónias tiveram início.

Robert Redford

foi galardoado com o prémio para "O Pior Actor do Ano". Como não estava presente para receber o prémio, o seu representante, Elmer Jenkins, aceitou-o em

seu nome. Depois, o prémio para "A Pior Actriz do Ano" foi dado a Ali McGraw, e o seu representante, Elmer Jenkins, aceitou-o por ela.

Cada vez Que Elmer Jenkins se levantava para aceitar mais um prémio, dizia simplesmente "Obrigado, obrigado", acenava para a multidão e sentava-se logo a seguir. A multidão ria à gargalhada. Eu sentia-me confusa, pois só mais tarde soube que Elmer Jenkins, um velhote simpático que na altura tinha um fato castanho amarrotado, uma camisa engomada e uma gravata muito estreita, era o encarregado do prédio.

Tratava-se de uma grande tradição. Todos os anos o encarregado aceitava os prémios em nome das "estrelas" que não compareciam. Eu adorei aquilo. E senti-me satisfeita por ter decidido aceitar pessoalmente o prémio.

Alguns dos jovens fizeram discursos pequenos e cheios de graça, até que finalmente um deles leu uma inscrição num papiro e chamou pelo meu nome. Quando

me levantei, houve tremendos aplausos por parte da multidão. Foi uma grande sensação! É absolutamente possível que entre os presentes se encontrasse um futuro Presidente dos Estados Unidos. Espero ter causado boa impressão nele, seja quem for.

-Quero agradecer-lhes terem-me dado o vosso prémio para um dos piores filmes do ano. Vocês têm um gosto excelente. Foi realmente um dos piores filmes do ano. _

Pensei que eles iriam rir ao ouvir aquilo. Em vez disso, apuparam-me fortemente. Fiquei realmente chocada e mantive-me quieta por um momento, incapaz de dizer fosse o que fosse. Mas eles não estavam contra mim: estavam a meu favor! Não era o filme que lhes

interessava, era eu. Os gritos de "Linda, tu foste a melhor!" disseram-me algo que eu já deveria ter compreendido desde o princípio. Havia tanta merda à volta deles, tanta falsidade e fingimento, que aquilo que eu tinha feito fora como um sopro de ar fresco no meio de um pântano.

Aqueles jovens eram pessoas realmente inteligentes, francas. Eu é que fora tola ao pensar que eles seriam diferentes. Se havia alguma diferença, era que eles detestavam o cinismo mais do que a maior parte das pessoas.

Continuei:

- Tenho estado a pensar acerca de palavras como "o pior" e "o melhor" e naquilo que elas significam aqui no nosso país...

Ouvi um dos jovens que estavam mais à frente dizer a um amigo:

-Aí vem o discurso profundo!

Creio que nesse campo também estavam fartos de cinismo. Mas eu não ia fazer nenhum discurso profundo.

E continuei:

-Dizem-nos que o melhor actor, como êxito de bilheteira, é John Wayne. E que o melhor homem para o cargo de Presidente dos Estados Unidos é Richard Nixon. Bem, se estes dois são exemplos do que há de melhor, então creio que prefiro ser a pior!

A multidão adorou aquilo e aplaudiu-me durante bastante tempo, segundo me pareceu.

Quando finalmente pararam de aplaudir, eu disse:

- Por isso quero agradecer-lhes terem-me dado um dos vossos prémios para os piores, pois ele é dado por uma das piores revistas do Mundo, o "Harvard Lampoon"!

Mais aplausos. Eu estava realmente a começar a sentir-me à vontade.

- Mas só aqui entre nós - disse eu em tom confidencial-, sabemos mesmo que somos os melhores, não sabemos?

Então os "flashes" das máquinas fotográficas começaram a relampejar e a multidão ficou louca de entusiasmo.

Levaram-me para o interior do castelo - um edifício pequeno e giro com salas ao estilo do Século XIII para se realizar uma conferência de Imprensa. Fiquei surpreendida perante o número de repórteres de jornais

locais e nacionais - a agência "Associated Press", a "UPI", as revistas "TIME" e "Newsweek", o jornal de New Haven, os jornais de Boston, e muitos outros.

As perguntas que eu queria ouvir eram as dos estudantes. Mas não havia tempo para tudo. Eu estava com o tempo todo contado e infelizmente tinha de apanhar um avião. Por isso, apenas fiquei a conversar com eles durante uma hora mais ou menos.

Quando saía, um estudante bastante giro pediu-me um autógrafo para um volume de Shakespeare. Achei aquilo realmente pretensioso. Espero que ele me procure a próxima vez que eu lá for. Por isso, se você está a ler estas linhas, meu rapaz, a próxima vez que eu aparecer nas suas redondezas, procure-me. Você será o único tipo em todo o Mundo a ter um livro de Shakespeare - autografado por Linda Lóvelace.

No avião que me levava para Filadélfia, a fim de ensaiar uma peça em que ia estreiar-me, pensei no que se passara em Harvard. Os tipos de Harvard são bastante inteligentes para compreender quanta merda nos rodeia a todos. É provável que tenham de ouvir uma data de tolices acerca de tradições, instituições, governo e lei, e tudo o resto. Não admira que gostem de ridicularizar o que é sério.

Muitas universidades me convidaram a ir falar com os seus estudantes. Sempre me recusei, porque para mim as universidades não representam a vida tal como ela é. Confio nos meus instintos, não na minha cabeça. Mas creio que vou começar a aceitar alguns convites para falar. Até eu ir a Harvard, não sabia que os intelectuais viajavam no mesmo barco que eu. E o nome desse barco é "América, Terra da Falsidade". Mas os passageiros podem desviar o navio para outra rota, não podem?

Em Filadélfia conheci um homem que pertence a uma das mais célebres famílias do Mundo. Tom Yo-Yo foi-me apresentado numa festa, e eu não sabia quem ele era. Por isso limitei-me a cumprimentá-lo e não lhe prestei muita atenção. Para mim, era apenas um homem. Mais tarde, David disse-me que a família dele era muito influente em Filadélfia.

Tom Yo-Yo telefonou-me no dia seguinte e disse que gostaria de oferecer uma festa em minha honra, para me dar as boas vindas a Filadélfia. Achei a ideia muito simpática. Disse que voltaria a contactar comigo e desligou. A próxima vez que o vi foi num restaurante que fora alugado para se dar uma festa - na noite de estreia da minha peça. Ele aproximou-se e voltou a apresentar-se.

Dessa vez, olhei para ele com um pouco mais de

atenção. Era um tipo com um pescoço muito direito, óculos sem aro, que andava sempre erecto, mas de modo rígido, como Nixon. Na lapela trazia um pequeno emblema, que mais tarde soube que ganhara nas Olimpíadas.

- Lamento não ter podido persegui-la por toda a cidade - disse ele, sorrindo com ar de quem pede

desculpa.

Não compreendi bem o que ele quisera dizer.

- Não faz mal - respondi..

Talvez ele pensasse que era uma pessoa tão importante como o presidente do município ou coisa parecida e que tinha de receber todas as pessoas que chegavam à cidade. Eu não precisava daquilo. E, se realmente ele queria passar algum tempo comigo, por que

não o dizia? Ou então não dizia nada. Por que se maçara a telefonar?

- Ainda quero organizar a tal festa em sua honra -- disse-me.

- Não se preocupe com isso - respondi.

-Não, quero mesmo organizá-la. O único problema é que não posso ser eu o anfitrião...

Voltou a sorrir, com ar de quem pede desculpa.

Aquele sorriso estava a começar a irritar-me. Aquilo realmente não me agradava.

- Compreende, não é verdade? - perguntou.

Eu não tinha compreendido e disse isso mesmo.

- Bem, podíamos dar a festa em minha casa, mas tem de ser em nome de qualquer outra pessoa. Acha bem?...

Não compreendi nada daquilo. Disse-lhe que falasse sobre o assunto com David e voltei-me para conversar com outra pessoa.

Creio que foi cerca de uma semana depois que David me disse que íamos a uma festa em casa de Tom.

- Como é isso?

- Pensei que quisesses ir - respondeu David.

Soube então que Tom Yo-Yu lhe dissera que me tinha consultado acerca de uma festa a dar na casa dele e que eu dissera que sim. Foi naquela noite... Não podíamos aturar mais o homem. Por isso decidimos ir. Se eu não andasse tão ocupada naquela semana, talvez tivéssemos falado sobre o assunto mais cedo e eu teria seguido o meu instinto e cancelado tudo aquilo.

A festa era horrível. Pareceu-me que toda a gente queria despir-se, mas que não sabia como fazê-lo ou então tinha medo. Na cozinha, estava um tipo por trás de uma fila de garrafas, despejando bebidas para quem entrasse. Era um "dala-barato" ordinário, e não consegui saber se era um convidado bêbedo ou um

empregado de bar. Embora a casa fosse de Tom Yo-Yo, ele não devia intitular-se "anfitrião", pois não queria que se soubesse publicamente que estava a dar a festa.

Na sala as pessoas estavam sentadas em pequenos grupos, em sofás e poltronas, procurando algo que dizerem umas às outras. Pareciam todas muito secas e contraídas. Sobre a mesa viam-se dois pratos com batatas fritas já frias e alguns amendoins. E mais nada. A sensação que havia ali era a de que a casa pertencia a alguém que não estava certo acerca de si próprio ou daquilo que queria. Um apartamento de luxo com amendoins...

No quarto de cama havia um retrato recente da princesa e da sua família tirado pelo Natal. Era um lindo retrato, embora formal. Ela estava de pé, bastante alta, e tinha exactamente o aspecto que uma princesa deve ter. Os filhos eram crianças simpáticas, embora o rapaz tivesse uma expressão irada. O príncipe tinha

um ar bondoso, inteligente e compreensivo. De um modo geral, estavam giros.

Voltei outra vez para a sala. Tom estava à porta despedindo-se de uma rapariga:

- Até qualquer dia - disse: - Foi um prazer tê-la a bordo...

A expressão irritou-me. Soara como se ele já a tivesse dito mil vezes, como se já não houvesse ali mais nada que fosse real. Eu queria realmente sair dali para fora ou pelo menos começar a dançar e a fazer que sucedesse Qualquer coisa. Talvez uma pequena faísca animasse a noite... Quando falava com

David, notei que mais alguém se retirava. O nosso anfitrião deslisou rapidamente pela sala, como uma cobra, passando por entre os casais, e num instante tinha chegado à porta.

- Até qualquer dia - disse a um tipo que saía com uma rapariga magra. - Foi um prazer tê-los a bordo...

Foi o bastante, para mim. Eu era a convidada de honra, mas já não podia suportar aquilo nem mais um minuto. David olhou para mim e, como já me conhecia bem, ergueu ligeiramente as sobrancelhas e disse:

-Vou buscar os nossos casacos, querida.

De resto, eu pensava que ninguém iria sentir a minha falta.

Enquanto esperava que David voltasse com os

casacos, ia observando Tom Yo-Yo pelo canto do olho. Que coisa estranha! O pai dele, segundo me tinham dito, fora um homem às direitas, um grande desportista. Conta-se que não o autorizaram a participar numa importante corrida na Inglaterra e que ele nunca mais esqueceu isso e jurou vingar-se. Depois disso teve êxito na vida, e a sua família tornou-se das mais influentes na sociedade de Filadélfia. E ele venceu tudo e todos, mesmo em sectores em Que antes não pudera entrar. Eu podia compreender aquilo. Eu compreendia o pai de Tom Yo-Yo, embora nunca o tivesse conhecido. Devia ser um grande macho.

Mas o filho já era outra coisa. Parecia ser a favor de tudo aquilo contra o que o pai lutara. Tom Yo-Yo foi o único tipo que eu conheci que usava uma camisa de colarinho aberto e Que no entanto parecia estar a usar uma gravata. Desejei ter conhecido antes o pai dele. Ou a irmã. Ou o sobrinho, ou a sobrinha. Ou qualquer outra pessoa.

David voltou com os casacos.

- Um momento - disse-lhe eu, pois não queria vestir logo o casaco.

Esperei até ver Tom deslocar-se para um canto afastado da sala. Havia muitas pessoas entre nós. Fiquei com a certeza de que ele não poderia ver-me. Tinha as costas voltadas para mim quando me enfiei no casaco, muito rapidamente.

- Acho que devemos despedir-nos, querida - disse David.

- Temos mesmo de fazê-lo? - perguntei. - Por Que não saímos assim mesmo, sem dizer nada? Está bem?...

Ele acenou que sim com a cabeça e encaminhámo-nos rapidamente para a porta. Não queria acreditar nos meus olhos: ali em frente, entre nós e a porta, estava uma figura de ombros quadrados e pescoço rígido. Olhei em volta, procurando uma saída de emergência. Procurando qualquer saída. Penso que, se a janela estivesse aberta, teria saltado por ela. Mas não havia fuga possível. A figura aproximou-se de nós. Senti arrepios na pele. Subitamente, parece que senti comichão em todo o corpo. Sabia o que ia suceder. Agora, era inevitável:

- Até qualquer dia - disse Tom Yo-Yo, com o seu sorriso à Peter Lorre. - Foi um prazer tê-los a bordo...

Enquanto estive em Filadélfia, ouvi contar bastantes anedotas acerca da cidade, a cidade do amor fraternal. A inscrição no túmulo de W. C. Fields diz: "Prefiro estar aqui do que em Filadélfia". Um célebre escritor disse, em tempos: "Ontem fui a Filadélfia, mas estava fechada..." E um outro espertalhão disse: "Certo domingo, passei um mês inteiro em Filadélfia..."

Sempre que penso em Filadélfia, penso em várias das pessoas giras que conheci, e penso nas experiências por que passei durante a minha primeira peça alimas aquilo de que mais me recordarei será aquele pequeno chilreio, solto por entre lábios apertados e finos: "Foi um prazer tê-los a bordo".

EU E ELVIS

Quando David me disse que conhecia Elvis, não acreditei nele. Pensei que estava a exagerar. Talvez o tivesse conhecido em tempos, algures, e isso tivesse depois sido exagerado, no espírito de David, à medida que o tempo passara. Creio que já estava tão habituada a que me mentissem e fossem falsos para mim que ainda tinha certas dúvidas, relativamente fosse a quem fosse - mesmo David. Aceitei o que ele disse mas mentalmente pus-lhe as minhas reservas. Mas David conhece-me. Olhou para mim e disse:

- Não acreditas!

Então soltou uma gargalhada e pegou no telefone.

-Telefonista, quero ligar para Elvis Presley, no Hotel Hilton, de Las Vegas... David Winters... Sim, telefonista, eu espero... Está? Olá, Elvis! Que se passa, homem?

Assim mesmo. Estava a falar ao telefone com Elvis.

- Ótimo... Com certeza. Pensei que veríamos o espectáculo amanhã à noite, se calhasse bem. Cerca das dez horas, ou quando der mais jeito... Sim, ótimo! Vai ser formidável, Elvis! Até amanhã!

Senti uma humidade entre as pernas... Estava tão excitada! Elvis! Olhei para David:

-Afinal tu conhece-lo mesmo!

- Com certeza - disse David. - Fizemos alguns

filmes juntos.

Mais tarde, soube que esses filmes tinham sido seis.

Partimos para Las Vegas na noite seguinte. Fomos para um hotel, mudámos de roupa e estávamos a preparar-nos para sair quando um amigo nosso bateu

à porta. Era um tipo chamado Lester. Vinha com duas moças que eu não conhecia, chamadas Marianne e Sherry. David e eu estávamos já vestidos e prontos para sair, e uma das moças, Marianne, disse:

-Ouçam! Vamos todos foder juntos, em vez de irem ver o Elvis!

Aquilo não me agradou. Antes de mais, nunca tinha sequer havido qualquer contacto entre nós. Eu não seria capaz de a distinguir de um buraco na parede - e digo isto em dois sentidos. -- Tudo teria estado certo se nos sentíssemos atraídos uns pelos outros, ou coisa parecida. Não sou nenhuma Quritana - mas nem sequer tivera oportunidade de olhar para ela.

Respondi, olhando para David:

- Neste momento, tenho quanto me baste...

A rapariga soltou uma espécie de resmungo, o que não me agradou de maneira alguma, mas saímos todos juntos. Não sei como se combinou que, eles os três também fossem connosco.

A caminho do Hotel Hilton a mesma moça estava sempre a perguntar-me se eu queria umas pílulas. Não se calava, dizendo-me que podia arranjar-me todo o género de pílulas que eu quisesse. Era só dizer o que Queria.

Eu não era capaz de compreender o motivo por que ela procedia daquela maneira. Talvez quisesse impressionar-me. Ou talvez pensasse que eu era uma viciada em pílulas, o que não sou. Não me importo de fazer a uma boa mulher um minete escaldante, pouco depois de a conhecer. Se houver entre as duas uma boa atracção, sou capaz de o fazer numa cabine telefónica, desde que ela me excite. Mas essa tal Marianne encarava tudo como terreno conquistado. Ela nem sequer me conhecia.

Disse-lhe muito friamente:

- Não gosto de pílulas, gosto de amor...

Ela riu-se e disse:

-Não sei se sabes que as "Quaaludes" vão desaparecer do mercado em Fevereiro...

Eu não sabia que diabo eram as "Quaaludes".

Quando se trata de lubrificantes, peças postiças, foder, lambar, excitar, sei bem o que sou capaz de fazer.

Mas não sei quase nada acerca de drogas, e sou a primeira pessoa a reconhecê-lo.

Finalmente ela puxou de uma pequena caixa de aspirina, com o nome comercial de "Empirin", e disse:

- Queres uma destas?..

Naquela altura, eu já estava bastante irritada.

Disse ela:

- Olha, são apenas "Valiun"...

Depois de eu ter recusado, ela tomou duas e deu outras duas à sua amiga Sherry.

Fiquei satisfeita quando finalmente chegámos ao

hotel, entrámos e nos sentámos. O Coronel aproximou-se da mesa para cumprimentar David, e pareceu-me bom homem. Quando Elvis chegou, fiquei realmente excitada. Era a primeira vez que o via em pessoa. O que ele cantava não me interessava. Ele estava ali!

Depois, ao fim de alguns minutos, comecei a reparar em algo que realmente me agradou. Elvis fazia todos os gestos que eu me lembrava de ter visto na televisão e no cinema. Mas ria-se ao fazê-los, como se já tivesse passado a fase em que os fazia mas continuasse a fazê-los porque as pessoas esperavam que os fizesse. Agitava as ancas, fazia meneios com o rabo, girava e sacudia o pelvis, e depois ria-se, como para dizer: "Eh! Lembram-se desta?"

E arremessava lenços às raparigas que estavam entre o público. Comecei a pensar que o mais acertado a fazer seria tentar apanhar um dos lenços. Ao menos, seria uma atitude honesta. E pensei para comigo: Que diria David se soubesse que eu queria um? Acharia graça?

Quando o espectáculo acabou, fomos até ao camarim de Elvis. Fiquei bastante desapontada por as duas raparigas também terem ido connosco. Fiz votos por que Marianne não procedesse com Elvis tal como procedera comigo. Mas elas apenas andaram às voltas pela "suíte" e interessaram-se mais pelo que lá havia do que por qualquer outra coisa.

Custava-me a acreditar quantas medidas de segurança haviam sido tomadas para o proteger. Havia guardas por toda a parte. Finalmente, David e eu fomos para o seu quarto particular. Eu não queria acreditar no que os meus olhos viam.

Olhei para Elvis. ele ali estava! O meu maior herói. Quando eu tinha onze anos, retratos dele cobriam quase todas as paredes do meu quarto. Não podia crer que estava realmente a conhecer Elvis em pessoa! Era como um sonho.

Lembro-me de que, Quando era criança, costumava pensar: Oh! Elvis, se algum dia me tocasses eu não voltaria a lavar as mãos - nunca mais!

De todas as pessoas que conheci em Hollywood, a que mais me emocionou conhecer foi Elvis - a maior "estrela" da minha vida.

Infelizmente, ele estava com excesso de peso, e

parecia que tinha o rosto levemente inchado. Como é que o sonho podia ter envelhecido? E que era aquilo que ele dizia sobre "aikido" e sobre "karate"? Pareceu-me engraçado: eu sempre tinha pensado em Elvis

como sendo uma fantasia. Nunca imaginara que a fantasia viria a ser um homem simpático e amigável que se interessava pelo "karaté". A medida que ele falava e exemplificava, começou a despendar bastante energia, e ao fim de pouco tempo estava a transpirar.

Como lutara bastante para conseguir um Cinturão Branco em "kung-fu", sentia-me capaz de apreciar realmente alguém que acabara de receber um Cinturão

Negro de sétimo grau em "karate" - ao fim de treze anos. Por trás daqueles gestos estava um homem de intensa força de vontade, que se dedicara totalmente

a desenvolver uma mente e um corpo melhores.

Agora que Elvis parecia mais velho, parecia de certo modo também mais real. Era um homem simpático, já não era um rapaz. Pensando bem, parece que nunca me agradara o seu aspecto na década de 50. Os anos 20, 30, 40 e 60 pareciam-me interessantes, todos eles, mas os 50 pareciam-me estúpidos. As atitudes das pessoas e o aspecto que elas então tinham não me despertavam interesse.

Tínhamos preparado tudo para conhecer Liza Minelli e Alice Cooper, o que fizemos, após o que fomos

os quatro para o apartamento de Elvis, que ocupava todo o 13.º andar do Hotel Hilton.

Começou a chegar gente famosa à "suite". Estávamos todos sentados na cama de Elvis: Liza Minelli,

Alice Cooper, Chubby Checker, David e eu. Por cima da cama havia um enorme espelho, e, quando olhei para ele, pensei que estava a olhar para um estranho aparelho de TV que nos mostrava apenas o passado...

Eu estava de frente para David, mas podia ver Elvis de pé diante de mim, no espelho. Estava debruçado sobre o meu ombro, e tocava-me de um modo

amigável mas bastante casual. Era evidente que estava a abrir-se para mim. Eu não parava de pensar para comigo - este é Elvis! Fantástico! Sentia dificuldade em não começar a rir. Não sabia que espécie de sensação ele estava a causar-me. Sentia um misto de tantas

coisas estranhas... David via que Elvis estava a fazer aquilo de propósito, e começou a compartilhar comigo um pequeno sorriso; o que adorei. Aquilo realmente estava a excitar-me bastante... Eu olhava para Elvis e sentia amor por ele, enquanto ele tinha

as mãos sobre os meus ombros, como se fosse fazer-me uma massagem às costas! Que cena!

A velhota de Elvis estava do outro lado da sala, parecendo um tanto aborrecida, quando ele se levantou e começou outra vez com os seus golpes de "karate". Mostrou-nos como era capaz de se manter em equilíbrio perfeito quando se agachava repentinamente, de modo a não poder ser apanhado desprevenido. O adversário era capaz de lhe lançar os braços em volta do pescoço, mas ele estava tão solidamente apoiado que ninguém poderia derrubá-lo.

Depois, pediu a vários tipos que o rodeassem, e disse:

- Muito bem... Metro e meio de distância, com uma navalha!

E um daqueles tipos saltava, pegava numa navalha, e Elvis derrubava-o no soalho.

Estávamos a conversar e, quando havia uma pequena pausa na conversa, Elvis dizia subitamente:

-Muito bem: pistola!

Apontava para um dos tipos, Que dava um salto, fingindo que tinha uma pistola; e logo Elvis o derrubava por terra.

Lembro-me de ter pensado que Elvis era apenas um rapazinho que nunca chegara realmente a crescer, um rapazinho que se tornara muito, muito célebre quando era ainda muito novo... Tudo lhe foi parar

às mãos de uma vez. De certo modo, um pouco como sucedeu comigo_. Não quero com isto dizer que sou ou Que algum dia serei tão grande como Elvis, mas foi mais ou menos a mesma coisa.

E agora Elvis Presley estava na cama comigo. Elvis Presley era um sonho para mim. Quando estava ao meu lado, em carne e osso, era apenas um homem. Um homem muito simpático, amigoso, bondoso e gentil, por quem eu me sentia muito atraída. Ali sentada, sentia-me presa de sentimentos tão confusos...:

Pensei para comigo: que aconteceria se fôssemos foder?

Eu estaria a foder e a fazer broche a um sonho; não a um homem. Sucedesse o que sucedesse, eu não poderia esquecer que se tratava de Elvis. Elvis Presley!

Talvez começasse a chupar-lhe a piça e a pensar:

Caramba, esta é a piça de Elvis! E talvez me risse.

De resto, quem é que é capaz de foder um sonho?...

OLÁ LIZA NÃO PODEMOS IR, ESTAMOS PRESOS"

Quando saímos do apartamento de Elvis, Marianne e Sherry saíram connosco. Marianne disse que, quando voltássemos a Las Vegas para ver Liza, deveríamos entrar em contacto com ela. Disse que tinha bons conhecimentos e que nos arranjaría um apartamento grátis num dos hotéis. Mas aquilo entrou-nos por um ouvido e saiu pelo outro. Muitas pessoas dizem coisas como aquelas, e depois nunca mais ouvimos falar delas. É mais ou menos como dizer "Um dia destes temos de jantar juntos": na sua maior parte, as pessoas dizem coisas que não fazem.

Voltámos a Los Angeles. Na segunda-feira, David telefonou a Tony Zoppi, do Hotel Riviera, de Las Vegas, para reservar um quarto. Ambos tínhamos esquecido completamente o oferecimento de Marianne.

Nunca lhe telefonámos. Por isso, quando chegámos ao aeroporto de Los Angeles às 8.45, ficámos admirados ao ouvir chamarem pelo meu nome, através do sistema de altifalantes. Ninguém sabia que íamos a Las Vegas. Tínhamos decidido no último momento ir a tempo de ainda assistir ao último espectáculo, o da meia noite. Quem saberia que íamos? Havia uma mensagem no balcão de informações, dizendo: "Esperamo-vos no aeroporto com o carro. Tratámos das reservas no hotel. Grátis." Estava assinada: "Marianne".

Pensámos: Caramba! Como é Que ela soube a bora precisa em que íamos? Não era uma- atitude tão simpática? Fosse como fosse, ela deveria ter tido muita maçada para o conseguir.

Quando desembarcámos, Marianne e Sherry estavam lá para nos receber, juntamente com um tipo

que viemos a saber que era o homem de Marianne, chamado Jimmy. Marianne explicou que tinha um amigo que trabalhava na companhia de aviação "Western Airlines" e que lhe pedira que telefonasse a saber

em que voo vínhamos de Las Vegas, na terça-feira. Não sei se isso é ilegal ou contra o regulamento das companhias de aviação, mas a verdade é que esse amigo

telefonou a saber quem vinha em cada um dos voos, a começar pelo voo desse dia, da uma hora, até descobrir aquele em que vínhamos. Quando saímos do terminal aéreo, disseram-nos que tinham feito uma reserva para nós, no Hotel Dunes, de uma "suite" com dois quartos de cama.

David disse que havia um problema. Tinha feito

uma reserva no Hotel Riviera pois, desde que preparara o número de Ann-Margret, sempre ficara no Riviera e sentia uma espécie de obrigação de o fazer. Mas Mariane disse que tinham um advogado, um homem chamado Max, que pagara a "suite" por dois dias, para o caso de nós quisermos ficar, bem como todas as refeições, e ainda que Max queria discutir um grande negócio comigo. Disse que Max era um advogado muito conhecido de Las Vegas. E queria que eu entrasse numa peça em Las Vegas por 15 000 dólares por semana. David sorriu e disse:

-Creio que a Linda estará mais interessada em 100 000 dólares por semana, se decidir vir trabalhar em Las Vegas.

Mas eles pareciam tão simpáticos que pensámos dever ficar mais um dia, e, que diabo!, talvez fizéssemos negócio. Por isso dissemos que sim, com certeza:

- Marque um encontro com Max, se quiser, para cerca das cinco horas de amanhã.

Registámo-nos na recepção, levámos as malas para o quarto e comecei a desfazê-las: David telefonou a Marty Allen e disse que íamos chegar um tanto atrasados, mas que dentro de pouco tempo apareceríamos para o espectáculo de publicidade que fora planeado. Marianne disse que não tinham de largar já o carro, pelo que nos levariam. Por isso fomos. Tirei várias fotografias de publicidade com Marty Allen, como tinha prometido, porque gostava dele e penso que se trata de uma pessoa muito franca, genuína e cheia de graça.

Então Mariane ofereceu-se para nos levar ao espectáculo de Liza, pois já estávamos um pouco atrasados.

Durante o caminho perguntaram-nos se podiam ir ao espectáculo de Liza connosco, mas David disse que não sabia, pois só havia reservas para duas pessoas. Mas vi que lhe custou dizer aquilo, pois eles tinham sido tão simpáticos. Por isso, quando chegámos ao Riviera, David falou com Pat, um dos dirigentes do teatro que ele conhecia muito bem, e Pat falou com o mestre de cerimónias, que lhes arranhou entradas. A sala estava cheia, e nós estávamos junto ao palco, pelo que eles tiveram de sentar-se na extremidade da nossa mesa. E ficámos satisfeitos por tudo ter podido arranjar-se daquela maneira.

Paul Williams apareceu no palco e começou a cantar. Por acaso acho que é um dos maiores artistas do nosso tempo, e por isso fiquei muito aborrecida por todas as pessoas terem continuado a comer. Os

talheres de prata não condiziam com a música, e o ruído que faziam era uma chatice. Paul mostrou-se

muito amável e delicado connosco - veio cumprimentar David e apertar-lhe a mão. David nunca me tinha dito que ele e Paul eram amigos. Era realmente muito querido!

Apareceu depois Liza, que foi recebida com aplausos ensurdecedores. Então começou a acontecer uma coisa estranha no canto da mesa em que estava Marianne: eles começaram a gritar por Liza, dizendo coisas como "Formidável!". Aquilo começou a tornar-se aborrecido. Eram o género de pessoas que dão espectáculo

nos clubes nocturnos. Pensei que poderiam ser corridos dali. Ao princípio parecia que apenas estavam a querer ser simpáticos, mas depois compreendi que deviam estar bêbedos ou coisa parecida, porque aquilo estava a ser demais. Senti-me embaraçada quando começaram a gritar "Mas que bons momentos!" Não queria ir com eles aos bastidores.

Liza também não podia ignorá-los, e disse "Obrigada, obrigada!", mas via-se que desejava que eles parassem com aquilo.

Depois Liza apresentou-nos, bem como Paul Anka e Alice Cooper, ao público, num gesto muito simpático, exactamente igual àqueles que geralmente esperamos de uma "estrela". Liza era tudo: uma grande "estrela" e um verdadeiro ser humano. Penso que ela ainda é maior que a mãe, mas nunca cheguei a conhecer a mãe, apenas a adorava, e por isso não posso dizer com franqueza.

Houve uma grande cena quando me levantei para sair. Fiquei agradavelmente surpreendida. Muita gente começou a pedir-me o autógrafo. E Pat, um dos dirigentes do clube, veio dizer a David Que era melhor

tirarem-me dali, pois havia mais pessoas esperando à porta pelo meu autógrafo, e já começava a haver problemas de trânsito. Saímos pela porta de trás do palco e fomos para o camarim de Liza.

Finalmente regressámos ao nosso hotel por volta das seis da manhã e ficámos a dormir até tarde no dia seguinte. David levantou-se para fazer um telefonema a fim de combinar jantarmos com Liza, antes do espectáculo de Sinatra. Liza combinou encontrarmo-nos com

ela às 22 horas. Mal imaginávamos que não poderíamos comparecer ao encontro...

Soou a campainha da porta. Eram Max, Marianne e Jimmy. David mandou-os entrar e agradeceu a Max, o advogado, o quarto que nos arranjava. Max respondeu:

- Não se preocupem com isso. Divirtam-se e aproveitem-no
Eu ainda estava a arranjar o cabelo, secando-o,
e ia ouvindo parte da conversa através da porta da
casa de banho. Sabia que o advogado estava ali para
falar de negócios connosco, mas de repente verifiquei
que a conversa que me chegava aos ouvidos, vinda da
sala, era acerca de drogas. Estavam a dizer algo sobre
alguém depor ou não depor, e como alguém se safaria
ou não safaria. Então ouvi David dizer:

-Vamos falar de negócios.

Entretanto, Marianne e Jimmy andavam pela "suite",
servindo-se por vezes dos telefones, enquanto Max e
David falavam de negócios.

Quando sai da casa de banho minutos depois, fiquei
surpreendida ao ver Marianne de pé, ao lado do sítio
onde tinha a minha carteira, que estava sobre a cómoda.
Quando me viu, ela afastou-se rapidamente. A minha
carteira é um desses sacos grandes que se abre quando
o pousamos, e pensei que ela era curiosa e que ficara
embaraçada quando a apanhei em flagrante. Na altura
não lhe disse nada - porque pensava que em breve
nos veríamos livres deles, e Que assim seria. melhor.

Tinha enrolado uma toalha em volta do corpo.
Jimmy entrou no quarto, nesse momento, e parou
quando me viu de pé do outro lado do aposento. Fez
meia volta e saiu.

Passado algum tempo Max saiu com Jimmy, dizendo que voltaria a fim de entregar
pessoalmente a
David um guião. David sugeriu-lhe que o deixasse na
recepção, onde iria buscá-lo, mas Max disse que viria
entregá-lo pessoalmente.

Marianne disse que nos desejava uma boa viagem
de regresso, e que se voltássemos a Las Vegas a procurássemos. Todos sabiam que íamos
sair naquela
noite, e que não estaríamos no hotel das 20.30 até às
7.00' h. do dia seguinte. Por isso estranhámos muito
quando estávamos a vestir-nos, já tarde (e estávamos
no hotel quando supostamente já deveríamos ter saído),
e a campainha da porta soou. Quando David abriu
a porta, encarou com Max, que nem sequer tinha
ligado da recepção: limitara-se a subir. Não trazia
nenhum guião consigo, mas sim um livro. Embora
já estivéssemos atrasados. para o nosso encontro com
Fabian, no Hotel M.G.M., Max sentou-se no sofá e,
segundo vim a saber mais tarde, David fez o mesmo.

Subitamente, nesse momento, a porta abriu-se repentinamente e uns doze a dezasseis homens irromperam no quarto, empunhando armas de fogo! Não eram quatro ou cinco, mas pelo menos doze. Gritaram:

- Somos da polícia! Deitem-se no soalho!

Eu estava na casa de banho, mas ouvi todo aquele barulho. David e Max estavam já deitados no soalho.

David disse-me mais tarde que a primeira ideia que _lhe surgiu foi que Chuck contratara aqueles tipos para nos matar. A ideia seguinte que teve foi: "Por que não me mataram ainda?". E depois, finalmente: "É uma brincadeira. É o Marty Allen a divertir-sé à nossa custa..."

Mas o que ouviu a seguir foi um emissor-receptor portátil, e assim viu que aqueles tipos eram realmente polícias.

Um tipo de olhar furioso irrompeu na casa de banho, aos berros:

- Sou oficial da polícia! Saia daqui!

Quando saí, disse:

- Você está a brincar...: Que faz aqui dentro?

Também pensei que aquilo era uma brincadeira.

Atrás dele vi outros quatro tipos, que se encaminharam directamente para a cómoda, como se soubessem

bem para onde tinham de ir, e disseram:

-Aqui está! Encontrámos!

Quando lhes disse que, se tinham encontrado alguma coisa, era porque a tinham trazido com eles, empurraram-me do quarto para a sala de estar. Tinham algemado David, que estava deitado no soalho, com o rosto para baixo, e Max contra a parede. Eu não queria acreditar no que via.

Max berrava:

-Sei quais são os meus direitos! Sou advogado e acho melhor que me deixem fazer um telefonema! Não digo nada enquanto não falar primeiro com um advogado! Quero falar com Gene!

Voltando-se para David, berrou:

- Diga-lhes por que motivo estou aqui!

- Para me trazer um livro - disse David.

Levaram-no para a outra sala, e pouco depois soubemos que já lá não estava.

- Que aconteceu ao outro homem que estava aqui?

- perguntei.

- Deixámo-lo ir. Não encontrámos nada nele - disse um dos polícias.

- Mas em mim também não encontraram nada! -- disse David.

- Sim, mas este quarto é seu! - responderam-lhe.

- Sim, mas quem o paga é ele! - replicou David.

Voltei-me para os polícias e disse:

- Isto não pode ser! Por favor deixem-me tirar os rolos do cabelo.
Mas eles não me deixaram. Eu estava algemada.
Aquilo era incrível. Em determinado momento pensamos que vamos sair para passar uma noite agradável,
jantando com bons amigos. Sentimo-nos pessoas importantes e especiais. Mas, no momento seguinte, toda a
nossa vida se modifica - sem qualquer razão aparente!
Estamos inocentes, sabemos que estamos inocentes,
mas nada podemos fazer!
Aqueles polícias eram tipos ignorantes e ordinários,
e tratavam-nos como se fôssemos lixo. Foi uma experiência aterradora. De repente aparece alguém, brandindo um pequeno objecto de metal que julgamos reconhecer, e numa questão de segundos passamos por
todo o género de mudanças... Disse-lhes que queria ir
à casa de banho, e um dos polícias, um homem novo
com cabelo muito comprido, respondeu com ar sarcástico:
- Sim, nós costumamos perder mais droga ainda
quando as moças vão à casa de banho... Temos de
chamar uma agente.
Passados uns dez minutos eu disse-lhe:
- Ouça, eu tenho mesmo de ir à casa de banho,
e a tal agente ainda não apareceu.
E o polícia disse-me:
- Mije-se nas calças, minha senhora... Por mim
está bem. Você não é mais do que as putas da rua.
Um outro polícia disse então:
- Está bem, vamos arranjar-lhe uma agente.
Durante todo aquele tempo, eles tiravam fotografias, voltavam tudo de pernas para o ar,
 fingindo que
estavam a procurar qualquer coisa.
Eu disse-lhes:
-Que se passa? Conseguem boas notas com isso,

ou quê? Fazem isso a pessoas inocentes?
Talvez eu não devesse estar a provocá-los, mas
sentia-me ultrajada. Se um deles tivesse perdido o controle e apertado simplesmente o
dedo, eu teria morrido.
E não quero morrer. Tenho muitos motivos por que
viver.
Depois de nos terem levado para a esquadra da
polícia, separaram-me de David e levantaram-nos os
respectivos autos. Os polícias conversavam casualmente
sobre como determinada puta trabalhava para um certo
polícia ou como outra puta trabalhava para outro polícia. Aquilo tudo era nojento e
imundo, mas o pior
ainda estava por vir. Na altura em que chegámos à

esquadra da polícia, a Imprensa já sabia o que se passava. Ali estavam eles, à espera.

Uma matrona da polícia começou a esvaziar a minha carteira, e outra aproximou-se e disse, apontando para outra sala:

! - Ali dentro vai o diabo...

Um polícia com um charuto ridículo na boca atirava as minhas coisas para dentro de um saco, como

se fossem pedras. A polícia tira-nos todas as jóias, os anéis, o relógio, e põe tudo sobre o balcão. É uma experiência assustadora. Faz-nos sentir menos que um ser humano. Um dos tipos pegou numa carteirinha de comprimidos, como se fossem de heroína.

- Que é isto? - perguntou.

-É para nós, mulheres, usarmos quando chega o período - respondi.

O tipo limitou-se a resmungar e atirou os comprimidos para o saco.

Entretanto, iam trazendo algumas putas e levantando os respectivos autos na outra sala. Todo aquele

ambiente fazia lembrar um mau filme - com a diferença de que era real. Aquilo era uma grande anedota

para os polícias que estavam por trás do balcão e para os dois polícias que estavam comigo. Um deles disse:

-Aquela puta "trabalhou" tanto, que está a empestar a sala...

Penso que aquele tratamento era vulgar para com qualquer mulher que ali fosse parar. Não se importavam em saber quais as putas que trabalhavam para quais polícias.

Eu não era um animal. Que direito tinham eles de me tratar daquela maneira? Os oficiais da polícia têm a obrigação de defender a dignidade dos seres humanos. Ah! mas parece-me que eles se esqueceram de que devem trabalhar para o povo, e não o povo para eles.

Então comecei a chorar, e pedi um cigarro a um dos polícias. Fi-lo com bom modo, delicadamente.

Ele olhou-me de alto a baixo, com uma careta, e disse:

- Quem diabo és tu para querer um cigarro? Não te dou cigarro nenhum!

O engraçado é que eu não fumo, mas sentia-me tão assustada que pensei que fumar talvez me acalmasse os nervos. Disse-lhe:

- Muito obrigada, sr. guarda. É muito simpático.

Subitamente, compreendi por que razão aos polícias se chama habitualmente "porcos".

Puseram-me um número em frente à cara, tiraram-me o retrato, e fizeram o resto da merda que tinham

a fazer. Disse-lhes então:

- Não vos incomoda ver pessoas inocentes sendo tratadas da maneira como estão a tratar-nos a nós?...

Dos quatro que estavam perto de mim, três riram-se à gargalhada. Eram homens com a barba por fazer,

falando calão, sujos, porcos, que tratavam pessoas inocentes como o pó que pisavam com os pés. Finalmente, deixaram-nos fazer um telefonema. David, que

se mantém calmo em qualquer situação, telefonou primeiro a Liza. Ouvi-o dizer:

- Olá, Liza. Não podemos aparecer. Estamos na cadeia...

Alguns dos nossos amigos que tinham espectáculos em Las Vegas prontificaram-se a pagar a fiança, e saímos finalmente (aleluia!) sob caução. As acusações foram eventualmente, claro, retiradas.

Que viragem louca se verificara nas nossas vidas! Então compreendemos realmente que não passamos de pequenos peões - como um minúsculo insecto indefeso que se vê apanhado numa teia que o mantém preso - e que não podemos fugir. Não temos a certeza sobre quem teceu a teia, ou por que o fez, ou quem é na verdade a aranha.

Eis algumas das coisas que então descobri. Na verdade, constituíram um alimento para o meu espírito:

1) Em muitos Estados, se uma pessoa é presa e incriminada sob uma acusação referente a drogas, a sua pena poderá ser reduzida, ou poderá mesmo sair em liberdade se der à língua sobre quatro outras pessoas. É verdade: denunciavam-se quatro, e sai um. Que sistema!

2) A pressão política é a coisa mais importante num caso como o meu. O xerife estava a tentar tornar-se conhecido e mostrar como a cidade era rigorosa em casos de pornografia e drogas. Haveria alguma maneira melhor do que prender Linda Lovelace? Era uma maneira segura de se conseguir que o nome dele viesse publicado nos jornais.

3) Talvez Jimmy e Marianne utilizassem o quarto para comércio de drogas. Vim a saber que eles já haviam tido sarilhos com a polícia, e que a polícia andava atrás de Max por motivos que eu desconhecia.

4) David e eu fomos submetidos a um teste com o detector de mentiras, o qual confirmou que não tínhamos connosco quaisquer drogas.

Mas existe algo muito mais importante do que tudo isso. Não sei muito acerca de política, mas creio que há algo terrivelmente errado num sistema que não

respeita a dignidade de seres humanos. Quando há muito lixo no topo, ele começa a escorrer para baixo, sujando toda a estrutura... Os polícias, presidentes de município, governadores, senadores e congressistas estão cheios de imundície. E creio que isso sucede porque

as pessoas que rodeiam Nixon estão cheias de imundície. É claro que o Presidente da Imundície é Richard

M. Nixon, o burro número um do Mundo.

Se o povo tivesse mais voz activa na estrutura do poder, talvez as coisas fossem melhores do que são. Mas não tenho a certeza disso. Se os polícias ganhassem mais, talvez isso ajudasse. Mas não tenho a certeza disso. Na Inglaterra, se um polícia vai pela rua e vê suceder alguma coisa, aproxima-se de nós como nosso amigo. Mas aqui, entre nós, um polícia procede como se fosse nosso inimigo. Não diz: "Em que posso ajudá-la, minha senhora?"; mas sim: "Mas que porra está você a fazer?".

Talvez seja por isso que as pessoas não têm respeito pelos polícias. Neste país, estamos todos demasiado preocupados com o dinheiro..Devíamos pagar aos professores e aos polícias melhores ordenados, para toda a gente saber que os respeitamos e pensamos que são pessoas importantes. Isso talvez atraísse melhores professores e melhores polícias às respectivas profissões. Seria óptimo que todos os respeitassem sem terem de lhes pagar uma pequena fortuna, mas não creio que isso seja possível na América. Nós temos dinheiro no sangue.

Na sua maior parte, os polícias pensam que são grandes personalidades, que são uns tipos bestiais. É só dar-lhes uma pistola, que eles pensam logo que são grandes homens. Mas na sua maior parte são patifes ignorantes que não deviam merecer a confiança de pessoas honestas e respeitadoras da verdade. Eles podem amaldiçoar-nos, acusar-nos, algemar-nos mesmo quando não há fogo, nem sequer fumo. Devem sentir-se. bem fazendo alguém sofrer, fazendo que outra pessoa se torne ainda mais baixa do que eles são.

E estão sempre a rebaixar as pessoas. Põem pessoas na cadeia, em celas fedorentas e que nem têm um colchão no chão. Se o preso tiver a sorte de ter um colete sobre o qual dormir, os polícias talvez sejam bonzinhos e condescendam deixando-o dormir sobre ele. Eles não tratam as pessoas como pessoas - tratam-nas como animais. Isso deve reflectir o que eles devem pensar de si próprios.

Sei que as coisas podem ser diferentes. Mas parece estar a diminuir o número de pessoas que ajudam velhotas a atravessar a rua. Quem é que respeita os escuteiros? Hoje os escuteiros são uma anedota. Mas não creio Que alguém se ria de pessoas que são simples, ingénuas, bondosas e com vontade de auxiliar o próximo.

Uma das razões por que eu faço o que faço é porque acredito no prazer. Ficamos neste Mundo durante muito pouco tempo. Sendo assim, por que é que não podemos dar uns aos outros um pouco de prazer, enquanto cá estamos? Estamos na vida todos juntos, e todos nós vamos morrer. Por que razão têm as pessoas de se magoar umas às outras? A história é muito antiga, e talvez já esteja a tornar-se enfadonha, mas

por que é que as pessoas pensam que os que são bondosos: -- para com os outros são antiQuados, parvos e fáceis de levar?

Em tempos conheci um polícia que era uma pessoa bondosa e simpática. Estava sempre pronto a conversar com qualquer pessoa com bons modos, enquanto fazia, o seu serviço. Detestava ter de passar uma multa. Era um polícia assim. Realmente gostei imenso dele, quando vivíamos juntos, e ainda gosto. amo-o desde então, e amo-o hoje. É o meu pai.

P.S. - A propósito, gostava de vos contar a última novidade sobre a minha prisão em Las Vegas por causa das tais drogas. Depois de ter feito cinco viagens a Las Vegas, de ter gasto quinhentos dólares em testes com o detector de mentiras, dezoito mil dólares com honorários de advogados, além de inúmeras contas de hotéis, alimentação, passagens de avião, etc., foram retiradas todas as acusações que me haviam sido feitas. Na verdade, nunca chegámos a ser julgados.

)É curioso... Quando fui presa sob a acusação de ter drogas comigo, a notícia mereceu honras de primeira página nos jornais e grande destaque nos noticiários da Rádio e da TV em toda a nação - mas, quando as acusações foram retiradas, isso já não foi notícia. As análises químicas às minhas "drogas" deram resultados negativos. Se alguém me tivesse simplesmente perguntado, eu poderia ter explicado que aquelas pílulas eram as minhas vitaminas, mas as autoridades procederam com base naquilo em que queriam acreditar. Fico realmente assustada quando penso no que poderia ter-me acontecido se eu não tivesse quase vinte mil dólares para gastar a fim de provar que estava inocente...

Podia ter feito muitas coisas melhores com esses vinte mil dólares. E fico preocupada com o homem (ou a mulher que não tenha dinheiro para pagar a advogados. Quantas pessoas inocentes acham que temos nas nossas cadeias?...

UM MACHO IMPRESTÁVEL

Certa noite conheci numa festa em Hollywood um tipo que é um famoso jogador de futebol e, segundo se diz, um tremendo fodilhão. A festa foi dada por um gerente comercial na sua casa bem mobilada e confortável. Os criados iam passando com pequenos tabuleiros em que levavam aperitivos quentes e almôndegas de carne. As bebidas também não paravam de correr. Era o género de festa que não me agrada nada. As pessoas perguntavam umas às outras o Que faziam; tentando impressionar-se entre si. Não acredito nesse género de coisas. Se fazemos algo importante, ou se conseguimos um grande êxito, como o meu filme, as pessoas ficarão a saber. Sendo assim, por que maçá-las com coisas que poderão ou não acontecer? Penso sempre que é melhor discutir algo que seja mais pessoal.

Seja como for, o tal famoso jogador de futebol estava de pé, no meio de um pequeno grupo de mulheres que pareciam querer cair sobre ele. Para mim,

era evidente que ele estava a desfrutar a situação, como um galo vaidoso. Estava ali, fingindo que era tímido, com um sorriso recatado e amarelo, sempre a remexer nos seus botões de punho. Há já muito tempo que eu não via um tipo usar botões de punho. E tipos desse género não são mesmo o meu tipo... Não me agradam homens assim postiços, pretensiosos. Geralmente um tipo que se preocupa tanto em causar boa impressão às outras pessoas não tem muita confiança em si próprio - e acaba por não prestar para nada na cama. Mas eu tinha ouvido tanta coisa acerca daquele tipo que senti curiosidade em saber se aquilo era tudo trampa arranjada pelos homens das relações públicas ou se ele era realmente uma boa foda: Vi que ele estava a olhar para mim por cima do ombro de uma das tipas que estavam à sua frente. Eu tinha um vestido de seda simples, comprido e transparente, que revelava Que o meu corpo não era o de um polícia de 130 quilos. Finalmente, afastou-se das mulheres Que o rodeavam e avançou para mim: - Você é a Linda Lovelace, não é? - disse.

- Mas que fantástica aproximação! Caramba! disse-lhe eu. - A ideia não foi sua, pois não? Alguém

deve ter escrito essa frase para si...

- Há muita coisa que eu sou capaz de fazer e que você havia de adorar, filha - respondeu. - E sozinho sem qualquer ajuda seja de quem for...

Dizendo isto, voltou a mostrar o habitual sorriso de superioridade.

- Como, por exemplo, vir-se todo?...

Ele soltou uma gargalhada, mas ficou um tanto atapalhado.

- Sim - disse. - ia agora mesmo lá acima, a um dos quartos que lá há, para "tratar" de mim... Quer vir ver?

- Será preciso levar uma lupa?... - perguntei-lhe.

- Acho que não - disse ele. - Por que não vem lá acima comigo, para eu lhe provar o que digo? Ou você tem só conversa, e não gosta de acção?..

Pareceu-me que ele estava com vontade de foder, e decidi dar-lhe uma lição.

- Com certeza - disse. - Vamos...

Ele olhou para mim, procurando descobrir na minha expressão se eu estava a falar a sério. Devolvi-lhe o olhar, firmemente.

- Então, grande homem? - disse-lhe em tom de desafio.

Ele era um jogador de futebol e eu uma "estrela" de cinema, mas naquele momento parecíamos mais dois pugilistas da categoria dos pesados, olhando-se um ao outro, avaliando-se antes de um combate a contar para o título.

Ele voltou-se e encaminhou-se para as escadas, subindo-as como se fosse para a casa de banho, enquanto

eu esperava um momento em baixo, conversando banalidades com alguém.

Depois também subi. Ele estava num quarto situado ao fundo do patamar. A porta estava ligeiramente

aberta. Entrei e fechei-a.

Não disse palavra. Apenas me dirigi para junto dele e abri-lhe o fecho metálico da braguilha. Ele sorriu e pousou o copo em que tinha a bebida. Levei-o

para junto da cama, e pus-me em posição de pôr a funcionar a minha "garganta fundada"...

Ele ficou de pé ao lado da cama, mas tinha a peça murcha. Apliquei-lhe os lábios humedecidos sobre a peça e comecei a chupá-la.

Ele não tinha uma ferramenta muito grande, mas

começou então a entesar-se. Mais uns bons chupões, lentos e bem puxados, e a piça pôs-se em sentido. Não era um caralho muito comprido, mas o comprimento não é tão importante como o diâmetro - como poderá ser confirmado por qualquer mulher que valha dois reis de mel coado...

Eu estava a pensar pô-lo doido e depois largá-lo, quando sucedeu uma coisa estranha: só lhe tinha dado um ou dois chupões dos bons, quando o filho da mãe se largou todo e se esporrou. Um rio de esporra quente saiu-lhe sob pressão da piça e caiu-me sobre o vestido. Geralmente, adoro esporra. Não me importo que ela me caia na cara ou na garganta - por vezes basta-me pensar na esporra e também me venho toda. Mas aquele palerma tinha-me manchado o vestido! Tinha procedido como se nunca tivesse estado com uma mulher, de tão excitado que estava. Não gostei nada daquilo, e disse-lho.

Ele compôs o fecho das calças e disse:

- Geralmente venho-me depressa. É sempre assim.

E agora não consigo entesar-me durante quatro ou cinco horas. E já tenho estado com verdadeiras especialistas, acredita... Nunca me enteso duas vezes seguidas. Tenho de esperar pelo menos cinco horas.

Eu sabia que era capaz de provar que aquilo não era assim, em apenas cinco ou dez minutos, mas subitamente pensei para comigo: Para quê? Este filho da

puta tem fama de ser um garanhão, e afinal está é cheio de merda... E não serei eu a provar-lhe que ele poderia ser um grande homem, como afirmam todas as revistas.

Por isso, disse-lhe meigamente:

- Por que não voltas lá para baixo, para junto das senhoras tuas amigas, com o teu sorriso e a tua conversa de chacha?... Oh! Espera um momento. Parece que não tens os botões de punho direitos... Deixa-me endireitá-los..:

Antes de ele ter podido dizer uma palavra, ajeitei um pouco um dos seus botões de punho, e soltei uma gargalhada. Não pude evitá-lo. Aquilo tudo era tão estúpido... Aquele tipo e a sua reputação. A mim parecia-me que ele não sabia mais de sexo do que o homem na Lua... Qualquer tipo vulgar era mais homem do que ele. Ele tinha o retrato nos jornais de vez em quando, ao lado desta ou daquela tipa. Se calhar, era apenas publicidade para ambos. Uma candidata a "estrela" e o seu cavaleiro...

Ele saiu do quarto dizendo "Obrigado", como se

se sentisse orgulhoso de si mesmo, ou coisa parecida, como se realmente tivesse feito alguma coisa. Mas que idiota! Espero nunca mais voltar a vê-lo. O tipo pode ser bom a jogar o futebol mas, quando toca a foder, é o maior de todos os zeros.

EU RECEBO CARTAS...

Julho de 1973

A Linda Lovelace:

Você é uma porca enojante, repelente, revoltante, grosseira, ordinária, imunda, podre!!! Que tal isto, para começar?

Vi-a no "Espectáculo de Lou Gordon", há alguns domingos, na TV, e não posso acreditar que exista uma rapariga como você. Você não tem moral, não tem escrúpulos, não tem amor nem temor a Deus. Você é uma pecadora-pois não vive a vida que Deus destinou aos seus filhos.

Ele criou-nos segundo a Sua imagem, para amarmos toda a Humanidade mas não para dormirmos com toda a gente. Ele instituiu o casamento de modo que o sexo pudesse ser gozado para a realização sexual entre marido e mulher, e com o objectivo de eles poderem ter filhos.

Isso não significa que você possa foder com qualquer Tom, Dick ou Harry da Terra. Isso não significa relações sexuais antes do casamento, não significa entrar em orgias, não significa cometer actos de perversão nem entrar em bacanais em que é livre o amor entre todos.

Você é uma puta degenerada, para não dizer mais!!

Pouco penso em si, no seu filme, nos seus actos, nas suas crenças e na sua atitude perante a vida. Você nem vale o tempo que gasto a escrever esta carta. Há apenas uma razão pela qual estou a escrever-lhe. É que você afirmou na TV que recebe cerca de cem cartas por dia, todas elas dizendo que as pessoas que as escrevem gostam de si e aprovam os seus actos. Disse que não recebia cartas desagradáveis, que não recebia cartas de pessoas que não gostassem de si e que todas elas são elogiosas. Pois bem, esta não o é - por isso, acrescente-a à sua lista e, a próxima vez que estiver "no ar", vejamos se anunciará em público que nem toda a correspondência Que recebe é a seu

favor!

Dizer que os seus filmes ajudam o público é ridículo.
E os homens de espírito fraco, perturbado; que se
drogam, que se embriagam com álcool, mentalmente
doentes ou simplesmente pervertidos? Não acha que,
depois de verem um filme como os seus e outros semelhantes, eles ficam com certas ideias
e queiram violar,
espancar ou assassinar a próxima mulher que vejam
na rua?

Era isso o que devia acontecer-lhe a si, sua vadia,
para depois deixar, de vez, de fazer aqueles filmes!

.Orgulho-me de dizer que sou

M. H.

Haddon Heights, N. J

Para Haddon Heights, N.J. - Sinto-me feliz por publicar esta carta. Espero que se sinta
melhor, agora,
e tenha conseguido libertar-se das suas ansiedades.

Wilmette, 11 L. 60091

29 de Dezembro de 1973

Querida Linda Lovelace,

Sou um sacerdote católico e é meu dever, que aliás
cumpro com todo o prazer, levar cada vez mais conforto a todas as pessoas, católicas ou
não. E é uma

nova fonte de alegria para mim poder ajudar outras
pessoas a tornarem-se cada vez mais importantes nos
seus respectivos sectores de actividade.

Já li coisas a seu respeito e já a vi. Você tem aptidões muito impressionantes; as quais são
bem conhecidas em todo o nosso país. Ainda hoje, num jornal

de Chicago, vinha uma fotografia sua, dizendo que você
merecera a atenção dos meios de comunicação em 1973.

Que bem tão vasto você poderá fazer, por alcançar
tantos milhares de pessoas! O conhecimento desse facto
deve dar-lhe um sentimento de conquista e de paz.

E por isso eu oro para que o nome de Linda Lovelace seja conhecido e amado.

Com os melhores desejos, muito sinceramente.

(Rev.) E. W., S. J.

23 de Fevereiro de 1974

Querida Linda Lovelace,

Os jornais de Chicago publicaram uma reportagem
a seu respeito e a respeito do tribunal de Santa Mónica.

Juntamente vinha uma fotografia sua, com um bonito

chapéu. Era a melhor das suas fotos que tenho visto em jornais.

Sou sacerdote católico e escrevi-lhe há tempos para lhe dizer que o meu objectivo ao fazê-lo era dizer-lhe que ia orar por si, para que você fosse coroada de êxito no seu trabalho e fosse muito conhecida.

E o motivo deste bilhete é o mesmo.

Envio-lhe os meus melhores cumprimentos. Que tudo lhe corra bem e você possa continuar a ajudar os outros.

Muito sinceramente,

(Rev.) E. W., S. J.

Muito obrigada, e as minhas bênçãos.

Querida Linda:

Tenho 23 anos e estou a fazer uma bela vida como puta, especialmente no que se refere ao dinheiro. A maior parte dos meus cabritos pensam que tenho um

corpo fabuloso e dizem que sou uma grande foda.

Conseguir pôr de lado bastantes dólares: Só tenho um problema: cada vez mais cabritos pedem uma "garganta funda" e isso está a prejudicar o meu negócio.

Com certeza que não me importo de fazer broche e não me desagrada o sabor da esporra; mas só consigo metê-lo até metade na boca. Não me dá uma sugestão para ver se consigo meter tudo?

J. B.

Detroit, Michigan

A maior parte das mulheres que têm experiência sabem que uma das maiores sensações que um homem pode experimentar é que lhe chupem a piça, engolindo-a toda até aos tomates. O facto de a mulher ficar engasgada, sufocada eu enjoada com o gosto do esperma é

unicamente uma reacção da mente, acredite ou não.

Domine a matéria com o espirito; não tenha medo, e atire-se. Qualquer pessoa pode fazê-lo.. E não conseguir engolir a langonha sem ficar sufocada, tenha calma.

Meta-o todo na boca e deixe-o vir-se na sua garganta.

Eu aprendi a contrair e a dilatar os músculos da garganta, tal como os músculos da vagina.

Isso faz que

um homem sinta que está realmente bem dentro de nós,

porque a garganta é quente, húmida e sensual. Eu adoro fazê-lo. E sempre que o faço venho-me toda. você pode fazer o mesmo. Boa sorte - e bons broches.

Querida Linda:

Sou empregado de bar, e tenho uma reputação excelente. Pergunte a qualquer pessoa que me conheça. Tenho o maior caralho de Chicago. Você parece uma mulher capaz de experimentar tudo pelo menos uma vez: sendo assim, por que não me experimenta a mim? Não sei quantos tipos já a comeram, mas aposto que a minha piça a porá doida, logo que a vir. E, quando a meter dentro de si, filha, você dirá adeus a todos os outros homens que já conheceu. Há só uma coisa que poderá impedi-la de me procurar: é se é mentira o que se diz de você ser uma mulher que aprecia um bom caralho. Não tenha medo, Linda. Eu levo-a a passear e havemos de divertir-nos bastante na nossa linda cidade. Depois, dar-lhe-ei a foda da sua vida. Junto vai o endereço do bar. Por que não vem procurar-me numa noite de chuva? Se eu a comer uma só vez, Linda, nunca mais terei de pedir-lhe para a comer novamente. Chicago passará a fazer parte do seu itinerário, se você estiver interessada no êxtase. Venha para a levar, querida!

S.A.

Chicago, Illinois

Geralmente os que falam muito fazem pouco...

15 de Dezembro de 1973

Querida "miss" Lovelace,

Sou um "cowboy" de 51 anos, aqui no Novo México. Recebo o correio no Texas. Vi o seu filme "Garganta Funda" e acabo neste momento de ler o seu livro "Inside Linda Lovelace" (I). (I) - "Dentro de Linda Lovelace" - (N. T.)

Quero que saiba que acredito que o que você fez e está a fazer é provavelmente o maior passo até agora dado por qualquer ser humano da nossa era para transformar o futuro do nosso país e do seu povo.

Não considero nada do que escreveu ou fez no seu filme senão como belo e educativo.

Você viveu e está a viver uma vida melhor do que

a daqueles que a condenam.

Mantenha as suas convicções até ao último suspiro da sua vida.

Você ainda não fez tudo o que pode fazer: ainda a esperam grandes aventuras.

Quando puder venha visitar-me e à minha mulher, e nós lhe mostraremos mais uma faceta da grande vida.

Vivemos aqui uma vida que muitos poucos conseguem viver. Moramos numa velha casa de campo de

dois andares, construída em 1900 e cercada por muros

e pesados portões. Temos uma pequena piscina, uma

lareira para fazermos bifes sobre carvão vegetal, e uma

mesa de piquenique por baixo de uma enorme amoreira. Na sua maior parte, os alimentos que comemos

são saudáveis. Temos algumas cabeças de gado no

ranch, bem como uns cavalos bonitos e gentis. Temos várias centenas de milhar de acres para cavalgar,

bem como ar puro e sol brilhante. Não somos "swingers" (I) (I) - Casais em que o marido e a mulher têm, com consentimento mútuo, relações sexuais com outros casais, em conjunto ou separadamente. - (N. T.)

no verdadeiro sentido da palavra, mas é frequente virem viver connosco algumas raparigas, e temos

"prazeres a três" de todas as maneiras e feitios.

Levo injeções de testosterona de três em três semanas e ainda sou capaz de me portar bastante bem, para um velho.

A vida tem sido boa para nós e somos casados há 25 anos.

Eu e minha mulher sentimos amor por si, Linda,

e se algum dia você vier ver-nos havemos de a levar

a cavalo para ver, do cume das montanhas, uma parte

da vida que dará ainda mais alegria às suas já maravilhosas experiências. O convite é válido apenas por

cem anos... Sinceramente,

C.W.

cI Paso, Texas

Parece que vocês os dois gozam uma bela vida.

Desejo-vos o mesmo para os próximos cem anos.

Querida Linda Lovelace,

Sinto uma sensação estranha ao escrever isto, pois

o meu nome também é Lynda Lovelace. As pessoas

têm-me aborrecido é ficado a olhar para mim, como

se eu fosse alguma tarada, por causa do meu nome. Na verdade não me importo, pois penso que é uma honra ter o mesmo nome que você. Não vi o filme, mas li o livro, e acho que você é fantástica. Você fala de coisas que eu sempre quis fazer e a que nunca me atrevi devido à minha educação católica. Concordo consigo de todo o coração em que o sexo é belo e não devia ser escondido. Gostaria de arranjar uma cópia do filme que você fez, para poder vê-lo. Gostava de ter uma cópia, mas receio não ter dinheiro para isso. Divirto-me bastante ao telefone por causa do meu nome: não imagina as propostas que os homens me fazem pelo telefone! Mas eu limito-me a rir e desligo, O que é realmente engraçado é que até me pareço um pouco consigo, excepto que sou bastante mais forte e ando a ver se perco algum peso. De resto, custar-me-ia estragar a sua imagem... O que realmente gostaria de dizer é que você deve prosseguir o seu bom trabalho; e espero que faça muitos mais filmes. Sou casada, tenho quatro filhos e gostaria de um dia ter notícias suas. Graças a si, o meu casamento já não é chato: de facto, temos pela primeira vez uma fantástica vida sexual. Se quiser escreva-me, pois gostaria imenso de receber notícias suas,

Sr." Lynda Lovelace
Millington, Tenn.

É realmente maravilhoso saber que tenho uma boa influência sobre certas pessoas. Se gostava realmente de ver o filme, escreva ao congressista do seu Estado e diga-lhe que não acredita na censura. Só pessoas como você poderão contribuir para uma atitude mais evoluída relativamente ao sexo.

Querida Linda: _
Tenho 69 anos e já fiz bastantes coisas na minha vida, incluindo muitos "69". Vi o seu filme e acho que você é fantástica. Tentei convencer a minha filha de 32 anos, casada, a ir vê-lo. Mas ela recusou-se e ficou muito indignada por eu ter ido ver o seu pequeno filme. Embora já tenha 69 anos, estou em excelente forma. Todos os dias ando dois quilómetros a pé e ainda posso dar boas fudas.

A minha mulher faleceu há cerca de cinco anos, e sinto-me verdadeiramente só. Se você me chupasse o caralho, seria essa a proeza que fecharia a minha vida com chave de ouro. Você já alguma vez fez broche a

um velho? Deus certamente a abençoaria se você fizesse uma boa acção como essa.

Escreva-me, Linda querida, e diga-me o que pensa.
Eu era chefe de vendas de roupas de senhora antes de
me ter reformado, e costumava ter muitos contactos

com bastantes pessoas em toda a região oriental dos
Estados Unidos quando era mais novo. Por isso,
conheci muitos tipos diferentes e estive em inúmeros
sítios. Também tive bastantes aventuras sexuais nos
meus tempos, e ainda hoje as tenho, de vez em quando.

Mas Linda Lovelace seria um final condigno para
a minha vida.

Agradecendo antecipadamente a consideração que
o meu pedido possa merecer, creia-me,

H.G.

Boston, Mass:

Esta é uma das cartas mais queridas que até hoje,
recebi, mas a caridade começa por nós próprios.

As vezes penso que faço mais do que devo pelas pessoas. Ora ouçam esta, de um dos
meus "pacientes"!

Querida Lovelace:

Tenho 43 anos e, para dizer a verdade, há já muitos
anos que vivo aborrecida. Sou casada mas o meu marido
ausenta-se bastante de casa, em serviço, e os meus
filhos já são casados, pelo que fico muitas vezes só.
Há pouco tempo, fiquei com um simpático casal, enquanto o meu marido fazia uma das
suas prolongadas
viagens de negócios. Eles eram bons amigos nossos,
e jogamos o "bridge" juntos todas as quintas-feiras
à noite, quando o meu marido está em casa. Esse casal
é cerca de dez anos mais novo do que eu, e, em determinada noite, falaram-me do seu filme
e procuraram
convencer-me a ir vê-lo ao teatro "Pussycat"; aqui
em Los Angeles. Eu disse-lhes que as relações sexuais
entre mim e o meu marido nunca tinham sido grande
coisa, e que agora já não as considerávamos importantes na nossa vida. Mas devo
reconhecer que a curiosidade me venceu e, em vez de ir ver um filme da Elizabeth Taylor
nessa noite, fui vê-la. Devo ter ficado
acordada metade da noite, sempre a masturbar-me.
Só pensava em todas as coisas que você faz no filme,
e isso excitava-me. De manhã, senti-me muito cansada.
E mais só do que nunca. Fiquei realmente surpreendida
quando o marido da minha amiga me perguntou se

eu tinha visto o seu filme. Limitei-me a acenar afirmativamente com a cabeça, pois não era capaz de falar.

E foi então que a mulher me perguntou, muito meigamente, se nessa noite eu gostaria de ir com eles para

a cama. É que ambos sempre tinham pensado que o meu corpo era muito sensual e desejavam muito fazer amor comigo.

Senti-me ficar com as faces vermelhas e ia sufocando quando respondi. Apenas consegui murmurar uma palavra: "Talvez..."

Ao fim do dia, o marido veio do trabalho. Todos nos sentámos à mesa e comemos um bom jantar, mas nenhum de nós falou muito. Creio que estávamos todos a pensar naquilo. Depois do jantar, olhámos todos uns para os outros e, sem dizer uma palavra,

subimos para o quarto de cama.,

Como poderei descrever-lhe aquela noite, Linda?

Primeiro o marido fez amor comigo, enquanto a mulher nos observava. Masturbava-se, enquanto olhava

para nós. Tinha nos olhos uma expressão que eu nunca lhes vira: parecia um olhar de louca, meio vidrado, com os olhos salientes... Só de a ver assim fiquei tão excitada que ia-me vindo logo - eu, que não tinha um orgasmo há quatro anos!

Depois fiz amor com ela, o que ainda me pôs mais excitada, mas ela começou a lambem-me a cona e a comer-me toda - e creio que tive cinco orgasmos em cerca de dez minutos. Pensei que ela nunca mais ia parar. Continuava a pôr-me cada vez mais doida, até eu ficar quase completamente fora de mim. Apetecia -me subir pela parede acima, sentia um misto de prazer

e de agonia... Então eles os dois começaram a fazer amor um com o outro, enquanto eu via.

Desde aquela noite, toda a minha vida se modificou. Creio que a minha amiga arranjou um tipo de quem gosta, porque sai bastante, e o marido e eu estamos juntos três ou quatro vezes por semana. Só de pensar como nos lambemos e fodemos fico toda molhada, no momento em que estou a escrever-lhe esta carta...

Estes dias, quando olho para o espelho, vejo uma pessoa diferente. Sou feliz. Ando sempre com um sor. riso. A minha vida é uma foda. E já não implico com

o meu marido, perguntando-lhe quando é que volta das suas viagens. Ele agora anda mais descontraído, e até está a fazer melhores negócios.

Por isso quero agradecer-lhe, Linda. Obrigada por me ter feito sentir outra vez jovem, outra vez viva.

Quando quiser vir ter connosco, é só dizer-me.
Muito grata,

H.T.
Los Angeles, Califórnia

P.S. -Tenho um pequeno problema. Talvez possa ajudar-me a resolvê-lo. Acha que devo arriscar-me a contar tudo ao meu marido? Creio que seria interessante se ele se juntasse a nós, mas tenho receio da reacção dele.

Se o marido desta mulher tem feito viagens demoradas, é natural que tenha tido muitas aventuras. Nenhum homem gosta de se sentar sozinho num quarto de hotel, à noite, numa cidade desconhecida. Acho que esta mulher seria sensata se conversasse com o marido acerca da solidão das viagens e lhe dissesse que não se importaria que ele fizesse amor com outra mulher, uma vez por outra. Depois, Quando já estivessem a falar sobre os bons momentos da vida e o sexo, uma coisa conduziria a outra, e então poderia dizer-lhe como ela própria tinha resolvido o problema da sua solidão. Sem dúvida Que o marido entraria de boa vontade na próxima orgia de três ou quatro pessoas em que ela participasse. Não me admiraria nada que ele depois viesse a arranjar um emprego na cidade, e que nunca mais fizesse viagens...

A sociedade volta a atacar. Eis uma carta que recebi hoje:

Querida Linda Lovelace,

Estou sempre a ver o seu nome nos jornais, mas não vi o seu filme nem tenciono fazê-lo. Penso que deve ser revoltante, e não quero perder o meu tempo.

Você não tem medo de apanhar alguma doença venérea ou transformar-se numa máquina de sexo? Você deve pensar que todos gostariam de ser tão devassos como você. Pois bem, posso dizer-lhe que estou casada com um homem há já muito tempo e nunca sequer olhei para outro homem. O meu marido e eu éramos virgens quando nos casámos, e ambos nos orgulhamos disso. E quando nos casámos os nossos nomes foram publicados na página de acontecimentos sociais do jornal da nossa cidade.

É uma pena que haja vadias como você que queiram

dormir com todos os homens a que possam deitar a mão. Vocês tornam as coisas difíceis para nós outras, as mulheres virtuosas. Só porque os homens talvez se sintam excitados pelo vosso tipo de mulher, vocês pensam que são umas brasas.

O meu marido é bom pai e bom esposo e, se não temos relações sexuais com muita frequência, isso deve-se ao facto de sermos pessoas maduras, sensatas, que sabem que o sexo não é a principal coisa entre um homem e uma mulher.

Admiro-me que não a prendam. São prostitutas como você que levam as pessoas decentes a fechar as suas portas à chave, à noite.

Com a esperança de que você veja o erro em que vive,

Sr.e M. M.

Birmingham, Alabama

Esta "senhora" vai ficar sem o seu homem quando este lhe for roubado pela primeira boazona bonita, conhecedora de passagens da Bíblia, que lhe sorria durante a missa. Devem passar-se talvez mais coisas nos bastidores, na sua zona da cidade, do que ela imagina. O marido dela deve provavelmente masturbar-se na casa de banho todas as noites. Do que ele deve precisar é de uma verdadeira mulher, que saiba despertar nele, diabolicamente, o seu instinto sexual. Então talvez ele seja capaz de fazer despertar a mulher que deve existir em si.

Todos os intelectuais que por aí há querem a mesma coisa, quando chega a altura: uma boa foda. Eis uma carta que recebi hoje

Querida Linda,

Tenho 20 anos e sou estudante em Harvard. Vi-a quando você veio cá para aceitar o prémio do "Pasquim" e senti-me muito feliz por ter tido a oportunidade de conversar consigo depois do seu pequeno discurso. Estou relativamente certo de que não se recorda de

mim. Sou o tipo que discutiu consigo os julgamentos de casos de obscenidade.

Você pareceu na verdade uma pessoa muito compreensiva e aberta; por isso, sinto-me envergonhado por lhe dizer o que vou dizer. Sei que você será amável e manterá o assunto confidencial. Não queria que ninguém aqui viesse a saber isto. Linda, ainda estou virgem. Por vezes, parece que as raparigas se sentem

atraídas por mim, mas, quando chega mesmo o momento crucial, sinto-me dominado por uma náusea.

Lembrei-me de que talvez fosse de certo modo uma experiência reveladora para si ter uma experiência sexual comigo. Seria esse o momento supremo da minha vida, disso estou certo, e para si poderia ser bastante interessante.

Sinceramente,
A. H.
Cambridge, Mass.

Este garoto é provavelmente homossexual e nem sequer o sabe. Nada tenho contra rapazes homossexuais. São ótimas companhias e, frequentemente, muito espirituosos. Creio que as relações sexuais entre adultos dispostos a isso deveriam ser tornadas legais em toda a parte. mas, se este rapaz se sente dominado por uma náusea cada vez que fica mais perto da rata de uma moça, sugiro que ele experimente antes com um homem, para variar - só para ver como é. Se gostar, deverá ficar a saber o que é viver assim mesmo. Não acredito em esconder seja o que for no armário. Hoje em dia, o armário está a sair de dentro do armário... Quanto mais as pessoas se compenetrarem disto, tanto melhor para todos nós.

No que se refere a eu fazer-lhe pessoalmente uma introdução ao sexo, terei de lhe dizer delicadamente que não. Ficaria com receio dos estragos que poderiam ocorrer nos seus órgãos vitais, se eu desse uma ou duas cambalhotas com ele.

Desejo-lhe boa sorte e espero que uma rapariga (ou um rapaz) possa ajudá-lo a definir-se. Mas de modo algum quero ser eu a provocar, num simpático rapaz de 20 anos, um ataque do coração...

Ouvi falar de raparigas brancas que gostam de tipos negros. Houve muitos homens negros que me agradaram, uns por serem grandes e outros apenas por serem negros e lindos, mas a carta que se segue, e que recebi hoje, é um tanto invulgar - embora, diga-se a verdade, nada neste Mundo pudesse surpreender-me.

Querida Linda Lovelace,
Sou uma garota preta, e desde que me lembro tenho tido homens atrás de mim. Vista eu o que vestir, quando vou pela rua ou estou nalgum sítio, quase

todos os tipos que me vêem soltam o velho assobio do costume e dizem a velha frase: "Queres vir, filha?". Tenho só 19 anos e já comi alguns bons pretos, mas

sinto-me deveras ansiosa por experimentar uma piça branca. De vez em quando, sonho que um branco está a violar-me. O meu desejo era que um camionista branco, forte, de ombros largos, sardas e olhos azuis, me agarrasse e me violasse até eu ficar meio desfalecida.

Gostaria de levar para casa um tipo branco, mas tenho um pequeno problema. O meu irmão é homossexual. Ele sabe o que eu penso e está sempre a pedir-me que leve para casa um tipo branco. Gostaria de passar sossegadamente dois ou três bons dias com um bom e rijo caralho branco, pela primeira vez, mas se o levar a casa o meu irmão tentará de certeza fazer um pequeno negócio com ele, usando-me como isca: isto é, o homem teria primeiro de fazer coisas homossexuais com ele, após o que me comeria como recompensa.

Que acha que devo fazer?

A. VV.

Newark, Nova Jersey

Respondi a esta rapariga e disse-lhe que a melhor coisa que ela podia fazer era encontrar um tipo que estivesse disposto a hospedar-se por uns dias num hotel conveniente. Depois disso ela levá-lo-ia a casa, para o mano. Espero que dê resultado. Seria óptimo que o caso ficasse em família...

Tenho a certeza de que o tipo que me escreveu a carta que se segue encontrará uma garota que o torne feliz. Logo que eu encontrar alguém que possa satisfazer as suas necessidades, terei todo o prazer em organizar um desafio entre ambos, mas não é essa a minha especialidade. Acho que ambas as pessoas devem sentir-se felizes, quando estão juntas.

Querida Sr.a Lovelace,

Preciso de uma mulher forte que gostasse de me amarrar com cordas e me desse porrada até eu me fazer em merda. Há muitas mulheres capazes de entrar em casos de sadismo, mas nunca encontrei uma com personalidade suficientemente cruel para me bater a sério. Gozo Quando estou com elas, mas nunca consigo chegar ao orgasmo. Conhece alguma mulher muito forte, do tipo a que me refiro?

E que tal você mesmo? Você parece uma mulher capaz de ter força bastante para dar a um homem a sova da sua vida, para lhe morder os bicos do peito até sangrarem um pouco. Basta-me pensar em você a fazer-me isso, para desejar tê-la aqui, neste mesmo momento... Socorro!

L. S.
Albany, Nova York

Por vezes, as pessoas têm problemas que podem ser facilmente resolvidos. Senti-me feliz por ter podido ajudar a pessoa que escreveu a seguinte carta:

Querida Linda,
Há já quatro meses que ando com um homem, que é, sem dúvida, o melhor amante na cama que eu já conheci. É um homem sem pressas, que me põe como doida. Sabe mesmo do que gosto... Mordisca-me os bicos das mamas durante uns vinte minutos, dando a cada um deles um bom tratamento, e depois disso começa a descer com a língua, numa tortura lenta, passando pelo estômago, até chegar ao clitóris, que lambe até eu ficar a arder de desejo.
Mas aqui é Que está o busilis. Precisamente quando estou completamente doida e perdida, com desejos de que mo enterre, ele gosta de o meter, sim, mas no ânus. Acontece que tenho um cu apertado, e aquilo dói como o diabo. Ando morta por que ele me foda como sempre costumava fazer. Mas agora quer sempre enterrar-me pelo cu acima aquele lindo, duro e entumescido caralho de 25 centímetros.

Não sei que fazer. Tem algum bom conselho para me dar? Não quero de modo algum perdê-lo. Se você pudesse arranjar um pouco de tempo e ajudar-me de qualquer maneira, ou mesmo, com a ajuda de Deus, me resolvesse este problema, teria todo o prazer em o compartilhar consigo.

Orando para que isso aconteça,

L.W.

Você tem muita sorte. O homem com quem você está é um tipo que gosta de experimentar. Talvez ele precise de uma pequena mudança. No seu lugar, eu simplesmente lubrificaria o cu com um produto como

o "K-Y" e deixava-o gozar à sua maneira. E você poderia ficar também a gostar - e mais tarde ou mais cedo ele voltaria com certeza ao seu gosto antigo.

Algumas pessoas não sabem a sorte que têm. Eis uma carta que recebi hoje:

Querida Lovelace,
Acho que você é uma mulher fabulosa, fantástica e livre! Gostava que mais pessoas aderissem ao nosso estilo de vida. Mas esta não se destina a ser apenas uma carta amável: quero pedir-lhe ajuda, no caso de você poder auxiliar-me. Tenho andado com um tipo jovem, que é cinco anos mais novo do que eu. Tenho 27 anos. Ele é muito querido, e nós damo-nos muito bem. É realmente um rapaz encantador, -que adora a praia. Depois de me ter levado a sair durante algumas semanas, reuniu finalmente coragem e deu-me uma foda. Eu já andava desejosa de que ele o tivesse feito antes. Não me tinha faltado vontade de lhe ter dito isso, mas pensei que seria melhor deixar que a iniciativa partisse dele. Já andamos juntos, agora, há uns três meses. Só há uma coisa que não está bem: ele

não é capaz de se controlar. E vem-se sempre muito depressa, à primeira. Geralmente em poucos minutos. E depois tem de esperar trinta minutos antes de ser capaz de me foder outra vez. Mas então porta-se muito bem. Dá-me sempre uma virada boa, firme.

Como poderei conseguir que ele se aguento mais tempo sem se vir, à primeira? Entesa-se num instante, mas larga-se todo pouco depois de mo meter. Tem alguma sugestão?

Sinceramente,

J.C.
Baltimore, Maryland

Não sei que mais poderá esta mulher desejar. É evidente que o rapaz se habituará a ela e poderá aguentar-se mais tempo. Ele ainda se sente excitado só por andar a comê-la. É ainda muito novo - e talvez não tenha tido muitas mulheres. Por isso, espero que esta rapariga não lhe arranje um complexo. Se ela pudesse ser um pouco mais paciente, o tipo conseguiria controlar-se mais um pouco. Ela sentir-se-ia muito mais frustrada se aquilo não conseguisse entesar-se. Quando eu era mais nova,

andei uns tempos com um tipo que levava duas horas a ficar entesado. Teria-me obrigada a trabalhá-lo bem. É claro que ele ficou a saber que eu sou do tipo das que nunca desistem. Por isso, no seu lugar não me preocuparia com um tipo que se viesse depressa, desde que ele estivesse pronto a foder-me outra vez dentro de trinta minutos. Há raparigas capazes de ter um orgasmo só de saberem que estão com um tipo que se vem depressa.

Há uma velha canção segundo a qual, quando exprimimos o nosso desejo a uma estrela do céu, os nossos sonhos se tornam em realidade. Não gostaria que ninguém chamasse mentiroso ao autor da canção, e portanto vou compartilhar esta carta com toda a gente, dizendo depois qual foi a minha resposta:

Querida Linda,
Tenho um sonho. É este. Entro no seu quarto a altas horas, depois da meia noite, e você fica surpreendida, assustada, pois nunca me tinha visto. Mas compreende que não quero fazer-lhe mal quando vê o meu tremendo caralho latejando, e avançando para si. Você abana a cabeça - "Não, não." - Ainda meio adormecida, mas então eu estendo-me ao seu lado, e muito docemente aproximo-me dos seus lábios trémulos, sensuais e húmidos, levemente entreabertos. Suavemente, mas com firmeza, colo a minha boca à sua e começo a chupar-lhe a língua. Depois, lentamente, esfomeadamente, começo a beijar-lhe o corpo todo. Beijo-lhe as orelhas, o pescoço, os braços, os bicos dos seios, o estômago... Você tem a respiração entrecortada, quando a minha língua mergulha na sua linda
rata e quando, logo a seguir, lhe apanho com os lábios o clitóris... Você começa a gemer, presa de um estranho com

prazer: "Pare, pare um momento...", diz-me num murmúrio, da beira de um abismo. Mas eu não paro.

E subitamente, com um vibrante grito de prazer, você vem se toda... Todo o seu corpo vibra, mergulhado em êxtase.

Mas nós apenas começámos. Você continua deitada, mas apenas por um momento, a saborear aquele gozo. Agora é a sua vez de entrar em acção. E sua língua começa a descrever círculos em torno do meu pénis erecto, e depois começa, a chupá-lo. É um broche maravilhoso. Nunca senti nada igual na minha vida! São
uns chupões bem definidos, feitos por uma boca que realmente adora ter os lábios em volta de uma bela

piça dura. Ao fim de uns minutos, venho-me na sua boca, e você não se importa com isso. Você adora-o! Você quer mais e mais. Mas, antes, temos outras coisas a fazer. Por isso, com essa sua língua húmida e escorregadia, você volta a pôr-me entesado, e eu monto

em si. Começo a fodê-la. A foda aumenta de intensidade, até parecer Que alguém lhe meteu no corpo uma

broca pneumática Que a espeta com uma intensidade selvagem, como você nunca conheceu. Você pensa que ficará com o corpo partido em dois se aQuilo não parar, mas de repente começamos os dois a vir-nos juntos, numa violenta explosão de emoções incontroláveis.

A explosão passou. Olho para os seus olhos, e sonho. Você parece uma leoa fulva, que sabe finalmente qual o significado da satisfação.

E então você murmura: "Nunca disse isto a um homem: obrigada..."

Levanto-me, visto-me, e, a caminho da porta, falo pela primeira vez: "Lembrei-me de entrar só para a cumprimentar". Depois, saio e fecho suavemente a porta.

Como desejo que o meu sonho pudesse tornar-se em realidade! Mas agora surge a parte horrível. Eu nunca disse isto a ninguém: Linda, tenho 19 anos, sou um tipo simpático, com cabelo negro, encaracolado, e um ótimo corpo, bem desenvolvido, mas nunca dei uma foda. Não sei o que se passa. Mal chego perto de uma garota, fico gelado. Creio que o meu desejo é forte demais. Tenho tanto desejo que todo o meu corpo começa a tremer. Como receio que a rapariga note o que se passa, balbucio uma desculpa qualquer, e afasto-me o mais depressa possível.

Há aqui na universidade um rapaz que está sempre a dizer-me que quer que eu vá ao quarto dele, uma noite, só para ficarmos juntos. Mas é evidente que ele é um homossexual. Se eu lá fosse, seria provável que ele me fizesse um broche, e eu talvez não me importasse, não sei, mas desejava que a minha primeira experiência pudesse ser com alguém como você, porque então aposto que estaria pronto para a vida.

Seja como for, um tipo pode sonhar, não pode? Adeus, Linda. Amo-a.

P.W.
New Haven; Conn.

Quando recebi a carta deste tipo, fiquei bastante sensibilizada. Ele tinha-me excitado imenso, enquanto a lia.

E estava virgem. Pus a carta de lado, pensando responder-lhe mais tarde, nesse mesmo dia. Ele estava sempre a vir-me à mente, como um relâmpago, vezes sem conta. Ele parecia ser inteligente. Parecia ter o sentido do humor. Parecia estar a dizer a verdade. E naquela noite sonhei com ele.

Estava a telefonar-lhe. Ele não queria acreditar que era eu. Pensou que era alguém a pregar-lhe uma partida. Mas garanti-lhe que era mesmo eu, mas ele queria que eu o provasse. Perguntei-lhe se ele conhecia alguém em Nova York que fosse capaz de lhe pregar uma partida deste género, e ele disse que não, mas continuava a não acreditar. Eu disse-lhe então que a melhor maneira que eu tinha de o provar era ele vir directamente ao meu quarto em Nova York. Dei-lhe o nome do meu hotel e o número do quarto. Com uma voz de certo modo tímida e calma, disse-me que iria ter comigo e desligou'

Pensei que ele tivesse ficado demasiado assustado para aparecer. Mas na noite seguinte, um sábado, a campainha tocou e fui ver quem era. Eu tinha vestido um comprido "negligée" branco e esvoaçante, através do qual era possível ver as partes interessantes do meu corpo... Pensei que aquilo bem podia ter começado mais cedo, pois Peter era um lindo rapaz. Tinha ombros largos, ancas estreitas, pernas compridas e um estômago

liso. Trazia uma camisa sem gravata, um casaco "sport" azul e calças cinzentas de flanela. Parecia um jogador de ténis, que é um tipo de homem que sempre me excita:

A primeira coisa que me disse foi: "Ouça, quero pedir-lhe desculpa pela minha carta. Sentia-me embaraçado por estar virgem e queria abrir o coração e os sonhos a alguém que me compreendesse. Fiquei tão impressionado com o seu filme, e com algumas das coisas

que a ouvi dizer no seu espectáculo, que pensei que era você a única pessoa no Mundo capaz de compreender como me sentia. Nunca poderia ter dito coisas como aquelas a mais ninguém. O meu pai, por exemplo, é um homem que nunca seria capaz de compreender..."

Interrompi-o colocando-lhe os dedos sobre os lábios. Não queria que ele dissesse mais nada. Encostei o meu corpo ao dele, e senti-o começar a tremer.

"Vamos, descontrai-te" - disse-lhe. "Vem comigo..."

Peguei-lhe numa mão e conduzi-o para o quarto de cama. Com um virgem, uma mulher tem de ser muito forte, muito segura de si, e muito dominadora. E eu era-o. Não queria assustá-lo demais. Aliás, não íamos fazer nada que magoasse fosse quem fosse - apenas

íamos gozar um pouco e ver que espécie de reacções químicas se desenvolveriam entre nós. Ele estava tão assustado que vi que me tinha dito a verdade. Estava mesmo virgem. E precisava imenso de fazer amor.

No quarto de cama da minha "suite" havia um pequeno sofá forrado a cetim cor de rosa, onde o sentei, ao meu lado. Via-se através das calças que ele estava cheio de tesão, e era com dificuldade que eu não lhe deitava as mãos. Mas sabia que, mal lhe tocasse, ele

vinha-se todo, e eu não queria isso... por enquanto. Peguei-lhe nas mãos com as minhas.

"Deixa-me ensinar-te como é o corpo de uma mulher, Peter" - disse-lhe.

Obriguei-o a palpar-me as ancas e os seios, e abri levemente o meu "negligée", para ele poder passar-me as mãos pelas nádegas. Depois levei-o a passar-me as mãos pelo estômago e pelos bicos das mamas.

Muito cientificamente, disse-lhe: "O bico reage com muita sensibilidade a um polegar em rotação..." Mas eu própria conseguia manter-me calma com grande dificuldade. Ele ainda não me tinha metido as mãos entre

as coxas, mas eu estava a guardar isso para mais tarde.

Levei-o para a cama e comecei a despi-lo, sempre a tentar não lhe tocar na peça. Tirei-lhe o casaco e atirei-o para o soalho, e depois fiz-lhe o mesmo com a

camisa, os sapatos e as meias. Finalmente, abri-lhe o fecho metálico das calças, com muito cuidado. Ele tinha por baixo das calças um volume tremendo. Eu estava a ficar deveras excitada. Atirei para o lado a colcha e fi-lo entrar para dentro dos lençóis, para não ficar demasiado embaraçado, embora soubesse que mais tarde ele gostaria de exhibir o corpo.

Puxei o "negligée" muito lentamente por cima da cabeça, deixando-o contemplar demoradamente as minhas pernas, a coninha, o ventre e os seios, à medida que me despia. Nessa altura, ele já estava a começar a sentir-se mais descontraído. Aconcheguei-me contra ele, entre os lençóis, e voltei o rosto para o dele. Puxei-lhe a boca delicadamente para mim e dei-lhe um beijo lento, prolongado - o seu primeiro verdadeiro beijo...

O contacto dos nossos corpos era delicioso, eléctrico. Comecei a acariciar-lhe o corpo com a língua, lentamente descendo para o sítio onde ele sabia que eu queria chegar, ali onde ele estava doido e excitado - aquele caralho

orgulhoso, erecto, forte, latejante. Passei-lhe com a língua húmida e quente em volta do lindo caralho e ao mesmo tempo guiei a mão dele para a minha coninha. Eu estava

a segurar-lhe o caralho e a fazer-lhe amor com a boca quando a sua mão trémula e hesitante me tocou finalmente na cona...

Então, muito lentamente, afastei-lhe as pernas. Comecei a lambe-lhe os tomates, acariciando um de cada vez com a língua. Até lhe sentia os tomates começarem a tremer, arrepiados... Ele começou a emitir estranhos sons com a garganta-pequenos suspiros e gemidos de gozo. Não me parecia que ele fosse capaz de aguentar muito mais tempo. Por isso pus-lhe os lábios húmidos uma vez mais em redor do caralho e engoli-o todo até aos tomates, num movimento envolvente... Bum. Ele explodiu, ejaculando como um "geyser", num lindo e súbito jacto, para dentro da minha boca... A primeira leitada de um virgem - na minha boca.

Passado mais ou menos um minuto, ele olhou para mim: "Mais...", disse, "outra vez..."

Eu sabia que ele era novo e estava cheio de tesão, mas não pensei que pudesse estar pronto para outra tão depressa.

Por isso comecei a acariciá-lo suavemente, e macacos me mordam se ele não estava outra vez entesado em cerca de três minutos.

Ele fez força com a mão dentro de mim, empurrando energicamente. Mas eu disse-lhe "Espera, deixa-me mostrar-te como se faz..." Pensei para comigo que, se queria ensinar-lhe e estreá-lo, seria melhor que o fizesse como devia ser, para ele se lembrar sempre.

"Primeiro, olha bem para a minha coninha, Peter"disse-lhe. "Não tenhas vergonha, explora..."

Abri então os lábios da vagina e mostrei-lhe o clitóris, para ele saber como era e reconhecê-lo

"Perde sempre algum tempo no portal que conduz ao paraíso" - disse-lhe - "e, seja quem for o anjo, ele te deixará entrar bastante mais cedo..."

Peter era um excelente aluno. Começou a esfregar-me o clitóris com um dedo, brincando com ele com

muito jeito. Eu estava a ficar a ferver, e não conseguia afastar os olhos daquela piça orgulhosa e rija. Os dedos dele soltavam-me o clitóris de vez em quando, e o seu caralho parecia-me ainda maior do que ao princípio.

Agora ele já não tremia tanto, parecia um pouco mais seguro de si próprio, e eu queria vir-me. Por isso, peguei-lhe no caralho e guiei-o para dentro da minha rata, e

dei-lhe a sua primeira foda - verdadeira e bela! Os meus seios estavam rijos, os bicos cada vez maiores.

A minha cona escaldante envolvia-lhe o grosso todo, e com as pernas prendia-lhe os rins. Comecei a mover-me, para cima e para baixo, num ritmo cada vez mais intenso. Ia conseguir que ele se viesse comigo. Começou a bombar-me, fodendo-me como um verdadeiro homem, firme e rijo, montando-me muito bem. Aquilo era absolutamente maravilhoso. Ele estava mesmo a dar-me uma grande foda. Então obriguei-o a parar por um momento; e voltei-me na cama, para poder eu môtá-lo.

Lentamente, comecei a mexer-me para cima e para baixo, montada sobre o seu caralho. Há muita gente que não aprecia muito esta posição, mas ela é formidável, pois dá ao homem a oportunidade de descansar e mesmo assim de gozar. Também já verifiquei que muitos homens não se vêm tão depressa, quando estão deitados de costas.

Subitamente, ele agarrou-se a mim, e começou a bombar como um doido. Eu mal podia respirar. Ele estava cada vez mais doido, dando tudo por tudo. Começava já a transpirar, tal como eu. Éramos como dois

canibais selvagens, numa louca dança de desejo. Eu tive de agarrar-me, segurando-me aos seus ombros. Era como estar montada numa vaga alta, que subisse cada vez mais alto... Até ali, eu conseguira controlar-me. Mas então comecei realmente a ficar perdida. Era um gozo terrível, o que eu sentia, maior do que tinha esperado mais do que me parecera possível, com um virgem...

Talvez a ideia de que ele era virgem me tivesse excitado ao princípio, mas ele tinha-se formado e transformado num homem, durante os últimos vinte minutos. Um homem do qual me recordaria sempre. Porque, subitamente, comecei a vir-me - uma esporra boa, quente, doce. E ele também.

Sai de cima dele, momentos depois, e fiquei deitada sobre o travesseiro, as pernas abertas, exaustas.

Olhei para ele, e então aconteceu a mais surpreendente das coisas. Senti-me chocada. Não, ele não estava outra vez com tesão: estava a chorar, a soluçar baixinho...

Eu não queria acreditar.

"Nunca pensei que fosse assim!", soluçou.

"Assim como?", perguntei.

"Tão incrível... Tu... Tu... fizeste de mim...: um verdadeiro... Eu... sinto-me... como..."

"Como quê?", perguntei-lhe.

"Como um ganhão!", disse ele; sorrindo por entre as lágrimas.

Não pude deixar de rir.

Nessa noite fodemos mais cinco vezes, e cada uma

delas foi diferente e sempre um pouco melhor. Ensinei-lhe a fazer um belo e delicioso "69", que ele adorou.

Ele aprendeu a conhecer toda a magia que existe numa mulher - comigo. Aprendeu como se faz uma massagem ao clítoris e como se beija uma cona doce e rosada, a fim de poder mostrar às raparigas o grande valor que se lhes dá. Aprendeu como se mete a mão dentro de uma mulher, como se faz uma mulher vibrar como um violino, para que a melodia seja arrebatadora, seja uma expressão daquilo que de melhor a vida tem para oferecer. E aprendeu como uma língua pode ser uma maravilhosa ferramenta de valor inestimável.

Depois de se haver vestido na manhã seguinte e ter-se despedido de mim com um beijo, vi que tinha sido um rapaz que entrara naquele quarto mas que era um homem que saía. Assegurei-lhe que não tinha nada que se preocupar. Agora, as raparigas iam adorá-lo, porque ele compreendia os seus corpos. Disse-lhe que devia divertir-se. Perguntou-me se podia voltar a estar comigo, mas eu tive de lhe dizer que não. Pensei que seria o melhor. Disse-lhe que me escrevesse de vez em quando e me contasse o que fazia. Respondeu que, evidentemente, o faria.

"Não voltes a escrever-me sobre os teus sonhos", disse-lhe, com um sorriso. "Escreve-me antes sobre o que estiveres a fazer pois isso é real".

"Nada, ninguém, poderá algum dia comparar-se contigo, Linda!", disse ele, acrescentando: "Gostaria de dizer isto do alto dos telhados, mas sei que ninguém acreditaria no que aconteceu ontem à noite".

Olhou por cima do meu ombro, para a sua própria imagem no espelho.

"Eu e Linda Lovelace..."; disse depois. "A malta na universidade nem queria acreditar que nós tínhamos um encontro marcado, e por isso nem acreditará no que se passou. Não é que a coisa interesse... Sei que não teria sido capaz de sonhar o que aconteceu ontem à noite. Nem a minha imaginação consegue ser tão boa..."

Mas a minha era. Foi este um dos meus melhores sonhos.

Não é segredo nenhum que a falta de sexo é uma das maiores causas de coisas más no Mundo. Isto poderá parecer-lhes ridículo, a vocês que estão a ler este livro;

mas eu gostaria de ter conhecido o adolescente Dick Nixon. Talvez eu tivesse podido transformar o Mundo. Talvez não. Seria esperar demasiado de uma mulher...

/

Quando é que um fetiche não é um fetiche? Ontem
recebi esta carta
Querida Linda:

Tenho 26 anos, sou solteiro, razoavelmente simpático. Não tenho defeitos a não ser um:
sempre que

vejo uma moça passar na rua com "jeans" bastante
apertados, tenho imediatamente uma erecção. Não digo
que fico levemente entesado, nem digo que sinto uma
espécie de arrepio nos tomates. Digo que fico terrível mente entesado, o que para mim é
um embaraço.

Não posso deixar de pensar no motivo por que isto
acontece sempre. De resto, dou as minhas fodas com
bastante regularidade. Não tenho de Que me queixar.

Mas sinto-me como um rapaz Que nunca cresceu.

É muito frequente que um tipo que não se deixe per turbar, quer coma quer não coma
uma mulher, tenha

mais sorte do que um tipo que ande sempre a correr
atrás delas.

Espero que esta carta lhe chegue às mãos. Tenho
procurado saber se você tem um escritório, ou uma
firma de relações públicas, ou um representante, que
pudesse fazer chegar-lhe às mãos esta carta - mas não
tive sorte. Por isso, vou enviá-la à editora Que publicou
os seus livros, com a esperança de que ela saiba qual
o seu actual endereço.

Se a receber, peço-lhe por favor que me responda.
Sei que você será franca e honesta, porque tudo o que
li a seu respeito e tudo o que li escrito por si mesma
é precisamente isso - franqueza e honestidade.

J.S.

Filadélfia, Pa.

Este tipo não reconhece uma coisa boa, quando a vê.
Se eu fosse na rua e visse um tipo simpático ficar entesado só porque eu levava "jeans" um
tanto justos,
ficaria satisfeita. É claro que o que ele fizesse a seguir,
e as minhas primeiras impressões acerca dele, seriam
os factores mais importantes apesar na minha decisão sobre o que eu faria a seguir. Mas
este rapaz não deve
envergonhar-se do seu saudável desejo. Parece-me que

se trata de um homem bom, cheio de vida - e nisso não há nenhum mal.

Um caralho rijo não é nada que envergonhe seja quem for.

Por vezes, quando vejo uma mulher perder a cabeça e bater no filho em público, penso como ficaria envergonhada se fosse eu a perder o domínio de mim mesma.

Talvez a criança o merecesse, mas não creio que uma

pessoa exaltada possa ser um auxílio para as relações entre duas pessoas. Mas uma mãe a bater no filho em público parece ser aceitável. Na sua maior parte, as pessoas nem pensam duas vezes no caso nem param para olhar, mas quanto a mim trata-se de uma coisa muito errada.

Prefiro, em qualquer momento, ver um belo caralho entesado.

Como quase todas as mulheres têm pelo menos um par de "jeans" apertados, parece-me que o tipo que me escreveu gosta de todas as mulheres. Desejo-lhe mais energia, Joe. Espero que chegue o dia da minha vida em que possa ver acabar de vez atitudes cínicas nesta terra, e em que as pessoas se sintam orgulhosas dos seus corpos e dos seus sentimentos.

Tenho no espírito uma bela imagem de cem homens em cada rua, com uma saliência enorme nas calças, correndo atrás de cem raparigas, com "jeans" apertados, que não se apressam demasiado. E, quando eles as apanham, limitam-se a dizer: "Olá! Estou cheio de tesão por si. Não sei se poderemos conversar um pouco... Chamo-me..."

Estou deveras impaciente por comparecer pessoalmente nas muitas universidades que chegaram a acordo

comigo nesse sentido. Os rapazes e as raparigas das universidades são realmente as pessoas que mais interessam.

Vou levar-lhes a minha mensagem, procurando que ela seja ouvida no maior número possível de locais.

Ultimamente tem havido uma nova mania, uma nova loucura, em todas as universidades do país. Já a vi com os próprios olhos, tal como já vi na TV várias reportagens sobre' o assunto. Chama-se "streaking", e acho que é sensacional. Para o caso de álbuns de vocês não terem ainda ouvido falar, direi que se trata simplesmente disto: uma pessoa despe-se, corre de um sítio para outro, e

procura não ser apanhada. Sei que nos anos 20 e 30 os estudantes universitários costumavam engolir peixinhos dourados, só para se divertirem, e que nos anos 40 trepavam a mastros de bandeira ou assaltavam dormitórios de raparigas para lhes roubar as calcinhas - mas acho que estamos a fazer progressos quando as pessoas se despem em público. Continuamos a ser saudáveis.

Sou completamente a favor. Um destes dias talvez eu mesmo provoque parangonas nos jornais mostrando que sou uma dessas pessoas. Se pudéssemos convencer alguns daqueles idiotas de Washington a libertarem-se dos colarinhos engomados e lançarem para o lado, as gravatas - e talvez mesmo a correrem nus pelo Senado uma ou duas vezes em cada sessão -, isto seria uma grande democracia... Que diabo! Já experimentámos quase tudo o resto. Mas voltarei ao assunto mais tarde.

TAL PAI, TAL FILHO

Não há muito tempo; fui convidada a assistir à apresentação de um novo filme feito por uma grande "estrela" de Hollywood. Sempre pensei que esse homem era dos que tinham aspecto mais viril na tela, embora não tivesse fama de ser um grande amoroso. Agora está mais velho, e talvez já em certa decadência, mas ainda gosto dele e recordo-o como o via nas minhas fantasias de criança.

Por isso, fiquei realmente satisfeita por me encontrar entre o pequeno grupo de pessoas convidadas a ir a uma pequena festa em casa dele, depois da apresentação do filme.

O filme não era grande coisa, mas devo confessar que o actor me pareceu bom. Pareceu-me ainda melhor quando se aproximou de mim, mais tarde nessa noite, na sua típica mansão de actor ao estilo antigo. atravessou um pequeno grupo de pessoas que bebiam os

seus "cocktails" e sorriu quando se aproximava de mim

- Olá! - disse-me com um sorriso aberto, simpático. - Julgo que não nos conhecemos, mas sou um

grande admirador seu, Linda. E devo dizer que você está absolutamente deliciosa...

O seu tom de voz era genuíno, não tinha nada de

maldade. Havia nele algo que era muito simples e sincero, apesar de ser um homem elegante. Parecia haver nele uma interessante combinação entre a franqueza simpática e a elegância requintada.

Por cima do ombro dele pude ver o seu igualmente famoso filho, num canto da sala, olhando-me com, certa curiosidade, como que procurando avaliar-me. Eu sabia que se dizia que os dois se davam muito mal, e que as revistas de cinema garantiam que nem sequer falavam um com o outro. O filho era realmente um tipo jeitoso, e fiquei a pensar no que ele estaria ali a fazer, se é que as histórias que contavam eram realmente verdadeiras. Devolvi-lhe o olhar, e momentos depois vi que se encaminhava para nós.

Ergueu o copo num brinde silencioso, ao aproximar-se de mim, e, no rosto uma expressão meio azeda, disse:

- Aposto que o velhote lhe disse que é um grande admirador seu, Linda...

O pai adoptou imediatamente uma atitude rígida:

-Como vê, aqui o meu rapaz decora todos os '

papéis dele, e também os meus! - disse, sem sequer se incomodar em olhar para o filho. Disse aquilo com um sorriso, mas o ambiente tornara-se subitamente ; muito tenso, e era possível ver, num relance, que as tais revistas tinham razão.

-Briquem, briquem! Eu detesto a paz!-disse eu, sorrindo. Os dois homens sorriram subitamente, parecendo-se exactamente um com o outro durante um breve momento. Depois o filho virou costas e afastou-se, enquanto o pai olhava com ar irado para ele, durante um momento. Mas, quando se voltou para mim, era outra vez um homem genuinamente encantador. Pensei para comigo que eles eram mesmo maus um para o outro, mas que deviam gostar bastante um do outro para se ligarem por meio de uma ira tão súbita. Pensei que, se não gostassem um do outro, não se preocupariam sequer o bastante para se zangarem.

Enquanto ia andando pela sala, comecei a sentir-me observada por ambos. Foi fantástico! Podia sentir os dois olhando para mim de cantos opostos da sala. Não era capaz de me decidir sobre qual deles era mais atraente. Encolhi os ombros. Mas que situação curiosa!

A noite foi passando. Aos poucos, mas regularmente, as pessoas presentes iam-se retirando. Os cinzeiros estavam cheios. E as pessoas também, e eu acho que havia sido essa a única razão por que elas tinham

ido à festa.

O pai estava de pé ao meu lado, a conversar comigo, e, precisamente na altura em que me dizia em voz baixa "Porque não fica, Linda?", o filho apareceu ao seu lado.

Não creio que ele tivesse ouvido o que o pai dissera - mas as primeiras palavras que disse foram "Porque não vamos embora, Linda?"

E ali fiquei, sem saber o que fazer: Mas disse-lhe:

- Gostava imenso de ir consigo, mas vejo que quero

ficar com ele.

Depois, voltando-me para o pai, disse-lhe:

- Gostava imenso de ficar consigo, mas vejo que quero ir com ele...

Aquilo parecia um tanto confuso, e todos começámos a rir.

- Por que não ficamos todos os três?... - disse-lhes então, em voz baixa.

Pai e filho olharam-se, pela primeira vez naquela noite. Olhos nos olhos. Tinham os queixos espetados para a frente da mesma maneira. Via-se que estavam ambos bastante decididos e irados.

- Por favor... - disse-lhes em voz suave, olhando para um e para outro e dando os braços a ambos.

A escuteira Linda Lovelace fez a sua boa acção número três...

Olhámos em volta. Toda a gente já se retirara, com excepção dos mordomos e dos empregados do bar.

A casa não era minha, e por isso ri-me e disse:

- Deixem-me ver se sei orientar-me...

Bem, não levei muito tempo a encontrar um quarto de cama. De resto, nunca levo muito tempo... Creio que tenho um sentido natural de orientação.

Quinze minutos depois,, estava eu a ser lambida e fodida por duas gerações. E eles eram ambos sensacionais. Foi realmente um bom bocado.

O velho tinha realmente uma grande peça. Surpreendeu-me quando nem sequer esperou que eu me despisse: baixou as suas próprias calças, levantou-me as saias e começou a enterrar-mo, mesmo de pé. O filho, entretanto, procurava tirar-me o vestido por cima da cabeça. Achei a sena engraçada, porque estávamos num quarto elegante e lindamente decorado, e eles estavam tão excitados que nem queriam esperar um minuto.

Como já disse, o velho estava a foder-me de pé, e o filho estava por trás, de mim, até que finalmente conseguiu tirar-me o vestido por sobre a cabeça. Mas nem então fomos para a cama. O filho pegou-me nas mamas por trás e começou a fazer-lhes umas carícias muito suaves, enquanto eu subia e descia pelo caralho

latejante do pai, como se estivesse numa montanha russa... Finalmente, o velho veio-se, e fomos todos para a cama.

Logo que nos pusemos debaixo dos lençóis, baixei a cabeça e comecei a lamber a piça do filho. Então fiquei admirada com o velho. Pensei que ele teria ficado exausto, mas não creio que tivessem passado cinco minutos quando comecei a sentir a pressão dura de um caralho no meu cu. E foi assim que me vi a fazer broche ao filho, enquanto o pai me ia deliciosamente ao cu.

Subitamente, num tremendo surto de gozo, começámos todos a gemer e a respirar ruidosamente. Todos sabíamos o que ia acontecer. Estávamos a fazer sinais uns aos outros, com as nossas respirações opressas... Então aconteceu: viemo-nos todos ao mesmo tempo! Senti o filho vir-se todo na minha garganta e o pai vir-se ao mesmo tempo no meu cu... Foi realmente

uma coisa terrível.

Então, sucedeu uma coisa estranha. Subitamente os dois, pai e filho, estavam a olhar um para o outro com verdadeira ternura. Momentos depois o filho baixou lentamente a cabeça e, cheio de ternura, começou a fazer um broche ao seu velhote. E o pai começou a chorar, com lágrimas descendo-lhe pelas faces... Muito suavemente, pôs os braços em volta da cabeça do filho, como se quisesse tê-lo ao colo, e começou a gemer.

Nunca tinha visto ninguém fazer um broche assim. Tudo aquilo era feito com imensa ternura. Ambos estavam a chorar. Era como se ambos estivessem a pedir desculpas um ao outro, ao princípio. Mas, depois, ambos começaram a ficar excitados. E eu via que o velho estava a ficar doido com aquilo. Começou a gemer:

- Oh... Oh... Oh! meu filho... Oh! meu filho... Oh? que língua! Oh! Que boca...

E o seu caralho começou a ficar outra vez rijo pela terceira vez em menos de uma hora, o que achei

ótimo para um homem daQuela idade. O filho não conseguia meter o caralho do pai bastante fundo na boca, mas começou a chupá-lo até onde podia, para cima e para baixo, cada vez com maior rapidez. E o pai estava mesmo a ficar doido; e começou a gritar:

-Oh! Oh! Não pares!

Era uma coisa linda ver os dois juntos daQuela maneira - mas eu comecei então a sentir-me de fora.

Assim era uma chatice... De resto, eu é que tinha começado tudo aquilo.

Creio Que eles nem repararam quando me vesti e, se realmente me ouviram quando saí, com certeza que não quiseram perder tempo a despedir-me. Mas não me importei. Palavra que não. Olhei para trás, para contemplar aquela cena digna de uma madona, e fechei sem ruído a porta ao sair.

De vez em quando, vejo fotografias deles nos jornais e nas revistas. É frequente terem os braços por cima dos ombros um do outro. De vez em quando tenho tido notícias deles, quer por carta quer por telefone. Mandaram me há pouco um bonito Qresente: uma caixa com papoilas.

Caramba... Como é bom saber Que consegui reunir duas simpáticas pessoas! O filho é um excelente rapaz. e não há dúvida de que saiu mesmo ao velhote.

NÚMERO ERRADO

Ontem veio um tipo a minha casa para arranjar o telefone. Eu telefonara à companhia dos telefones dizendo que os botões do aparelho ficavam presos quando se levantava o auscultador do descanso, pelo

que não podia fazer ligações. Como o telefone estava registado em meu nome, o tipo sabia quem eu era e pensou que tinha o direito de presumir que podia dar-me uma foda ali mesmo.

Quando entrou, vi imediatamente que havia qualquer coisa no ar - mas não me refiro ao seu caralho.

Começou a olhar a toda a volta, como se estivesse num museu ou coisa parecida, apenas cheio de curiosidade por saber como eu vivia. Ou talvez estivesse a procurar saber se mais alguém estava em casa. E acontece que ninguém estava.

O tipo, que era baixo e magro e trazia uma maleta com ferramentas, olhou para o talão que trazia na mão e perguntou:

-Você é mesmo a Linda Lovelace?

Eu respondi-lhe:

- Por favor, conserte o telefone.

Não me agradavam a expressão que ele tinha no rosto e o facto de continuar a olhar em volta, examinando tudo. Ele talvez não me tivesse desagrado

se fosse honesto bastante para me dizer: "Eh! Caramba... Se você é a Linda Lovelace, eu gostava mesmo de falar consigo... ou de ver a sua casa, ou de a foder". Mas, em vez disso, tinha apenas uma expressão estúpida no rosto.

Então disse:

- Sabe? Sou capaz de arranjar muitas coisas, além do telefone...

Olhei para ele:

- Que quer dizer com isso?

- Ora, ora - disse ele. - Não me venha com histórias. Não arme em inocente comigo...

Aquilo pôs-me realmente furiosa. Afinal, ele tinha vindo ali por um motivo puramente profissional. E disse para comigo: Vou dar a este tipo uma lição que ele nunca mais esquecerá. Disse-lhe:

- Estou a ver que você é um daqueles tipos com quem as mulheres não fazem farinha... Muito bem: você é o meu tipo.

Ergueu logo as sobrancelhas. Creio que ficou surpreendido. Não devia ter pensado que aquilo seria assim tão fácil - apesar de ter falado como se eu fosse fácil...

- Vem cá, meu lindo - disse-lhe eu. - Hoje está a apetecer-me gozar...Tive uma manhã tão aborrecida. E só de ver um homem estou a ficar excitada...

Ao ouvir isto, avançou para mim, com a respiração opressa. -- Eu tinha uma camisola de mangas curtas, de cor laranja, e calças verdes claras, muito justas. Ele começou a beijar-me o pescoço e as orelhas, apertando-me num abraço desajeitado.

Devo dizer que não me desagradava um leve odor corporal, desde que seja saudável, natural. Para mim, é mesmo excitante. Mas aquele tipo estava realmente fedorento. Cheirava tão mal que parecia trabalhar nos esgotos, e não em casa das pessoas: Esforcei-me por ficar ali, deixando que ele me abraçasse e respirasse :
. sobre o meu rosto. Mas eu tinha um plano. E pu-lo

em prática.

- Um momento - disse-lhe.- Por que é que não, nos pomos à vontade, para fazermos as coisas como deve ser?.. Deixa-me despir-te, filho, e depois vamos para o quarto fazer uma pequena festa... Só tu e eu...

Comecei a tirar-lhe o casaco. Teve uma certa dificuldade em tirar os braços das mangas. Era tão desastrado! Além disso, estava nervoso e excitado. Lentamente, fixando-o demoradamente nos olhos, comecei a desabotoar-lhe a camisa.

Nesse momento, ele já estava a respirar com tanta dificuldade que até pensei que cairia morto, a todo o momento. Tinha um peito magro, metido para dentro -era mesmo um tipo que não valia nada. Não me importo de ir com tipos pequenos, que por vezes são excelentes montadores, com bastante poder de resistência. Mas havia naquele tipo algo muito doentio.

Até tinha pequenas borbulhas vermelhas e manchas em todo o peito, como se não se lavasse ou como se transpirasse sempre demasiado.

Baixei-me, e ele rapidamente abriu a braguilha, pensando que eu ia fazer-lhe um broche ou coisa parecida, o palerma! Estava a baixar-me apenas para lhe

tirar os sapatos e as meias. O que fiz. Depois levei-o a sentar-se no sofá e puxei-lhe as calças, para as tirar.

O tipo tinha cuecas grandes e largas, à moda antiga, Que deviam ser pelo menos dois números maiores do que o dele. De um azul desbotado. E tinha umas perninhas arqueadas que mais pareciam palitos para os

dentes do que pernas... Disse-lhe:

- És lindo, filho, és mesmo lindo... Estou impaciente por que mo enterres todo...

Tirei-lhe as cuecas, e vi que o seu pequeno pénis estava entesado. Não valia nada.

- Não vais despir-te? - perguntou, esforçando-se por falar entre duas inspirações oprimidas, meio sufocado.

- Com certeza... - murmurei. - Vamos para o quarto. Tenho espelhos por toda a parte. Quero que te vejas a ti mesmo enquanto me fodes, filho... Acho que vais mesmo adorar...

Peguei-lhe na mão e levei-o para a porta de saída da sala de estar. Voltei-o, de modo a ele ficar de frente para mim. Ficou entre mim e a porta, de costas para esta.

- Beija-me, filho... - disse-lhe.

Talvez tenha sido aquele o mais medonho, o mais fedorento beijo que até hoje provei. Um verdadeiro cano de esgoto! Mas valeu a pena: Estendi as mãos por trás dele e, com um leve empurrão, empurrei-o porta fora, para a rua banhada pelo sol brilhante após o que rapidamente bati a porta e a fechei à chave!

Não liguei importância às pancadas na porta. Ele começou a berrar:

- Abra! Abra! Por amor de Deus, deixe-me entrar!.
Olhe que perco o emprego! Peço desculpa...

Não respondi.

Algures, não sei onde, um tipo ficou furioso de raiva e totalmente nu. Não sei como ele terá regressado à repartição, ou Que história terá contado, mas, se Quiser receber de volta a roupa, terei todo o prazer em lha remeter. Basta que me envie um bilhete postal com o seu endereço. Ou, se preferir, talvez eu possa enviá-la para a companhia dos telefones, com um pequeno bilhete explicando tudo. Talvez possa mandar esse bilhete juntamente com a minha conta mensal... Seja como for, espero que ele se tenha divertido bastante a fazer o ""streaking" ao longo da auto-estrada...

Os botões do meu telefone ainda estão avariados. Mas também o está o mecânico da companhia dos telefones.

Mais tarde, comecei a pensar mais um pouco no palerma da companhia dos telefones. A sua atitude para comigo foi realmente um reflexo da merda que vai por este país. De certo modo, aquilo não foi sequer culpa dele. Ele deveria saber portar-se; mas na verdade não passa de uma vítima das circunstâncias. Tal como um papagaio, limita-se a repetir o Que lhe ensinaram. Então comecei a pensar nos polícias de Las Vegas e em como eu tinha caído numa armadilha para me prenderem por causa da droga, e compenetrei-me de Que um e outros estavam relacionados. Os julgamentos por obseenidade referentes ao filme "Garganta Funda" também eram elos da mesma cadeia.

De um modo geral, só os filmes que conseguem grandes receitas de bilheteira e que são lisongeiros para a indústria cinematográfica vêm a ser indigitados para a atribuição dos "Óscares". Mas eu penso que tudo o que afaste as pessoas dos seus receptores de televisão e as leve de volta às salas de cinema deve ser bom para a indústria cinematográfica. Porém as pessoas têm demasiado medo dos censores para poderem reconhecer o fenómeno chamado "Garganta Funda" e o seu êxito.

Mais merda. Afinal, trata-se de um filme que foi feito por 28 000 dólares - numa altura em que a maior parte das companhias estão a gastar um mínimo de dois ou três milhões de dólares para fazer um filme. Depois, dá um lucro de quinze milhões de dólares,

para se tornar um dos filmes de maior receita de todos os tempos. Se pensarmos que foi exibido apenas num número limitado de cidades - ao todo menos de 25 poderemos ter uma ideia sobre quanto o público deseja ver filmes como "Garganta Funda".

Faz tudo parte da mesma coisa. Merda. Corrupção. O Sistema. O que interessa é saber o que se pode fazer. Os amigos dizem: "Esquece, não podes lutar contra o Município". Mas eu não acredito nisso. Cada pessoa tem a responsabilidade de fazer o mais que pode e o melhor que pode para lutar. Os Estados Unidos começaram quando as pessoas ficaram iradas e mandaram foder o Rei da Inglaterra!

Chegou a altura de dizer a mesma coisa a Nixon e aos velhos que governam o nosso país. Não creio que se deva recorrer à violência. Mas o povo tem o poder do voto, e deve utilizá-lo. O problema é que

todos os políticos são basicamente o mesmo. Estão todos divorciados do povo. E como poderia ser de outro modo se mais de 52 por cento dos habitantes deste país têm menos de 30 anos, e 98 por cento das pessoas que dirigem os Estados Unidos têm mais de 35 anos? Onde está o nosso representante no Governo ou na Casa Branca?

Mas não basta queixarmo-nos, e eu decidi que não basta apenas votar. Tenho uma responsabilidade maior do que essa. Sou muito conhecida. Talvez deva fazer mais do que a pessoa média, porque represento algo. Quando alguém diz o nome "Linda Lovelace", as pessoas sorriem. E fazem-no porque adoram o sexo, querem-no. Por que não? Por que teremos todos tanto medo de dar expressão aos nossos desejos?

Penso que chegou a altura de o Sistema mudar, de os jovens terem voz activa no Governo. Por vezes penso no que sucederia se eu me candidatasse à Presidência dos Estados Unidos... Isto parece tolice mas, quanto mais penso no caso, tanto menos tola me parece a ideia. Nada sei acerca de governos: Mas, ao menos, não tenho nada a "desaprender".

Olhem à volta. Que vêem? Eu vejo o preço de tudo a subir, de tal modo que não devemos admirar-nos se um pão vier a custar um dólar - e mesmo assim talvez não possamos comprá-lo -, e isto está a acontecer num país que tem mais cereais do que qualquer outro no Mundo. Vejo pessoas que não confiam em nada do que os seus dirigentes têm a dizer. Vejo um motorista de táxi pagando mais impostos do que o

Presidente dos Estados Unidos, que ganha 262000 dólares num só ano e paga menos de 800 dólares de impostos. Eu vejo mentiras, batotas, eliminação de provas, aos mais elevados níveis do Governo na América.

Por isso, quem tem mais moral? Eu, ou Nixon?

Sei que nunca poderia ser nomeada candidata por qualquer dos partidos. Talvez lance um novo partido - o "Partido das Pessoas Honestas".

Vou fazer uma digressão pelo país, durante a qual proferirei discursos, logo que este livro seja publicado, e - quem sabe? - talvez lance para a arena o meu chapéu e o meu corpo. A minha plataforma eleitoral talvez fosse uma só palavra: Amor. É essa a única plataforma. Não seria formidável se houvesse alguns dias em que o Presidente não pudesse atender fosse quem fosse, por se encontrar na cama todo o dia - e não digo na cama com um livro...? Não seria formidável?

Sim.

"Concidadãos americanos, por este meio declaro que a próxima terça-feira será feriado nacional, porque o Presidente espera fazer amor nesse dia - todo

o dia. E, como sinal do vosso patriotismo e da vossa fé na bondade do povo da América, convidamo-vos a fazerdes o mesmo!"

Devíamos experimentar isto. Já experimentámos tudo o resto, e vejam em que estado nos encontramos...

Fiz um filme sobre amor. Falo de amor. Respiro

amor. Vivo o amor... Mas o que vejo é ódio, violência, mal, corrupção, suborno e mentiras.

Eu represento as mulheres, libertadas; represento os amantes, amando ; represento os jovens, livres ; represento a paz e a bondade do amor. Votem por mim.

VOTO

Creio na liberdade sexual. Por consequência, dou o meu voto a Linda Lovelace para próximo Presidente destes Estados Unidos da América.

Nome Idade

Endereço
Cidade Estado Observações para a Linda

Enviar para:

"Miss" Linda Lovelace

c/o Pinnacle Books
275 Madison Avenue
New York, N Y. 10 016